



RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Temas Livres
V.15, N.3 | 2024.3



PPG COM
UFOP

PÓS
COM

CONJUR

INTERCOM
GP Rádio e Mídia Sonora

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

Temas Livres
V.15, N.3 | 2024.3

Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o radiojornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

realização:

PPG COM
UFOP
Comunicação e Temporalidades

PÓS COM

CONJOR
Convergência e Jornalismo

apoio:


INTERCOM
GP Rádio e Mídia Sonora

Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

Debora Cristina Lopez (UFOP) | editora
Juliana Cristina Gobbi Betti (UFOP) | editora
Sheila Borges de Oliveira (UFPE) | editora
Aline Monteiro Homssi (UFMG) | assistente editorial

Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

Belén Monclús
Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

Daniel Martín Pena
Universidad de Extremadura (UEx), Espanha

Doris Fagundes Haussen
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

Eduardo Meditsch
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Eduardo Vicente
Universidade de São Paulo (USP), Brasil

José Luis Fernández
Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

Luciano Klöckner
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Luiz Artur Ferraretto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Madalena Oliveira
Universidade do Minho (UMinho), Portugal

Mágda Rodrigues da Cunha
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Manuel Fernández Sande
Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Marcelo Freire
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

María del Pilar Martínez-Costa
Universidad de Navarra, Espanha

Mia Lindgren
Swinburne University of Technology, Austrália

Monica Rebecca Ferrari Nunes
Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

Nair Prata
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Nelia Rodrigues Del Bianco
Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Othon Fernando Jambeiro
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sonia Virginia Moreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

Tiziano Bonini
Università di Siena, Itália.

Pareceristas nesta edição

Ciro Götz
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Debora Cristina Lopez
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Filipe Mostaro
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Juliana Gobbi Betti
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Karina Woehl de Farias
Universidade Estadual Paulista (Unesp Bauru)

Lidia Paula Trentin
Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Marcelo Freire
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Marta Maia
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Mirian Redin de Quadros
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Nair Prata
Universidade Federal de Ouro Preto / Fumec (UFOP/Fumec)

Patrícia Monteiro Cruz Mendes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Rafael Ferreira Medeiros
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Rodrigo Miranda Barbosa
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Sheila Borges de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Projeto gráfico

www.lenabenz-comunica.com

Capa

Aline Monteiro Homssi, sobre fotos de FreePik

Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto
R. Diogo de Vasconcelos, 122.
Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais
CEP 35402-048

Perspectivas da comunicação sonora como fenômeno plural

Perspectives on audio media as a plural phenomenon

Perspectivas sobre la comunicación sonora como fenómeno plural

Sheila Borges de Oliveira; Juliana Gobbi Betti; Debora Cristina Lopez

Em um processo histórico e contínuo, a consolidação dos estudos radiofônicos brasileiros tem caminhado em paralelo com sua expansão. A criação de novos grupos de pesquisa, a organização de atividades interinstitucionais e a realização de projetos de pesquisa coletivos são exemplos de ações que demonstram o amadurecimento da área ao mesmo tempo em que revelam novas demandas. Neste contexto, espaços que possam acolher a pluralidade constituem-se cada vez mais essenciais para contemplarmos a multiplicidade de temas e abordagens necessários à compreensão do rádio

>> Como citar este texto:

OLIVEIRA, Sheila Borges de; BETTI, Juliana Gobbi; LOPEZ, Debora Cristina. Perspectivas da comunicação sonora como fenômeno plural. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 2-5, set./dez. 2024.

Sobre as editoras

Debora Cristina Lopez

debora.lopez@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFOP). Bolsista Produtividade em Pesquisa Pq-2 (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Juliana Gobbi Betti

jugobbibetti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5948-7966>

É Doutora e Mestra em Jornalismo (UFSC), pós-graduada em Filosofia e Direitos Humanos (PUC-PR) e jornalista (Metodista/SP). Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado, com bolsa institucional, na Universidade Federal de Ouro Preto.

Sheila Borges de Oliveira

sheila.boliveira@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social (PósCom) da UFPE. Doutora em Sociologia, tem graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

e das mídias sonoras, especialmente considerando a (re)configuração de seus diferentes processos e manifestações. O debate que se organiza no campo de estudos revela uma preocupação com questões epistemológicas (Lopes et al, 2023) e com os diálogos com abordagens múltiplas do fenômeno.

A pluralidade se inscreve em distintas dimensões derivadas da própria compreensão contemporânea do objeto sonoro. Não se trata somente de observar além das perspectivas sonoras, mas também de entender o protagonismo do áudio, as dinâmicas de consumo e, a partir disso, endereçar o debate sobre as formas de pensar a comunicação sonora na academia. Destacamos também a importância de analisar o fenômeno, não limitando o rádio a um objeto de estudos (Bessire, Fisher, 2013). Isso se reflete em uma complexificação da abordagem acadêmica sobre a comunicação sonora, dando protagonismo a diálogos com outras áreas, construindo contextos teóricos e do fenômeno em si. A área se abre, pela sua natureza, ao debate da diversidade e da pluralidade, especialmente no que diz respeito às epistemologias (Lopez, Betti e Freire, 2024) e às abordagens decoloniais, construídas a partir do contexto social do fenômeno (Bronfman, 2022).

Dedicada aos temas livres, esta edição da Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora, a última deste ano desafiador que foi o de 2024, reflete esse amadurecimento das pesquisas relativas ao rádio, ao podcast e ao produto sonoro como elemento central de pesquisas que perpassam não apenas a comunicação, mas outros campos de investigação da grande área das ciências sociais aplicadas. Nesse sentido, esta edição reúne nove artigos e uma resenha que evidenciam temas, abordagens, geografias e perspectivas plurais.

O primeiro texto, de autoria de Roscéli Kochhann (Unemat), busca contribuir com a superação do desafio do estudo do rádio contemporâneo ao apresentar uma proposta metodológica estruturada em um protocolo aberto pensado para permitir adequações às especificidades de diferentes questões e objetos inerentes à comunicação radiofônica. Já seguindo a linha das discussões epistemológicas, Bruno Balacó (UFC) direciona seu olhar para o conhecimento produzido sobre radiojornalismo esportivo no contexto de

plataformização, realizando uma revisão das pesquisas publicadas desde 2018.

A análise de podcasts é o foco dos dois estudos seguintes. Em um deles, Izani Mustafá (UFMA) realiza uma análise audioestrutural para compreender o lugar da humanização e do jornalismo científico nos podcasts *O veneno mora ao lado*, *Pelo avesso* e *Tempo quente*. No segundo deles, Daniel Gambaro (Unicamp) e Nivaldo Ferraz (Centro Universitário Belas Artes) recorrem à pesquisa exploratória para observar a significação e a ressignificação de elementos da cultura pop no podcast *Medo e Delírio* em Brasília.

Deste destaque para a relevância do rádio como linguagem para o entendimento de temas científicos e políticos, o artigo seguinte, de autoria de Octavio Pieranti (Unesp/Secom PR), Maíra Bittencourt (UFS/EBC), Adriano Goetz (UnB/EBC), Thiago Regotto (EBC) e Gilvani Moletta (EBC), nos leva a considerar a contribuição do rádio em outra problemática central na atualidade, a emergência climática. Partindo da perspectiva da comunicação pública, o texto traz um registro histórico da experiência da Rádio Nacional durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio deste ano.

Já para discutir o cenário da migração radiofônica AM-FM, os pesquisadores da UFPR João Cubas Martins, Maíra Rossin Gioia de Brito, Valquiria Michela John e José Carlos Fernandes levantam questões sobre esse processo de mudança tecnológica, salientando os desafios das emissoras frente às limitações técnicas e políticas que permeiam as alterações do dial. Depois de problematizar essa migração, o leitor vai conhecer o artigo de Fábio Ribeiro (UTAD) nos leva a atravessar o continente para nos apresentar o contexto das emissoras portuguesas. O autor defende ações de literacia mediática voltadas ao universo sonoro. Com foco no papel do som como elemento comunicativo, Ribeiro salienta o potencial adaptativo do som e argumenta em prol da cultura sonora.

Nos artigos finais, o enfoque histórico permite recuperar a memória do rádio nacional pelo viés tecnológico e conteudístico. No texto de Nísio Teixeira (UFMG), Carlos Jáuregui (UFOP) e Raphael Castilho Bueno Silva (UFMG), a ênfase é dada à indústria nacional, recontando o desenvolvimento da fábrica de rádios

Cacique a partir de registros documentais, principalmente materiais publicados em jornais entre as décadas de 1930 e 1940. Por sua vez, Arnaldo Zimmermann (FURB) entende a reportagem radiofônica especial como um documento que favorece a preservação da memória, fundamentando sua proposta na análise da produção da Rádio CBN sobre a história das Copas do Mundo de futebol masculino.

Fechando esta edição, Gessiela Nascimento (USFC) resenha a obra *The Media and Communications in Australia*, organizada por Bridget Griffen-Foley e Sue Turnbull. A autora enfatiza o cenário de transformações impulsionadas pela digitalização, detendo-se, em particular, no universo do podcasting. Uma boa leitura!

Bibliografia

BESSIRE, Lucas; FISHER, Daniel. The anthropology of radio fields. **Annual Review of Anthropology**. V. 42, out. 2013. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-anthro-092412-155450>, acesso em 26 dez. 2024.

BRONFMAN, Alejandra. Radio, decolonization, and decoloniality in the Caribbean. In: LINDGREN, Mia; LOVIGLIO, Jason. **The Routledge Companion to Radio and Podcast Studies**. Londres: Routledge, 2022.

LOPES, Paulo; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de. **Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022**. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/radio-e-epistemologia-distanciamento-e-aproximacoes-nos-gt-s-da-compos-de-2000-a?lang=pt-br>> Acesso em: 26 Dez. 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. **Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais**. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/epistemologias-dos-estudos-radiofonicos-construir-a-pesquisa-com-lentes-plurais?lang=pt-br>> Acesso em: 26 Dez. 2024.

Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica

Thinking the Radio Object: Guiding Questions for an Expanded Perspective on Radio Communication Process Research

Pensar el objeto radiofónico: cuestiones orientadoras para una mirada ampliada en la investigación de procesos de comunicación radiofónica

Roscéli Kochhann

Resumo

Neste artigo, apresenta-se um recorte da tese de doutorado intitulada “Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo”. A pesquisa teve como objetivo a construção de um protocolo aberto para investigações a respeito dos processos de comunicação radiofônica. A partir da realização de uma pesquisa bibliográfica e de uma análise de conteúdo de caráter qualitativo, a investigação apontou que o olhar para o rádio como objeto de pesquisa pode ser orientado a partir da observação de quatro dimensões: a caracterização do ouvinte, a caracterização do produto midiático radiofônico, as tecnologias envolvidas nos objetos empíricos em análise e, ainda, os contextos de produção

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 06/11/2024 aceito em: 04/12/2024.

>> Como citar este texto:

KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 06-21, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Roscéli Kochhann
rosceci.kochhann@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5384-159X>

Doutora em Comunicação na Universidade Federal do Paraná. - UFPR. Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Comunicação Social - Hab. Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. É professora do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso- Tangará da Serra. Tem interesse na pesquisa e docência em jornalismo, especificamente em radiojornalismo.

do fenômeno radiofônico em investigação. Além do protocolo, o percurso apresentou como resultado a construção de uma lista de questões orientativas que auxiliam a construção do caminho metodológico do pesquisador. Estas questões são apresentadas nesta comunicação.

Palavras-chave: Rádio; Interações; Metodologia da pesquisa. Protocolo metodológico.

Abstract

This article presents an excerpt from the doctoral thesis titled *"Methodological proposals for communication processes and interactions in contemporary radio"*. The research aimed to construct an open protocol for investigating radio communication processes. Based on a bibliographic review and a qualitative content analysis, the study identified that examining radio as a research object can be guided by observing four dimensions: listener characterization, characterization of the radio media product, the technologies surrounding the empirical objects under analysis, and the production contexts of the radio phenomenon being investigated. In addition to the protocol, the research also resulted in the development of a list of guiding questions to assist researchers in building their methodological approach. These questions are presented in this paper.

Keywords: Radio; Interactions; Research methodology; Methodological protocol.

Resumen

Este artículo presenta un extracto de la tesis doctoral titulada *"Propuestas metodológicas para los procesos de comunicación y las interacciones en la radio contemporánea"*. La investigación tuvo como objetivo construir un protocolo abierto para investigar los procesos de comunicación radiofónica. A partir de una revisión bibliográfica y un análisis de contenido cualitativo, el estudio identificó que la investigación de la radio como objeto de estudio puede orientarse observando cuatro dimensiones: la caracterización del oyente, la caracterización del producto mediático radiofónico, las tecnologías que rodean a los objetos empíricos en análisis y los contextos de producción del fenómeno radiofónico en investigación. Además del protocolo, la investigación también dio como resultado una lista de preguntas orientadoras que ayudan a los investigadores a construir su enfoque metodológico. Estas preguntas se presentan en este artículo.

Palabras Clave: Radio; Interacciones; Metodología de investigación; Protocolo metodológico.

Introdução

O rádio, compreendido aqui como um meio constituído como um conjunto de interações que constrói os seus processos de comunicação a partir do áudio, é multifacetado. Na contemporaneidade, apesar de manter o som como característica central, apresenta-se como hipermidiático (Lopez, 2010) e expandido (Kischinhevsky, 2016). Ao acompanhar o movimento da sociedade, ele convida elementos, além dos sonoros, para compor seus processos comunicativos. Nesse sentido, complexifica suas narrativas e desafia pesquisadores a observá-lo como integrante de um contexto amplo que requer reflexões e adaptações constantes em termos metodológicos.

Considera-se, ainda, que os vínculos construídos pelos sujeitos em comunicação no e a partir do rádio são atualizados ao longo de todo o processo comunicativo. Essa negociação constante passa pelo movimento da sociedade que pode ser, hodiernamente, compreendida como digital. Não é possível, portanto, isolar os fenômenos radiofônicos desse contexto quando estes forem tomados como objetos de pesquisa. Desse modo, com base em Saad (2008), entende-se que “a produção de conhecimento em novas mídias decorre obrigatoriamente da tríade tecnologia, comunicação e sociedade” (Saad, 2008, p. 33)¹.

A necessidade de pensar o objeto radiofônico considerando as pontuações indicadas nos parágrafos acima, somadas a consolidação dos estudos radiofônicos no Brasil, motivou a organização de um esforço coletivo, por parte de diversos pesquisadores que olham para o rádio como objeto de pesquisa da comunicação, como Kischinhevsky *et al.* (2015), Kischinhevsky (2021), Lopez *et al.* (2021), Meditsch e Betti (2019), em pensar ou adaptar metodologias para as investigações da comunicação radiofônica, bem como, para uma diversidade de

¹ Saad (2008) justifica que utiliza o termo “novas mídias” por coerência à bibliografia que, na época, era recente e o utilizava. Em seguida, porém, a autora defende que elas- as novas mídias- já não são tão novas assim e, dessa forma, indica que o melhor termo a ser utilizado seria “mídias digitais” (Saad, 2008, p. 33).

interfaces possíveis de se pesquisar.

Nas discussões realizadas em espaços acadêmicos, tais como, nas reuniões do Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), e no Simpósio Nacional do Rádio, por exemplo, não é raro pesquisadores brasileiros mencionarem preocupação com a necessidade de pensar metodologias específicas para estudar o objeto sonoro. Em 2021, na ocasião da IV edição do Simpósio Nacional do Rádio, Marcelo Kischinhevsky afirma: “Acho que a gente está devendo para os nossos alunos, nossos orientandos, inclusive, uma metodologia de análise de conteúdo de áudio que abranja tanto o rádio quanto o *podcasting*”². A preocupação é, ainda, identificada em artigos publicados por pesquisadores, nos últimos anos, como Kischinhevsky *et al.* (2015), Alves e Lopez (2019), Lopez *et al.* (2021), Jáuregui e Lopez (2021) e Kischinhevsky (2021).

Com o objetivo de colaborar com a discussão coletiva, a autora deste artigo se dedicou a construir uma proposta de protocolo metodológico para investigar o rádio contemporâneo a partir da perspectiva das interações sociais. A pesquisa desenvolvida para propor o protocolo foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa ancorada, principalmente, nas discussões de Strauss e Corbin (2008), Flick (2009) e Yin (2016).

Na primeira fase do estudo, o foco esteve em entender o que já foi pesquisado acerca das interações radiofônicas. Para isso, trabalhou-se com o corpus formado pelas teses e dissertações defendidas nos programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil (PPGComs). Com base nas pesquisas de Haussen (2016), Kischinhevsky *et al.* (2017) e Kischinhevsky *et al.* (2015), construiu-se uma análise do conteúdo (Bardin, 2021) de 15 trabalhos, entre teses e dissertações, defendidos nos Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil, identificados em consultas ao banco de teses e dissertações da Capes. Aqui, é importante citar que, embora a condução da análise seja orientada pelos

² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu9ZWjT5Gm0>. Acesso em: 28 ago. 2021.

apontamentos de Bardin (2021), buscou-se algumas outras pesquisas que auxiliam no processo de produção de inferências a partir dos dados apontados. Autores como Bauer (2008), Triviños (1987), Fonseca Junior (2012), Mayring (2014) e Kuckartz e Rädiker (2023), por exemplo, ajudaram a refletir a respeito das orientações do método. Para realizar a codificação, processo apontado como integrante da segunda fase de uma análise de conteúdo por Bardin (2021), recorreu-se a reflexões de Gibbs (2009) e Straus e Corbin (2008), que discutem codificação para pesquisas qualitativas, o que pode auxiliar na condução do olhar. A realização da análise de conteúdo, associada a uma pesquisa de revisão de literatura narrativa sobre a caracterização do rádio contemporâneo, da sociedade digital, dos conceitos de interação, da convergência e sobre reflexões metodológicas ofereceu as bases para a construção de um protocolo ampliado e, ainda, para a apresentação das perguntas entendidas como capazes de auxiliar a condução do olhar do investigador e que são apresentadas neste artigo.

Em termos de estruturação textual, esta comunicação científica apresenta, logo após esta introdução, uma reflexão sobre a caracterização do rádio contemporâneo para, depois, apresentar a lista de questões para o olhar ampliado para o objeto radiofônico.

Reflexões sobre o Rádio Contemporâneo como objeto de análise

O rádio é multifacetado e compreendido aqui como parte de um contexto de cultura digital, que deve ser levado em conta ao longo da sua caracterização. É um meio que passa pela existência do som. Embora tenha, ao longo de sua história, incorporado elementos além dos sonoros, ele mantém a sua centralidade comunicativa no áudio. Portanto, o aspecto sonoro sempre estará presente nas investigações científicas que tratem do rádio como objeto de análise.

A produção do som é uma forma que o ser humano utiliza para construir vínculos e amenizar a sua carência sonora (Menezes, 2007). O áudio radiofônico pode ser, portanto, uma possibilidade de interação entre o rádio e seu ouvinte.

Flávia Bepalhok (2015) também reflete sobre essa questão.

A primeira forma de relação que se estabelece, e a mais básica e original dos primórdios do veículo, é por meio da escuta. Mais do que pela fonte de energia, pelas ondas hertzianas ou por bites e bytes, os ouvintes se conectam à emissora ou comunicador de sua preferência pelos ouvidos, que aciona o corpo, de forma fisiológica e simbólica. O ouvir afeta o ouvinte e possibilita a ele várias formas de interação, trazendo intimidade, envolvimento, devaneios e companheirismos, vínculos invisíveis, mas que se fazem presentes de uma forma avassaladora (Bepalhok, 2015, p. 60).

A citação mencionada aponta a necessidade de observar o rádio para além da tecnologia, considerando os vínculos que se constroem. Kaplún (1978) já pontuava que o sentido auditivo é o mais ligado às vivências afetivas do homem. Para ele, “a autêntica comunicação radiofônica (...) deve mobilizar não somente a área pensante do ouvinte, como também a sua área emocional” (Kaplún, 2008, p. 87). Nesse sentido, o autor considera que ouvir rádio permite que o público se identifique com determinados locutores, artistas, personagens, programas e passe a estabelecer com eles uma relação afetiva. Criar laços, assim, sempre foi uma característica marcante do meio.

É preciso considerar que, ao longo de sua história, o rádio sempre acompanhou o movimento de uma sociedade em constante transformação. Assim, o rádio que pode ser compreendido atualmente como hipermidiático (Lopez, 2010) e expandido (Kischinhevsky, 2016) passou a convidar outros elementos, além dos sonoros, para compor seus conteúdos. No entanto, é necessário enfatizar que, quando se considera o rádio como processo comunicativo, o olhar do pesquisador é desafiado e aspectos desse processo além da caracterização do produto merecem receber atenção metodológica nas pesquisas em desenvolvimento.

A compreensão acima apresentada foi a percepção que moveu a realização da pesquisa, que buscava a apresentação de um protocolo metodológico ampliado para o estudo do rádio, a partir da perspectiva interacional. Após a realização da análise de conteúdo qualitativa e da revisão de literatura narrativa, chegou-se à compreensão de que são, pelo menos, quatro as principais dimensões que podem

ser levadas em consideração quando se fala em pesquisar o rádio contemporâneo. Elas serão apresentadas, ainda que brevemente, nos parágrafos abaixo.

A primeira dimensão faz referência a caracterização do ouvinte. O estabelecimento de relações com o sujeito ouvinte é um dos objetivos de quem produz conteúdo sonoro. Desse modo, compreende-se que conhecer o ouvinte de determinado fenômeno radiofônico é um passo importante nos caminhos da pesquisa a respeito de interações radiofônicas. Para observar o ouvinte, seja ele real ou imaginário (Castro; Bruck, 2012), como ponto de análise nas pesquisas sobre rádio é preciso compreendê-lo como sujeito em constante interação social, como parte de todo o processo, inclusive da produção dos conteúdos.

Uma segunda dimensão que entende-se como necessária para as pesquisas a respeito do rádio contemporâneo é a tecnologia que se encontra envolta do objeto empírico em análise. As tecnologias não são compreendidas como determinantes no processo de comunicação radiofônica, mas como interagentes que não podem ser desconsiderados. A proposta é que o olhar para as tecnologias pode fornecer ao pesquisador pistas importantes a respeito da caracterização do ouvinte, do produto midiático e da produção. Identificar, por exemplo, que determinada emissora oferece aos seus ouvintes um aplicativo próprio, pode indicar que a instância produtiva presume a existência de um público que acompanha o conteúdo através de uma plataforma não hertziana. Indicaria ainda que a emissora, ao compor o seu produto midiático, considera a existência de elementos parassonoros.

A terceira dimensão analítica sugerida pela pesquisa é a observação da caracterização do produto radiofônico. Para pensar esse produto considera-se a existência de dois microssistemas, o sonoro e o parassonoro. Cada um deles traz elementos específicos que, quando se associam, auxiliam na caracterização dos objetos empíricos. Quando se menciona o microssistema sonoro se está fazendo referência a elementos como a voz, a palavra, a locução, o silêncio, a música e os efeitos sonoros. Ao falar de um microssistema parassonoro se reflete sobre as fotos, os vídeos, os infográficos, o texto, o design das plataformas, entre outros. É

importante dizer que alguns dos elementos, como a voz, são passíveis de frequente identificação nos fenômenos radiofônicos. No entanto, é preciso ressaltar que, para além dos mencionados, outros elementos podem ser identificados ao longo das pesquisas. Da mesma forma, é preciso lembrar que, nem sempre, os objetivos de uma pesquisa solicitam o olhar do pesquisador para todos os elementos que podem ser identificados em determinado processo. Quem determina a relevância de um ou de outro aspecto é o objetivo de cada pesquisa.

Por fim, indica-se ainda que os contextos da produção radiofônica são camadas de análise importantes na investigação de objetos radiofônicos. Isso porque se entende que podem existir questões de pesquisa que não sejam respondidas apenas com o olhar para as três dimensões apresentadas acima. Ainda, quando se compreende o rádio como objeto empírico que acompanha a movimentação de uma sociedade, é importante considerar essa movimentação nas definições metodológicas. Dessa forma, o olhar para diferentes contextos, como os sociais, políticos, econômicos, históricos, entre outros, pode ser fundamental para as pesquisas que consideram o rádio como objeto de análise.

As dimensões indicadas são parte de um cenário amplo, constituído por questões de ordem social, política, econômica e tecnológica. Frisa-se que, embora se apresentem esses pontos a partir da estruturação citada, não se defende a construção do olhar para cada um deles de forma isolada. Cada uma das dimensões encontra-se em constante diálogo com outras e isso precisa ser levado em consideração pelo pesquisador.

É preciso reforçar, ainda, que o rádio e seus conteúdos circulam em sociedade. O que é levado ao ar – ou publicado – enquanto produto, seja ele sonoro ou não, nasce nas interações sociais e, portanto, não adquire vida no momento da locução ou da redação da lauda ou roteiro. Da mesma forma o processo não se encerra na escuta. É um circuito, logo, uma situação social é causa e consequência de uma próxima relação, seja ela diretamente ligada ao rádio, como nos casos de ações de retorno, ou inconscientemente concretizada pelos sujeitos sociais.

Com o intuito de contribuir com a reflexão de pesquisadores sobre as quatro

dimensões apresentadas pela pesquisa, elaborou-se uma lista de perguntas que podem ser realizadas nos processos de análise do rádio contemporâneo. São questões que auxiliam o tensionamento do objeto radiofônico e que, portanto, ajudam na composição de um olhar ampliado do pesquisador.

Questões para um olhar ampliado

Entende-se que submeter determinado objeto de investigação a uma série de questionamentos e, portanto, elaborar perguntas a partir de diferentes perspectivas, pode ser um recurso no processo de investigação de qualquer fenômeno radiofônico. Lembra-se que, ao falar em protocolo de investigação, essas perguntas não são as mesmas colocadas às possíveis fontes. Elas atuam como guias para o andamento da própria pesquisa. Fornecem, portanto, subsídios para a aplicação de determinadas ferramentas de investigação.

Quadro 1 - Perguntas orientativas para a análise do objeto

1	Quem é o ouvinte presumido pela instância produtiva do fenômeno em investigação?
2	Como a instância produtiva percebe o papel deste ouvinte?
3	Como é construída a percepção das características do ouvinte presumido?
4	A caracterização do ouvinte presumido é percebida da mesma forma por parte de todos os sujeitos envolvidos na produção?
5	Até que ponto a caracterização do ouvinte presumido dialoga com o produto radiofônico?
6	Quem é o ouvinte real de um determinado fenômeno radiofônico?
7	Qual é a caracterização deste ouvinte?
8	Quais são as ações de retorno (<i>feedback</i>) do ouvinte real?
9	Quais são os sentidos atribuídos pelo ouvinte real às produções?

10	O que faz o ouvinte real se manter fiel à produção?
11	Como o ouvinte real circula as suas leituras na sociedade?
12	Em que tipo de espaço o produto midiático radiofônico em análise é oferecido para os ouvintes?
13	O produto é oferecido aos ouvintes exclusivamente via ondas hertzianas?
14	A emissora possui um site?
15	A emissora oferece seu conteúdo sonoro via streaming no site?
16	Quais são os tipos de conteúdos oferecidos no site?
17	A emissora está presente em redes sociais?
18	Qual é a importância das redes sociais digitais no contexto da comunicação radiofônica?
19	A emissora possui aplicativo próprio? Qual a importância?
20	Quais são os elementos parassonoros envolvidos no processo de comunicação analisado?
21	Quais são os espaços de conversação oferecidos pela emissora?
22	As palavras levadas ao ar pelo apresentador podem ser relacionadas com a percepção do perfil do ouvinte presumido?
23	Podem ser percebidas gírias e regionalismos na apresentação?
24	Os conteúdos levados ao ar dialogam com o perfil da audiência?
25	Quais são as características da voz do apresentador?
26	Quais as sensações provocadas pela caracterização da voz do apresentador?
27	Quais são as marcas que caracterizam a locução?
28	O ritmo da locução provoca quais tipos de percepções?

29	É possível se perceber elementos expressivos do apresentador para além da voz? Ex: risos, bocejo, suspiro.
30	Qual é o papel da música na produção?
31	Quais são os efeitos sonoros utilizados?
32	Quais são as possíveis intencionalidades da utilização desses efeitos?
33	Quais as sensações provocadas pela audição dos efeitos sonoros?
34	De que maneira o silêncio é trabalhado na produção?
35	Os momentos de silêncio são sempre intencionais?
36	Quais são as relações entre os elementos sonoros e parassonoros?
37	De que forma os conteúdos do produto radiofônico circulam na sociedade?
38	De que forma novas situações sociais são geradas?
39	Qual é a caracterização do cenário político que determinada produção está inserida?
40	Qual é a caracterização do cenário econômico que determinada produção está inserida?
41	Quais são as características do momento histórico do processo que devem ser levadas em conta na pesquisa?
42	Como se estrutura a produção de determinado produto que compõe o processo em análise?
43	Qual é o perfil da equipe de produção de determinado produto?

Fonte: elaboração própria.

Identificar nos objetos empíricos as respostas das perguntas acima indicadas pode fornecer bases importantes para o estudo, uma vez que permite que o pesquisador amplie as inferências que produz sobre o objeto de análise. A resposta da primeira pergunta, por exemplo, pode fornecer pistas sobre a definição dos conteúdos levados ao ar. Isso pode ser percebido quando Castro e Bruck (2012) compreendem o ouvinte como um destinatário que está presente desde os primeiros passos do processo produtivo do enunciado radiofônico. Já a segunda pergunta apresentada ajuda a avaliar como a instância produtiva percebe a

interferência da sua audiência. Isso é importante quando se considera a comunicação radiofônica a partir da perspectiva interacional. Essa importância pode ser confirmada quando se leva em conta as discussões encampadas pela Escola de Chicago. Quando Mead (1964) sugere que os participantes das mais diferentes interações sociais agem de acordo com a consciência que possuem de si mesmo, mas também do outro, é possível pensar que as decisões tomadas pela instância produtiva levam em consideração a expectativa que o ouvinte tem em relação à produção e ao conteúdo. É uma troca constante e frequentemente atualizada.

As perguntas de número 12 e 13, por exemplo, oferecem pistas a respeito da possibilidade de existência de elementos além dos sonoros. A integração dos elementos parassonoros nos processos de comunicação radiofônica é uma realidade apresentada pelo rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) como consequência de uma movimentação social de sujeitos que têm incorporado novos hábitos em suas rotinas. As emissoras percebem a presença dos ouvintes em diferentes espaços e, assim, passam a integrar esses ambientes. Esses ambientes oferecem uma infinidade de possibilidades que extrapolam o som e, portanto, passam a ser aproveitados para o estabelecimento de vínculos com a audiência. Nesse sentido, identificar se o objeto em investigação ocupa espaços digitais, como sites, aplicativos, redes sociais aponta que existe um subsistema parassonoro a ser levado em conta na investigação. Esse microssistema pode apresentar diversos tipos de conteúdos e, por isso, é importante identificar quais são os espaços digitais ocupados. Um aplicativo de celular, por exemplo, pode oferecer possibilidades diferentes de uma página de rede social ou de um site.

Como é possível de se perceber, cada uma das 43 questões elencadas tem potencial para tensionar o objeto radiofônico, contribuindo com a composição do olhar do investigador. Sabe-se que a lista de questões apresentadas não esgota as possibilidades. Certamente cada objetivo e cada pergunta de pesquisa deve guiar as decisões do pesquisador sobre quais das questões acima podem e/ou devem ser consideradas e, ainda, sobre a necessidade de acréscimo de novos

questionamentos. No entanto, entende-se que as reflexões provocadas podem ser uma forma de refletir sobre o objeto de pesquisa radiofônico de uma forma ampla, considerando-o como resultado de uma série de interações que se desenvolvem na sociedade.

Considerações Finais

As relações construídas em torno do rádio e por meio dele fortalecem sua relevância na sociedade. Como esses processos de comunicação radiofônica são baseados em interações, os objetos de estudo relacionados a eles são naturalmente complexos. Isso destaca a importância de refletir sobre metodologias de pesquisa que possam explorar os diversos aspectos que compõem o rádio contemporâneo.

Nesse sentido, a pesquisa metodológica que gerou a lista de perguntas apresentadas no presente artigo trata-se de uma forma de colaborar com a reflexão coletiva construída em diversos espaços acadêmicos a respeito dos desafios de estudar o rádio contemporâneo. A pesquisa foi realizada com o objetivo de desenvolver um protocolo aberto que incentivasse autores de futuras pesquisas a se colocarem em diálogo com o protocolo proposto. O termo “protocolo aberto” faz referência, portanto, à ciência de que cada objetivo e problemática de pesquisa que considerá-lo em seu processo metodológico, deverá adaptá-lo, mirando nas suas definições e no objeto empírico que se propõem a analisar. Isso porque se entende que a caracterização de cada objeto ou fenômeno possível de ser investigado é parte de um contexto mais amplo e que não é estático. Assim, reafirma-se a defesa de que a adaptação de protocolos e ferramentas é algo necessário em qualquer processo de pesquisa.

Além do protocolo construído, entende-se que a apresentação de uma listagem de perguntas orientativas para o pesquisador pode ser útil no desenvolvimento de pesquisas. Tensionar o objeto de forma constante e exploratória, auxilia o movimento de explorar diferentes aspectos do processo

comunicativo em análise evitando que se limite o rádio a um aparelho ou a uma tecnologia. Olhar para o rádio a partir de uma perspectiva ampla, que considera as interações sociais, reflete-se no desenho do protocolo apresentado e na lista de perguntas apresentada nesta comunicação. Reafirma-se, assim, a compreensão do rádio como objeto multifacetado e dinâmico, o que solicita o seu tensionamento a partir de diferentes perspectivas, metodologias e orientações teóricas.

Bibliografia

ALVES, João; LOPEZ, Debora C. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42. **Anais...** Belém, 2019. Disponível em: [Padrão \(template\) para submissão de trabalhos ao](#) Acesso em: 20 dez. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2021.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **As interações no rádio expandido: a experiência das emissoras curitibanas Massa FM, Caiobá FM e 98 FM**. 2015. 251f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015.

CASTRO, Kátia; BRUCK, Mozahir Salomão. **Radiojornalismo: retórica e vinculação social**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HAUSSEN, Doris Fagundes. O Rádio em Teses e Dissertações dos PPGs em Comunicação brasileiros (2002-2012). In: ZUCULOTO, V., LOPEZ, D. C.; KISCHINHEVSKY, M. **Estudos Radiofônicos no Brasil**– 25 anos do Grupo 240 de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora C. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. **Anais...**Virtual, 2021. Disponível em: [Padrão \(template\) para submissão de trabalhos ao](#) Acesso em: 20 dez. 2022.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. Tradução de Valci Zuculoto. In: MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008. 241

KAPLÚN, Mario. **Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion**. Quito: Ciespal, 1978.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [Padrão \(template\) para submissão de trabalhos ao](#) Acesso em: 07 fev. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**, Intercom, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 91-108, set./dez., 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. **Anais...** Virtual, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/marcelo-kischinhevsky.pdf> Acesso em: 20 dez. 2022.

KOCHHANN, Roscéli. **Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2024.

KUCKARTZ, Udo; RÄDIKER, Stefan. **Qualitative Content Analysis: Methods, Practice and Software**. Los Angeles: Sage, 2023.

LOPEZ, Debora C. **Radiojornalismo Hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

LOPEZ, Debora C. *et al.* Metodologia para análise de referência com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. **Anais...** Virtual, 2021. Disponível em: [Lopez, Betti, Freire, Gomes, 2021](#) Acesso em: 20 dez. 2022.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis**: theoretical foundation basic procedures and software solution. 2014. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-395173> Acesso em: 09 abr. 2014.

MEAD, G. H. **Mind, Self and Society**- from the Standpoint of a Social Behaviorist. Chicago: The University Chicago Press, 1964. {2008}. Disponível em: bu000001.pdf (dominiopublico.gov.br). Acesso em: 04 nov. 2022.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17, **Anais**.... Goiânia, novembro de 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2030/1173>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

SAAD, Elizabeth. Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos. **Metodologia para o estudo dos cibermeios**: estado da arte e perspectivas. Salvador: Edufba, 2008.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Um panorama das pesquisas brasileiras sobre radiojornalismo esportivo em tempos de plataformação

An overview of Brazilian research on sports radio journalism in times of platformization

Un panorama de las investigaciones brasileñas sobre el periodismo radiofónico deportivo en tiempos de plataformatización

Bruno Balacó

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma revisão dos estudos recentes sobre radiojornalismo esportivo, num contexto em que o rádio se apresenta como um meio expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermediático (Lopez, 2010), com atuação marcada pela plataformação (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) nas formas de produção, distribuição e consumo dos conteúdos. A partir de um levantamento de revisão sobre o tema, entre 2018 e 2024, mapeamos 37 pesquisas e 14 livros. Os resultados demonstram uma variedade temática, onde as transmissões via streaming, o aumento da presença feminina no segmento e os podcasts esportivos se destacam entre os objetos de estudo.

Palavras-chave: rádio; radiojornalismo esportivo; plataformação; pesquisas.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 15/10/2024 aceito em: 30/11/2024.

>> Como citar este texto:

BALACÓ, Bruno. Um panorama das pesquisas brasileiras sobre radiojornalismo esportivo em tempos de plataformação. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 22-38, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Bruno Balacó
brunoandersonfb@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2248-9911>

Doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador dos grupos de pesquisa Práxisjor (UFC) e Núcleo de Estudos de Rádio - NER (UFRGS).

Abstract

This research aims to present a review of recent studies on sports radio journalism, in a context in which radio presents itself as an expanded medium (Kischinhevsky, 2016) and hypermedia (Lopez, 2010), with action marked by platformization (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) in the forms of production, distribution and consumption of content. Based on a review survey on the topic, between 2018 and 2024, we mapped 37 research studies and 14 books. The results demonstrate a thematic variety, where transmissions via streaming, the increase in female presence in the segment and sports podcasts stand out among the objects of study.

Keywords: radio; sports radio journalism; platformization; searches.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo presentar una revisión de estudios recientes sobre periodismo radiofónico deportivo, en un contexto en el que la radio se presenta como un medio expandido (Kischinhevsky 2016) e hipermedia (Lopez, 2010), con acción marcada por la plataformatización (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) en las formas de producción, distribución y consumo de contenidos. Con base en una encuesta de revisión sobre el tema, entre 2018 y 2024, mapeamos 37 estudios de investigación y 14 libros. Los resultados demuestran una variedad temática, donde destacan entre los objetos de estudio las transmisiones vía streaming, el aumento de la presencia femenina en el segmento y los podcasts deportivos.

Palabras Clave: Radio; Interacciones; Metodología de investigación; Protocolo metodológico.

O radiojornalismo esportivo como objeto de estudo

Para pensar o radiojornalismo esportivo como objeto de estudo, é preciso entender, antes de tudo, que este ramo está inserido em um contexto maior dentro da Comunicação, estabelecendo-se historicamente como uma área de atuação do Jornalismo Esportivo. Afinal, como definem Guerra e Bedendo (2010), o rádio esportivo é a “prática do jornalismo esportivo no rádio” (Guerra e Bedendo, 2010, p. 1015). Olhado sob essa perspectiva, enquanto tema de pesquisa, o radiojornalismo esportivo se coloca em um campo de estudos tido

como “marginal” (Gastaldo, 2020, p. 400), ainda pouco explorado e carente de bibliografia, convivendo ainda com uma certa resistência dos principais meios de divulgação científica acerca da área, como observam Leal e Mesquita (2023). Os autores apontam que apenas nos últimos anos o jornalismo esportivo vem ganhando força nos estudos acadêmicos, impulsionado por mega-eventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol masculina e feminina, além dos Jogos Olímpicos, amplamente midiáticos por veículos tradicionais e pelas mídias digitais.

A dita “marginalidade” do tema Jornalismo Esportivo, dentro da área de Comunicação, também pode ser ilustrada com a escassez de publicações especializadas sobre o assunto. Conforme mapeamentos realizados sobre o tema (Borges, 2020; Leal e Mesquita, 2023), apenas quatro dossiês temáticos a respeito do assunto foram publicados na última década: as edições das revistas *Estudos em Jornalismo e Mídia* (v. 11, n. 2, 2014); *Âncora* (v. 4, n. 1, 2017), *Communicare* (v. 8, n. 1, 2018) e *Revista Sobre Jornalismo – About Journalism – Sur le Journalisme* (2021), que lançou o especial “As escritas do Jornalismo Esportivo”.

Dentro dos eventos acadêmicos na área de Comunicação, os estudos sobre o campo esportivo também se desenvolveram de forma tardia, apenas na década de 1990, com a criação do GP (Grupo de Pesquisa) “Comunicação e Esporte” pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que promove o maior congresso da área de Comunicação na América Latina. O referido GP foi lançado em 1996 e segue ativo desde então, fomentando a divulgação de trabalhos/pesquisas nesta área nos congressos realizados pela entidade anualmente. Outro marco na pesquisa sobre Jornalismo Esportivo no País ocorreu em 2012, quando a mesma Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) definiu como tema central do congresso daquele ano “Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação”, admitindo o caráter ímpar da sequência de megaeventos esportivos (Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo de futebol masculino em 2014 e Jogos

Olímpicos, no Rio de Janeiro, em 2016) no país e o impacto disso para o campo.

Cabe aqui ressaltar, no que diz respeito a conteúdo no setor de radiojornalismo esportivo, que inegavelmente o futebol domina quase que de forma absoluta a cobertura do esportiva brasileira, entre programas ao vivo e transmissões esportivas. Até por se tratar do esporte mais popular do Brasil e do mundo, além de mexer, como nenhuma outra modalidade esportiva, com a paixão e a emocional de milhões de pessoas. Contudo, dizer que “radiojornalismo esportivo é só futebol” denota um exagero e desconhecimento com a tradição poliesportiva desse setor que, desde sua gênese, também dedicou espaço para a cobertura ao vivo de outras modalidades. Como exemplo, vale citar que já na década de 1930, quando o segmento dava os primeiros passos na radiofonia brasileira, competições automobilísticas eram transmitidas por rádios cariocas, em disputas que eram realizadas no Circuito da Gávea, no Rio de Janeiro. Mais tarde, vieram corridas internacionais.

Também é possível observar, nos dias de hoje, um lugar cativo para as discussões sobre o Jornalismo Esportivo, em suas diferentes nuances, nos quatro principais fóruns de divulgação de produção acadêmica na área: os eventos promovidos pela Alcar (Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia), Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), Intercom e Sbpjor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo).

Para além disso, a atuação de grupos de pesquisa como o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem um papel impulsionador na discussão e produção acadêmica na área do Jornalismo Esportivo, inspirando ainda o surgimento de grupos regionais de interessante no assunto, como a Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (Reneme), lançada em 2020, composta de pesquisadores do tema na região Nordeste, e o grupo de pesquisa Setor Norte - Futebol e Ciência, lançado em 2021, reunindo pesquisadores sobre os Futebóis do Norte do Brasil.

Diante desse cenário de efervescência nos trabalhos sobre o tema, esta pesquisa tem como objetivo geral apontar um panorama acerca dos estudos recentes sobre radiojornalismo esportivo, identificando as principais temáticas abordadas. Como objetivos específicos, buscamos: a) Identificar produções editoriais relevantes quanto ao radiojornalismo esportivo; b) Observar as características e mapear o panorama científico referente ao tema. c) Indicar apontamentos e reflexões sobre a produção, de maneira geral, no contexto das plataformas

Nossa discussão está situada no contexto em que o rádio se apresenta como um meio expandido, que “extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (Kischinhevsky, 2016, p. 12-13), e hipermediático, “que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (Lopez, 2010, p. 119), passando a investir esforços e até depender das infraestruturas digitais das plataformas nos processos de produção, distribuição e consumo de conteúdos radiofônicos. Esse cenário marca o que Poell; Nieborg; Van Dijck (2020) denominam de Plataformização:

A plataformização é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Ela também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p.2).

Em torno dos mecanismos de distribuição online oferecidos pelas plataformas digitais, as empresas jornalísticas organizam suas práticas e imaginários. Entre as ferramentas mais utilizadas, destaque para a possibilidade de transmissões ao vivo de conteúdos (as chamadas *lives*), utilizando o *streaming*, tecnologia de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo pela internet.

A produção editorial sobre radiojornalismo esportivo

No que tange especificamente aos estudos de radiojornalismo esportivo,

setor radiofônico ativo no país há mais de 90 anos, a escassez de material bibliográfico é ainda mais acentuada, em relação ao Jornalismo Esportivo. Para se ter uma ideia, há apenas dois referenciais bibliográficos conhecidos publicados em periódicos: os dossiês da Revista Rádio-Leituras, estudo pioneiro, edição de julho-dezembro de 2005, e da Revista de Estudos de Mídia Sonora - Radiofonias, de agosto de 2023, ambos intitulados “Rádio e Esportes”. A primeira referência, conta com quatro textos sobre o tema. A última, com oito artigos originais e uma entrevista, apresentando contribuições efetivas para este campo de estudos.

Partindo da produção especializada na academia para o mercado editorial, nos deparamos com uma literatura dedicada ao radiojornalismo esportivo igualmente escassa. Chama-nos a atenção o fato de que a produção de obras sobre o assunto é incipiente e tardia, tendo em vista que as primeiras referências bibliográficas que se debruçam sobre o rádio esportivo começam a aparecer apenas a partir dos anos 1990, mais de seis décadas depois das primeiras experiências deste segmento na radiofonia brasileira.

A primeira obra física conhecida e dedicada ao tema foi “A bola no ar: a história do rádio esportivo de São Paulo”, de Soares (1994). Desde então, há registros de pelo menos outros 13 livros sobre o tema, conforme levantamento feito para esta pesquisa. Um cenário que só reforça a constatação de Kischinhevsky e Lopez (2023), que enfatizam que, apesar da importância social e cultural do setor, o rádio esportivo suscitou esparsos estudos compreensivos (Soares, 1994, Guerra, 2000), outros tantos de caráter histórico (Prata e Santos, 2012 e 2014, Rangel e Guerra, 2012) e, ainda mais raramente, voltados para formação profissional (Schinner, 2004). Acrescenta-se ainda nessa lista, entre os temas mencionados, o trabalho de Garcia (2015), que resgata a história de profissionais relevantes da crônica esportiva do radiojornalismo esportivo brasileiro.

Destaque ainda para produções de caráter memorialístico, com relatos através de crônicas (Araújo, 2001; Soares, 2006; Belmonte, 2021; Souza, 2024) e

outras produções que abordam a narrativa esportiva do rádio, num paralelo com a emoção produzida nas narrações da TV (Guerra, 2012). No recorte recente, pegando o marco temporal dos últimos seis anos concluídos (2018-2023), apenas duas obras sobre o setor foram publicadas em meio impresso: os livros “As vozes do gol: história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre”, de Götz (2020), e “O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre”, de Guimarães (2018). Ambas, de jornalistas pesquisadores do Rio Grande do Sul, em trabalhos oriundos das dissertações de mestrado dos autores.

Detalhamos o levantamento de produções editoriais com abordagem total ou predominante sobre rádio esportivo na tabela a seguir, com informações sobre Título, Autor, Ano de publicação e Temática central da obra:

Quadro 1 – Obras publicadas sobre Rádio Esportivo

Título	Autor	Ano	Temática
O rádio, o futebol e a vida	Flávio Araújo	2001	Memórias do rádio/Crônicas
Craques do microfone	Marcos Garcia	2015	História do rádio esportivo
As vozes do gol: história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre	Ciro Götz	2020	Narração esportiva
Você, ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol.	Márcio Guerra	2000	Estudo compreensivo
Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor	Márcio Guerra.	2012	Narração esportiva
O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre	Carlos Guimarães	2018	Comentário esportivo

Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro	Nair Prata e Maria Cláudia Santos (org.).	2012	Caráter histórico
Enciclopédia do rádio esportivo mineiro..	Nair Prata e Maria Cláudia Santos (org.)	2014	Caráter histórico
O rádio e as Copas do Mundo	Patrícia Rangel e Márcio Guerra	2012	Caráter histórico
A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo.	Edileuza Soares	1994	Estudo compreensivo
Vendo o jogo pelo rádio: memórias da imprensa esportiva brasileira	Bento Soares	2006	Memórias do rádio/Crônicas
Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão	Carlos Schinner	2004	Formação profissional
Fala, Belmonte! Memórias do Cronista esportivo	João Carlos Belmonte	2021	Memórias do rádio/Crônicas
Haroldo de Souza: a memória do narrador dos gaúchos – 50 anos de rádio no Rio Grande do Sul.	Haroldo de Souza	2024	Memórias do rádio/Crônicas

Fonte: elaborado pelo autor

Já nos congressos acadêmicos, não há, até o fechamento deste texto, nenhum fórum permanente para tratar de Radiojornalismo Esportivo na área de Comunicação. Cabe registrar, contudo, que o rádio esportivo, pontualmente, foi um dos temas em pauta da 5ª edição do Simpósio Nacional de Rádio, realizado de maneira remota, em maio de 2021.

Na ocasião, o tema “Rádio e Esportes” foi um dos Grupos Temáticos (GTs) de apresentação de trabalhos, com a realização de duas sessões sobre o assunto: “A cobertura esportiva e sua relação com a audiência” e “As vozes do esporte nas mídias sonoras”, reunindo um total de nove trabalhos. A programação do evento contemplou ainda um painel online que debateu “A plataformização da cobertura esportiva no rádio em tempos de streamings e

podcasts", da qual participaram quatro professores pesquisadores da área.

Produção acadêmica sobre radiojornalismo esportivo

A produção acadêmica de estudos sobre radiojornalismo esportivo aparece com regularidade em grupos de trabalho (GTs) e de pesquisa (GPs) dos congressos da área de Comunicação, especialmente nos GPs “Rádio e Mídia Sonora” (criado em 1991 e ativo desde então) e “Comunicação e Esporte”, ambos da Intercom. Observa-se que a pesquisa acadêmica sobre Radiojornalismo Esportivo no Brasil tem sido bastante movimentada nos últimos anos, tanto em congressos quanto em periódicos acadêmicos.

Para cumprir com o objetivo proposto nesta pesquisa, utilizamos como metodologia de pesquisa - que tem um caráter primário e misto, levando aspectos quantitativos e qualitativos, fundamentação trazida pela revisão bibliográfica, baseada no levantamento dos estudos produzidos sobre rádio esportivo nos últimos sete anos (2018-2024), recorte temporal que retrata o cenário atual das pesquisas, já fortemente impactado pela plataformização. Utilizando “Rádio esportivo” e “radiojornalismo esportivo” como chaves de busca, recorreremos ao acervo dos trabalhos apresentados nos principais congressos da área de Comunicação - Alcar, Compós, Intercom e Sbpjor - e também aos trabalhos cadastrados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mapeamos um total de 37 trabalhos. Destes, são 28 artigos, 8 dissertações de mestrado e uma tese de doutorado.

Dentro da produção sobre radiojornalismo esportivo levada em conta na pesquisa, percebe-se que algumas temáticas se sobressaem e aparecem com mais recorrência nos trabalhos. Destaque para os estudos sobre interações com a audiência e realização de transmissões em plataformas digitais. Ao todo, foram 10 pesquisas mapeadas sobre o tema (Balacó, 2021; Bertoncello, 2019; Balacó e Patrício, 2022; Guimarães, 2020; Balacó, 2021b; Viana e Homsí, 2019; Maciel e Júnior, 2020; Azevedo e Marques, 2020; Azevedo e Marques, 2023; Balacó e Lima,

2024).

Na sequência, se destacam os trabalhos sobre Mulheres no Radiojornalismo esportivo, com seis pesquisas publicadas (Mattos, 2019; Ferro e Zuculoto, 2022; Ferro, 2022; Nascimento e Chaves, 2020; Ferro, 2021; Guimarães, Patatt, 2023). Também se evidenciam os estudos que abordam Podcasts esportivos (Gambaro e Santos Filho, 2022; Longo, 2020; Orlando, 2020; Souza, Eugênia e Vimeiro, 2023; Dias, Silva, Garcia e Pereira, 2021) e Narração esportiva (Götz, 2022; Costa e Götz, 2022; Rutilli e Götz, 2022; Carvalho e Götz, 2020; Mostaro, 2023), com cinco estudos cada, o que demonstra a emergência dessas temáticas.

Há pesquisas também que versam sobre Comentário Esportivo (Guimarães, 2018; Guimarães, 2019; Guimarães, 2021), com três trabalhos. Registramos ainda estudos sobre Recepção com Ouvintes (Farina, 2018); Isenção/Imparcialidade no rádio esportivo (GÖTZ, 2019), Programação esportiva no rádio (Oliveira e Monteiro, 2023), uma revisão de conceitos, característica e funções no rádio esportivo contemporâneo (Balacó, Guimarães e Rutilli, 2022), Narrativa Transmídia (Fonseca, 2021) e História do Rádio esportivo (Ferreira, 2022), Formação de redes de rádio (Herbert Neto, 2021) e a relação entre Rádio e Futebol (Correa, 2021) cada tema com uma pesquisa realizada. Chegamos à seguinte configuração de temas das pesquisas sobre rádio esportivo:

Quadro 2 - Temas abordados nas pesquisas sobre rádio esportivo (2018-2024)

Eixo temático	Qts.
Interações e transmissões em plataformas digitais	10
Mulheres no radiojornalismo esportivo	6
Podcasts esportivos	5
Narração esportiva	5

Comentário Esportivo	3
Recepção com Ouvintes	1
Isenção/Imparcialidade no rádio esportivo	1
Programação esportiva no rádio	1
Características e funções no rádio esportivo	1
Narrativa Transmídia	1
História do Rádio esportivo	1
Rádio e futebol	1
Formação de redes de rádio	1

Fonte: elaborado pelo autor

O levantamento mostrou um predomínio de pesquisas sobre a participação da audiência por meio das plataformas digitais, o que tem tornado o conteúdo da cobertura esportiva no rádio mais plural, colocando o ouvinte como um debatedor, fazendo com que ele se torne a extensão do comunicador (Balacó, 2021b, Guimarães, 2020). Também é pertinente observar que a presença das mulheres tem ganho mais força, embora esse processo tenha ocorrido de forma tardia e ainda seja marcado por machismo (Mattos, 2019; Ferro e Zuculoto, 2022; Ferro, 2022; Nascimento e Chaves, 2020; Ferro, 2021; Guimarães, Patatt, 2023).

Resultados e considerações finais

Como principais contribuições apresentadas nestas pesquisas sobre o tema, os resultados dos trabalhos indicam que a pandemia de Covid-19 reconfigurou as rotinas produtivas nas emissoras de rádio que atuam no segmento esportivo, alterando as formas de produção, circulação e consumo dos conteúdos (Balacó, Guimarães e Rutilli, 2022). Nesse cenário, os profissionais

precisam reinventar suas práticas, surgindo as figuras do Comentarista Esportivo (Guimarães, 2019), com uma linha de atuação mais voltada para o gênero interpretativos baseado em dados, e Narrador (Götz, 2022) contemporâneo, que narra voltado para as emissoras hertzianas e para plataformas digitais.

As pesquisas mostram ainda que, nos últimos anos, o radiojornalismo esportivo tem investido em novas experiências, tais como as narrativas transmídia (Fonseca, 2021), transmissão de programas em múltiplas plataformas digitais (Balacó, 2021; Bertoncetto, 2019; Balacó e Lima, 2024) e crescimento dos podcasts esportivos (Gambaro e Santos Filho, 2022; Longo, 2020; Orlando, 2020; Souza, Eugênia e Vimeiro, 2023; Dias, Silva, Garcia e Pereira, 2021), com predomínio do formato mesa-cast (Orlando, 2020; Gambaro e Santos Filho, 2022; Fonseca, 2021) no estilo resenha (Balacó, Guimarães e Rutilli, 2023).

Outra observação percebida nas pesquisas foi a ampliação da participação da audiência por meio das plataformas digitais, o que tem tornado o conteúdo mais plural e colocado o ouvinte como um debatedor, fazendo com que ele se torne a extensão do comunicador (Balacó, 2021b, Vargas e Ritter, 2017; Guimarães, 2020). Por fim, pontuamos que o fenômeno de que alguns profissionais do rádio esportivo começam a revelar clubes que torcem, mas a postura de 'neutralidade' e isenção segue predominante, até pela dificuldade que os profissionais têm de lidar com o fanatismo dos torcedores (Götz, 2019).

A partir do mapeamento das pesquisas sobre radiojornalismo esportivo no contexto da plataformização no Brasil feito aqui - deixando claro que nossa pesquisa tem um caráter de estudo aberto, levando em conta as condições continentais do Brasil - é possível concluir que temas como as novas práticas no setor, o perfil dos profissionais, a interação com a audiência, as tendências no mercado, como o aumento da presença feminina no segmento, a criação de podcasts, as novas formas de interação e as transmissões via *streaming* e o protagonismo do ouvinte têm sido objetos de estudo de forma recorrente nos últimos anos.

Por fim, percebe-se que há ainda um extenso lastro de temas a serem

explorados dentro dessa temática, como por exemplo, estudos compreensivos sobre a plataformização no radiojornalismo esportivo, de modo a elucidar como esse fenômeno tem afetado os modos de produção, as práticas jornalísticas e a sustentabilidade financeira das grandes emissoras, que contam com potencial de investimento em recursos tecnológicos de produção, transmissão e interação com a audiência para se manterem competitivas no mercado radiofônico.

Referências

AZEVEDO, Núbia; MARQUES, José Carlos. **Paixão e clubismo no rádio hipermidiático**: uma análise das transmissões esportivas da Rádio Craque Neto no YouTube. Revista Alterjor, V. 28, p. 490-508, 2023

BALACÓ, Bruno. **Da live no Facebook para o rádio**: a interação entre o ouvinte e a emissora para a construção do debate no programa Toque Esportivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2021a.

BALACÓ, Bruno. **O radiojornalismo esportivo na era das transmissões pelo Facebook**: o impacto da imagem no processo interativo com a audiência. In: Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, V. 19, 2021b.

BALACÓ, Bruno; GUIMARÃES, Carlos; RUTILLI, Marizandra. **Radiojornalismo esportivo contemporâneo**: uma proposta de revisão de característica, funções e conceitos. In: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), V. 45, 2022.

BALACÓ, Bruno; PATRÍCIO, Edgard. **A interação no rádio pelo Facebook**: uma análise das mensagens enviadas pelo ouvinte/internauta nas lives do programa Toque Esportivo. Esferas. Brasília, n. 23, p. 202-228, 2022.

BALACÓ, Bruno; LIMA, Maria Erica Oliveira. **A Cobertura esportiva em tempos de plataformização**: um olhar sobre as experiências das rádios cearenses. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024.

BALACÓ, Bruno; GUIMARÃES, Carlos; RUTILLI, Marizandra. **A reinvenção da resenha via Mesacast**: o modelo brasileiro de podcast esportivo. In: Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), V. 46, 2023.

BELMONTE, João Carlos. **Fala, Belmonte! Memórias do Cronista esportivo**. Porto Alegre: Farol, 2021.

BERTONCELLO, Marcos Notari. **A convergência no radiojornalismo: uma análise das transmissões da Rádio Jovem Pan de São Paulo através do Facebook**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - PUCRS, Porto Alegre, 2019. .

CARVALHO, Cristiane; GÖTZ, Ciro. **O jogo das emoções: análise de discurso do narrador esportivo Pedro Ernesto Denardin.** FuLiA/UFMG. Belo Horizonte, V. 5, N. 1, p. 73-95, 2020.

CORREA, Luiz Otávio. **O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência.** Cadernos de História. Belo Horizonte, V. 22, N. 37, p. 334-352, 2021.

DIAS, Evelyn.; SILVA, Alan Camargo.; GARCIA, Rafael.; PEREIRA, Erik. **Nos armários dos vestiários: uma leitura do podcast produzido pela feel the match e veiculado pelo globo esporte.** Motrivivência, 35(66), 1–21, 2023.

FARINA, Marcelo. **Recepção de mensagens jornalísticas esportivas na Rádio Gaúcha.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Casper Líbero: São Paulo, 2018.

FERRO, Raphaela Xavier. **A narração esportiva em laboratórios do curso de Jornalismo: registros de experiências de mulheres.** In: Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. V. 19, 2021.

FERRO, Raphaela Xavier. **A narração esportiva em laboratórios do curso de Jornalismo: registros de experiências de mulheres.** In: Memórias do XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), V. 16, 2022.

FERRO, Raphaela Xavier; ZUCULOTO, Valci.. **Profissionais mulheres em podcasts de jornalismo esportivo: mapeamento revela protagonismos em nicho e ausências em cenário geral no Brasil.** In: Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. V 20, 2020.

FINGER, Cristiane; GÖTZ, Ciro. **Narradores de futebol do rádio de Porto Alegre: dos desbravadores aos contemporâneos.** Estudos em Jornalismo e Mídia, V. 17, N. 2, p. 126-137, jul/dez. 2020

FONSECA, Luciana Mendes. **O rádio na era das transmídiações: um estudo da cobertura da Copa América 2019.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2021..

GAMBARO, Daniel; SANTOS FILHO, Julio Pereira. **Do radiojornalismo esportivo aos podcasts: identificação e análise de produções narrativas.** In: Cambiassu: Estudos em Comunicação, São Luís, V. 17(29), p. 120–140, 2022.

GASTALDO, Edison. **Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar.** In: GIGLIO, S.; PRONI, M. (Orgs.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, p. 399-409, 2020.

GÖTZ, Ciro. **Torcer ou não torcer, eis a questão: ética e moral no radiojornalismo esportivo de Porto Alegre.** In: Anais do XX Congresso de Ciências da

Comunicação na Região Sul. V, 20, 2019.

GÖTZ, Ciro. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS: Porto Alegre, 2022.

GÖTZ, Ciro; COSTA, Cristiane. **O impacto da pandemia de covid-19 nas rotinas dos departamentos de esportes das rádios Guaíba, Itatiaia, Super Tupi e Bandeirantes**. Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, 2021.1.

GUERRA, Márcio; BEDENDO, Ricardo. **Rádio esportivo**. In: Enciclopédia INTERCOM de Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentarista esportivo no rádio de Porto Alegre: estilos e novos conceitos na fase da convergência**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, V. 10, N. 01, p. 100-118, jan./jun. 2019a.

GUIMARÃES, Carlos. **O ouvinte e a mesa-redonda esportiva no rádio: uma extensão do “papo de bar”**. Revista Âncora. ano 7 V.7 N.1 | jan./jun, João Pessoa: 2020.

GUIMARÃES, Carlos. **O uso da planilha de dados no comentário esportivo: contribuições históricas de Ruy Carlos Ostermann**. In: Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. V 13, 2021.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2018.

GUIMARÃES, Carlos; PATATT, Caroline. **O papel da mulher no rádio esportivo: um panorama da participação feminina nas jornadas de futebol em Porto Alegre**. FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 82-100, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/download/45303/37912>. Acesso em 14 jul. 2024.

HERBERT NETO, Helcio. **Comunicação em cadeia: indicativos da experiência da Rádio Nacional no desembarque uruguaio em 1950 para cobertura esportiva contemporânea**. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación. São Paulo, V. 22, N. 44, p. 353-363, 202

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2016.

LEAL, Daniel; MESQUITA, Giovana. **Um panorama dos estudos sobre jornalismo esportivo no Brasil no século XXI**. Lumina, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 189–206, 2023.

LONGO, Guilherme. **O esporte além das quatro linhas na pandemia: uma análise**

do podcast “Jogo em Casa” do ge.globo. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. V 43, 2020

LOPEZ, Debora. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** Covilhã, Portugal: LabCom, 2010

MACIEL, Velise de Oliveira; MACIEL JÚNIOR, Mauro Lúcio. **“Você Vê. Você Lê. Você Ouve”:** A Convergência de Mídias no Rádio e as Transformações nas Vivências de Lazer de Torcedores-Ouvintes de Futebol. LICERE - Revista Do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v 23(4), 2020.

MOSTARO, Filipe. **“Morreu ao ouvir o tento da derrota”:** o “ludens narrativo” da linguagem radiofônica. Radiofonias – Revista De Estudos Em Mídia Sonora. Mariana, v. 14, n. 3, p. 140-165, 2023.

NASCIMENTO, Fernanda; CHAVES, Leslie. **Donas do placar:** uma experiência de radiojornalismo esportivo com o protagonismo das mulheres. Revista Diversidade e Educação, v. 8, n. 2, p.513-526 , Jul/Dez, 2020.

OLIVEIRA, Iago Sarinho; MONTEIRO, Patrícia. **Rádio Esportivo expandido:** o departamento de esportes da Rádio Tabajara no aniversário de 85 anos da emissora. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2023.

ORLANDO, Matheus Ramalho. **Jornalismo esportivo em podcast:** discussões sobre um formato em ascensão. In: Anais do 18º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. V. 18, 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização** (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). Revista Fronteiras – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo mineiro.** Florianópolis: Insular, 2014.

RUTILLI, Marizandra; GÖTZ, Ciro. **As vozes da emoção: perfil dos narradores esportivos do rádio gaúcho na atualidade.** Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática, V. 21(47), 2022..

SOUZA, Haroldo de. **Haroldo de Souza: a memória do narrador dos gaúchos – 50 anos de rádio no Rio Grande do Sul.** Editora: Melhorpubli, Porto Alegre.

SOUZA, Rafaela Cristina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; VIMIEIRO, Ana Carolina. **Elas por elas:** a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022. FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, V. 8, N. 2, 2023.

VAN DIJCK, José. **A Sociedade da Plataforma.** [Entrevista concedida a] Rafael Grohmann. Newsletter DigiLabour, 6, Mar 2019. [Online].

VIANA, Luana; HOMSSI, Aline. **Audiência radiofônica e a interação mediada online:** a hashtag #ItatiaiaNaCopa como uma estratégia falha. In: XXVIII Encontro Anual da Compós: Porto Alegre, V. 28, 2019.

A humanização no jornalismo científico em três *podcasts* brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural¹

Humanization in scientific journalism in three Brazilian podcasts: an exploratory descriptive research inspired by audiostructural analysis criteria

Humanización en el periodismo científico en tres podcasts brasileños: una investigación descriptiva exploratoria inspirada en criterios de análisis audioestructural

Izani Mustafá

Resumo

Este artigo parte inicialmente de uma pesquisa exploratória descritiva (Lakatos e Marconi, 2018) para identificar o lugar da humanização e do jornalismo científico produzido em três *podcasts*: O Veneno mora ao lado, Pelo avesso e Tempo quente. Para este estudo nos inspiramos na análise audioestrutural (Silva, 2022) que propõe critérios como a identidade de cada programa e a estrutura utilizada nas três produções brasileiras: tema, fontes, duração de cada episódio e personagens da

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 09/10/2024, aceito em: 12/12/2024.

>> Como citar este texto:

MUSTAFÁ, Izani. A humanização no jornalismo científico em três *podcasts* brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural. **Radiofonias** – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 39-57, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Izani Mustafá

Izani.mustafa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

Jornalista por formação e professora adjunta da Graduação e da Pós-Graduação de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, cadastrado no CNPq, e é diretora de comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR).

¹ Elaborado a partir da sugestão de tema da doutora Debora Cristina Lopez (UFOP) e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001. Foi apresentado no 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em Fortaleza, na UFC, em novembro de 2022, revisado e ampliado.

história de vida. Além dessa identificação, observamos se os relatos são humanizados (Ijuim, 2017).

Palavras-chave: Podcast jornalístico; Jornalismo humanizado; Jornalismo sonoro; Jornalismo científico; Fontes.

Abstract

This article initially starts from an exploratory descriptive research (Lakatos and Marconi, 2018) to identify the place of humanization and scientific journalism produced in three podcasts: O Veneno mora ao lado, Pelo avesso and Tempo quente. For this study, we were inspired by the audiostructural analysis (Silva, 2022) that proposes criteria such as the identity of each program and the structure used in the three Brazilian productions: theme, sources, duration of each episode and characters in the life story. In addition to this identification, we observed whether the reports are humanized (Ijuim, 2017).

Keywords: Journalistic podcast; Humanized journalism; Sound journalism; Scientific journalism; Sources.

Resumen

Este artículo parte inicialmente de una investigación descriptiva exploratoria (Lakatos y Marconi, 2018) para identificar el lugar de la humanización y el periodismo científico producido en tres podcasts: O Veneno Mora ao Lado, Pelo Averso y Tempo Quente. Para este estudio nos inspiramos en el análisis audioestructural (Silva, 2022) que propone criterios como la identidad de cada programa y la estructura utilizada en las tres producciones brasileñas: temática, fuentes, duración de cada episodio y personajes de la historia de vida. Además de esta identificación, observamos si los relatos están humanizados (Ijuim, 2017).

Palabras clave: Podcast periodístico; Periodismo humanizado; Periodismo sonoro; Periodismo científico; Fuentes.

O ponto de partida: o podcasting

O *podcasting* é, por natureza, um objeto diversificado, já que na base da sua definição estão a hipersegmentação, a amplitude dos públicos e o potencial de complexificação narrativa (Lopez e Viana; Avelar, 2018; Lindgreen, 2020). Na pódosfera narrativa (Avelar e Prata; Martins, 2018; Mchugh, 2016; Viana, 2022), as possibilidades de exploração de histórias de vida, de humanização e de destaque do caráter dialogal do rádio se ampliam e são potencializados pela serialização e pelo vínculo estreito com o público (Lopez; Alves, 2019; Kischinhevsky, 2018).

Este cenário revelou-se propício para o jornalismo científico, como

percebemos durante a pandemia de Sars-CoV-2, para alcançar audiências distantes, para conscientizar, para combater a desinformação e para mobilizar o ouvinte a partir da experiência do outro. Iniciativas de jornalismo científico ampliaram-se durante a pandemia – dentro e fora das universidades. A compreensão geral do conceito de ciência, de seus processos e de seu papel social ganhou destaque e temas como sociologia, química, ciências da saúde, entomologia passaram a ocupar os agregadores e fones de ouvido pelo país.

Este contexto nos levou a buscar compreender como, nestas produções, se colocam as fontes personagens e os processos de humanização tão caros ao rádio, fenômeno em que se insere o *podcasting* (Kischinhevsky, 2016; Carvalho, 2016; Viana e Chagas, 2021; Vicente, 2018). Para discutir esta questão, este artigo analisa 20 episódios distribuídos em três *podcasts* de jornalismo científico brasileiro: **O Veneno mora ao lado, Pelo avesso e Tempo quente**. Para chegar até nossos objetos de estudo, utilizamos a pesquisa exploratória descritiva que tem como finalidade “descrever completamente determinado fenômeno, como o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas” (Lakatos e Marconi, 2018, p. 78). Nos detivemos na descrição qualitativa de cada episódio e também nos inspiramos na análise audioestrutural organizada por Gessiela Nascimento Silva (2022) que define alguns critérios de observação como a identidade de cada programa e a estrutura utilizada nas produções: tema, fontes, duração de cada episódio e personagens da história de vida. As escolhas nos permitiram olhar a natureza dos objetos em relação às dinâmicas de circulação, consumo e produção.

Para compor esta proposta metodológica consideramos os elementos auditáveis dos objetos (Meditsch e Gobbi, 2019) e suas especificidades, organizando a estrutura metodológica em dois eixos: o que é dito (que engloba argumento, texto e organização de informações) e o como é dito (que engloba os marcos estéticos e acústicos que compõem e afetam a narrativa do podcast). Os dados coletados a partir desta proposta teórica são analisados (Gibbs, 2009) a partir de dois eixos: o contexto micro, que envolve os resultados da análise audioestrutural (Silva, 2022), e o contexto macro, que envolve o contexto do

fenômeno *podcasting*, do jornalismo científico e dos objetos, os três *podcasts* analisados.

Dessa maneira foi possível identificar padrões e compreender as estratégias narrativas, textuais e sonoras de acionamento da humanização e das histórias de vida nos *podcasts* analisados. Também pudemos observar a existência – ou a inexistência – de padrões específicos do *podcasting* jornalístico científico em relação aos personagens (Quadros, 2016). Caminhos que ajudam a perceber se o conteúdo dos três *podcasts* são realmente jornalismo científico e se as fontes ouvidas são humanizadas (Ijuim, 2017).

Jornalismo Científico e Humanizado, pela valorização da ciência

A comunicação científica deve estabelecer confiança e credibilidade com as fontes da informação e quando se trata de divulgação científica, o jornalista deve ofertar “conhecimentos científicos suficientemente práticos para que as pessoas possam ponderar sobre as decisões com melhor conhecimento de causa, ou pelo menos saber em que especialista eles podem confiar” (Enciclopédia Intercom de Comunicação, 2010, p. 251-252). Entendemos, portanto, que o fazer jornalismo científico é oferecer à sociedade a chance de obter conhecimentos técnicos, tecnológicos, científicos e de saúde a partir de uma linguagem que seja compreendida, sem palavras complexas, técnicas e acadêmicas, mas sempre respeitando a ciência.

E o jornalismo científico pode ser humanizado? Com certeza que sim se pensarmos como Ijuim (2017) de que o jornalismo, por ser um dos meios de socialização, pode também ter a missão de humanizar. Segundo ele, é por meio do jornalismo humanizado que “podemos produzir narrativas em que o ser humano seja o ponto de partida e de chegada” (Ijuim, 2017, p. 236). Para o autor, o personagem deve ser apresentado sem estereótipos e caricaturas, mas como seres humanos. Sendo assim, cabe ao jornalista “observar a realidade como um tecido de acontecimentos, de forma compromissada e solidária aos valores universais,

identificada com a sociedade que este profissional (teoricamente) tem que servir” (Ijuim, 2017, p. 238). Portanto, jornalismo científico significa criar uma relação de aproximação da informação com a realidade do ouvinte, quando falamos em mídias sonoras. Outro aspecto importante apontado por Ijuim (2017) é que o fazer jornalismo humanizado prevê que o profissional da comunicação se dispa de preconceitos e estereótipos que levam à discriminação. Ijuim afirma que “não reconhecer o Outro, não se comunicar com o Outro, desumaniza” (Ijuim, 2017, p. 241).

Nos três *podcasts* pesquisados, vamos identificar o jornalismo científico e humanizado, desde a narração e descrição realizada pelos narradores, pelas fontes escolhidas para falar e inclusão de áudios que, se bem incorporados à história, tornam o assunto mais palatável.

A audição e a descrição das observações dos conteúdos

Nesta etapa vamos apresentar os três *podcasts* que foram analisados por meio da pesquisa exploratória e descritiva, incluindo a audição atenta de cada episódio. A partir daí conseguimos identificar, nos apropriando de alguns critérios da análise audioestrutural proposta por Silva (2022), observar o perfil de cada produto (identidade), a periodicidade, o espaço de circulação, a duração de cada episódio e o tipo de vínculo. Num segundo momento centramos a pesquisa descrevemos o tema abordado em cada edição dos três *podcasts* e os tipos de fontes ouvidas: oficiais, empresariais, institucionais, testemunhais, populares, especialistas ou notáveis (Silva, 2022, p. 58).

A descrição do *podcast* **O Veneno mora ao lado**, cuja temporada é de 2022 tem seis episódios, resume o assunto que é abordado:

O Brasil é o campeão do uso de agrotóxicos no mundo. A utilização desenfreada desse veneno está no centro de uma grande crise da sociedade atual, pois diz respeito diretamente ao que a gente come, bebe e respira - além de representar uma verdadeira guerra contra camponeses, trabalhadores rurais e povos tradicionais. Os agrotóxicos são a peça-chave do jogo. Sem eles, todo o modelo do agronegócio se desestrutura: cai o latifúndio, cai a monocultura, e até mesmo o desmatamento (O Veneno

mora ao lado, 2022, on line).

Nesta produção do Observatório de Saúde de Trabalhador de Belo Horizonte (OSAT-BH), é Giovanna Nader que convida o ouvinte “para a discussão urgente e necessária dos agrotóxicos” (O Veneno mora ao lado, on line). A instituição reúne, por meio de um termo de cooperação técnica entre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e a Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, e desenvolve atividades técnico-científicas de extensão, pesquisa e ensino. Um dos objetivos do projeto da Rádio Flutuante, em parceria entre a Fundação Heinrich Boll Brasil e O Tempo Virou, e que conta com a colaboração de vários jornalistas e ambientalistas, é produzir informações que tenham relação com a saúde do trabalhador. A coordenação é do professor doutor Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro (UFMG/Faculdade de Medicina) que tem contou com uma equipe de trabalho qualificada. O observatório tem um site² onde os *podcasts* podem ser acessados ou ouvidos no *Spotify* e outras plataformas, e também pelo *speaker* da Rádio Flutuante³.

O episódio 1 **Revolução verde** é uma viagem narrativa sobre o passado e “desvenda a história por trás do *lobby* dos agrotóxicos no Brasil e no mundo” (O Veneno mora ao lado, 2022, on line). Começa com a leitura da lei dos defensivos agrícolas no país para que os alimentos sejam mais saudáveis. Em seguida a narradora questiona e descreve a lei de flexibilização dos agrotóxicos, conhecido como o Pacote do Veneno. Na sequência entram sonoras, entre elas, o da ministra da Agricultura Tereza Cristina defendendo a lei porque não tivemos guerra e temos um clima tropical. A locutora chama atenção dos perigos da PL porque retira os poderes dos órgãos ambientais Anvisa e Ibama. Uma das fontes especializadas é a engenheira agrônoma Marina Lacôrte do Greenpeace. A apresentadora descreve os caminhos do pacote nas instituições governamentais e a fala é sempre intercalada

² **Observatório de Saúde de Trabalhador de Belo Horizonte** (OSAT-BH). Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/osat/publicacao/podcast-o-veneno-mora-ao-lado-profissao-veneno/>.

³ **Rádio Flutuante**. Disponível em: <https://www.spreaker.com/user/15008505>.

por áudios que contribuem para a compreensão do tema.

No episódio 2 **A guerra química** se atém à guerra entre ruralistas e camponeses por causa do uso indiscriminado do agrotóxico como uma arma química, numa região próxima de Dourados no Mato Grosso do Sul, onde viviam os guaranis kaiowás. Entre os processos do Ministério Público, da Justiça e tiros, tem muito veneno que contamina o solo, afirma a apresentadora que conduz o programa intercalado com sonoras dos indígenas sem identificação e trechos de noticiários. Entre as entrevistas está a pesquisadora e doutora em geografia Larissa Bombardi. A narração é predominante.

O episódio 3 **Profissão veneno** inicia com a história do agricultor Celito que fica muito mal por inalar veneno e se intoxicar. Uma realidade entre muitos trabalhadores das lavouras que usam agrotóxicos. Nesta edição a apresentadora Giovanna utiliza trechos de um programa de televisão que entrevistou agricultores e de encontros deles com especialistas. As histórias relatadas demonstram como os venenos matam e provocam uma reflexão nos ouvintes que estão acostumados a comprar alimentos e não questionam como eles são produzidos.

O episódio 4 **Mulheres e quintais** leva os ouvintes aos quintais produtivos das mulheres agroecológicas, uma visita que a equipe do podcast fez, em março de 2022, ao interior da Paraíba para conhecer de perto o modo de produção e organização política das camponesas do Celso Furtado, protetoras da natureza e da saúde. A descrição da apresentadora permite imaginar o local de produção de muita comida e destaca os quintais que são realmente os espaços de onde saem a maior parte dos alimentos que chegam às mesas. As principais vozes são das agricultoras.

No episódio 5 **O silêncio do campo** os efeitos sonoros de avião e da chuva, e do silêncio, por exemplo, estão presentes nesta edição que investiga as múltiplas camadas da contaminação dos agrotóxicos no meio ambiente. Didaticamente, a locutora explica como os agrotóxicos são criados nos laboratórios e como eles contaminam. E conta com a fala do professor da UFSC e coordenador do Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Santa Catarina Pablo Moritz. A ciência

comprova que o fruto pode ser mais saudável para ser consumido, alerta Giovanna.

No sexto e último episódio **Xeque-Mate** começa com a história da Giovanna que tem uma horta caseira instalada na varanda, da sua relação com atitudes sustentáveis e quando se tornou mãe. Nesta edição ela alerta para que cidadãos e consumidores ajam urgente para “dar um xeque no abuso dos agrotóxicos” (O Veneno mora ao lado, 2022, on line). Segundo ela, a escolha por alimentos sem veneno contribui para conscientizar sobre a cadeia de pequenos produtores e camponeses rurais que dependem do apoio da sociedade.

Na **Tabela 1** abaixo descrevemos o nome de cada episódio, quando foram divulgados no *Spotify* e o tempo de duração.

Tabela 1: Episódios do O Veneno mora ao lado (2022)

Episódio	Título	Dia de divulgação	Duração
1	Revolução verde	23 de maio 2022	32'16"
2	A guerra química	23 de maio 2022	29'42"
3	Profissão veneno	23 de maio 2022	33'09"
4	Mulheres e quintais	30 de maio 2022	34'06"
5	O silêncio do campo	6 de junho 2022	32'35"
6	Xeque-mate	13 de junho 2022	32'56"

Fonte: *Spotify* (2022)

O *podcast* **Pelo avesso** tem o apoio do Instituto Serrapilheira⁴ e possui um site próprio com design com fundo preto e destaques em amarelo e roxo, e nesse espaço *on line* se apresenta após o título assim: “Reviramos histórias para entender como chegamos até aqui. Pelo Averso conta fatos que ajudaram a moldar o Brasil em que vivemos. Sem revisionismos, com base na ciência e na pesquisa histórica” (Pelo avesso, 2021, on line). Quando clicamos no ícone para conhecer o projeto, lemos que a proposta da equipe, formada pela jornalista que faz mestrado em

⁴ **Instituto Serrapilheira** apoia a ciência e a divulgação científica no Brasil. Disponível em: <https://serrapilheira.org/>.

Comunicação Social na UFMG, onde pesquisa *podcast*, Jessica Almeida; e pelo jornalista que faz especialização em Comunicação Pública da Ciência na UFMG, Vinícius Luiz; é produzir um *podcast* de

histórias sobre a História do Brasil. Queremos revirar fatos que nem sempre ganham atenção para compreender como nos tornamos o país que somos hoje e pensar o que podemos ser daqui pra frente. Sem recorrer a revisionismos sensacionalistas, buscamos na ciência e na pesquisa histórica a base para fazer o programa. Inspirados pelo historiador Luiz Antônio Simas, tomamos a frase de Walter Benjamin como guia: “É preciso escovar a história a contrapelo (Pelo avesso, 2021, on line).

A temporada que analisamos tem como tema a Eugenia, crença e prática cuja finalidade é melhorar a qualidade genética da população, criada como conceito pelo inglês Francis Galton em 1883. As produções do segundo semestre de 2021 estão no site, com os devidos créditos, um breve resumo de cada programa e a transcrição para quem quiser saber detalhes. A partir do site, o internauta pode compartilhar o conteúdo nas redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e enviar por e-mail ou pelo aplicativo de mensagem *WhatsApp*.

O Pelo avesso tem uma conta com *Instagram* com 678 seguidores e 57 publicações e no *Twitter* com 515 seguidores, ambos com link que direciona para os produtos. Além disso, os sete episódios também estão publicados na plataforma de *streaming Spotify*.

O episódio 1 intitulado **Casos de Família** começa com uma descrição do programa Sai de Baixo que ia ao ar nas noites de domingo na TV Globo. A partir daí os narradores intercalam trechos, como do personagem Caco Antibes, que tinha horror a pobre, e falam das suas experiências de quando eram pobres e se viam nos personagens do humorístico. Logo Jessica Almeida e Vinicius Luiz declaram que Caco Antibes era eugenista e dão detalhes sobre a Eugenia e como essa crença criada por Francis Galton ocupou espaços no Brasil, como na área da saúde, e quem eram os brasileiros que seguiam essa linha de pensamento. Os apresentadores também destacam o impacto da publicação de *A Origem das espécies* na vida de um primo de Charles Darwin. O historiador Leonardo Carvalho da UFMA é uma das

principais fontes especializadas para explicar como a eugenia estava inserida na sociedade.

O episódio 2 **O Brasil na bola de cristal** tem como um dos convidados o doutor em educação e bibliotecário Marcos Martins que estudou o início do século 20 e dá detalhes sobre Congresso Universal das Raças, ocorrida em 1911 em Londres, por exemplo. Nesse encontro os convidados falam das diferenças dos brancos e dos negros que vivem segregados. Mas os intelectuais brasileiros João Batista de Lacerda e Edgard Roquette-Pinto destacam que no Brasil a chegada de muitos brancos iria fazer os negros e os mestiços desaparecerem. Para os cientistas, o Brasil seria majoritariamente branco.

O episódio 3 **Vovô era eugenista** começa com um trecho da trilha do programa Sítio do Pica Pau Amarelo, escrito por Monteiro Lobato, que ao ir para o interior de Minas Gerais começa a observar os caipiras. Fazia críticas a eles como preguiçosos e doentes em artigos e contos publicados na imprensa: trata-se do Zeca Tatu. Ao longo do programa são lidos trechos dessas escritas na voz de Thiago Dimmi. É o próprio escritor que destaca a mudança de parasita da terra para empresário e como os efeitos do higienismo, do sanitarismo e da eugenia à brasileira transformaram o Zeca Tatu. Com o objetivo de explicar como a eugenia se espalha no Brasil, os apresentadores têm como fontes mais relevantes o historiador Ricardo Augusto dos Santos da Fundação Oswaldo Cruz e o neto arquiteto José Renato Kehl que descobre pelos livros do acervo particular que o avô Renato Ferraz Kehl era eugenista.

O episódio 4 **Em busca do bebê eugênico** inicia com a leitura de um concurso de 1954 que premiava crianças consideradas eugênicas – brancas e saudáveis. Os apresentadores então localizam um dos bebês, José Eduardo Nazário, baterista e percussionista do Brasil e que já tocou com Hermeto Pascoal e Milton Nascimento. Mas ele apenas responde às mensagens e a pedidos de entrevista, lidas por Thiago Dimmi. Ele afirma não ser eugenista e diz que na sua família havia um respeito pela miscigenação, liberdade de expressão e direito de todos. O programa também tem como fonte o historiador Weber Lopes Goes que é autor do livro Racismo e eugenia

no pensamento.

O episódio 5 **Lima Barreto, Juliano Moreira e Roquette-Pinto** apresenta inicialmente trechos lidos de uma peça Traga-me a cabeça de Lima Barreto, que questiona como um escritor negro produziu tantas obras literárias significativas. Barreto morreu em 1922 e se levantou contra o racismo científico. Na época, o psiquiatra Juliano Moreira provou que as teorias do determinismo racial estavam erradas e ajudou muito Barreto. Uma das principais entrevistadas é a historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, autora da biografia Lima Barreto – Triste visionário. Na obra, ela destaca que Lobato e Barreto mantiveram uma boa relação e trocaram muitas cartas. E Ynaê Lopes dos Santos, professora de História da UFF e autora de livros sobre várias questões do negro, também é ouvida nesta edição.

No episódio 6 **Nem tudo acaba no fim** os apresentadores começam tratando do desaparecimento do nome Eugenia dentro da ciência, sendo substituída, por exemplo, por genética nos laboratórios de pesquisa. Essa crença, considerada por alguns como ciência, começou a desaparecer depois da 2ª Guerra Mundial. É o “fim da eugenia e suas heranças: o divórcio da genética; as esterilizações de mulheres pretas e pobres; as permanências do biodeterminismo; as novas caras do ideal de melhoramento humano [...]” (Pelo avesso, 2021, on line). Para a entrevista, o especialista é Vanderlei Sebastião de Souza, historiador e professor da Unicentro que explica as diferenças entre eugenia e estudos genéticos. Outras convidadas são a defensora pública no estado de São Paulo Paula Machado, que descreve a violência das laqueaduras em mulheres, e a autora do livro Raça Pura Pietra Diwan.

O episódio 7 **Casos de família (Parte 2)** gira em torno da história de duas irmãs iguais, mas de cores diferentes; sendo que uma é cientista pioneira na desconstrução do mito da democracia racial. Jenifer vê na educação o mecanismo transformador das desigualdades raciais no Brasil. Jessica é a irmã branca, apresentadora do *podcast* Pelo avesso. Ela tem clareza de como a diferença das cores da pele alteram as relações na escola e na sociedade. O especialista é o professor da Unisc e doutor em História Mozart Linhares da Silva.

Na **Tabela 2** identificamos o título de cada episódio, o mês em que foram

compartilhados no *Spotify* e a duração.

Tabela 2: Os episódios do Pelo avesso (2021)

Episódio	Título	Mês de divulgação	Duração
1	Casos de Família	Agosto de 2021	54'23"
2	O Brasil na Bola de Cristal	Agosto de 2021	49'19"
3	Vovô era Eugenista	Setembro de 2021	49'09"
4	Em busca do bebê eugênico	Setembro de 2021	48'06"
5	Lima Barreto, Juliano Moreira e Roquette-Pinto	Outubro de 2021	55'29"
6	Nem tudo acaba no fim	Outubro de 2021	1h03'03"
7	Casos de família (Parte 2)	Novembro de 2021	1h23'

Fonte: *Spotify* (2022)

Tempo quente é um *podcast* original da Rádio Novelo⁵ e a descrição no site diz: “O Brasil tinha tudo pra ser uma potência ambiental, mas tá ficando cada vez mais pra trás. A ciência alerta há décadas sobre a emergência climática, mas ninguém faz nada pra mudar. Tá todo mundo perdendo nessa história – e isso a gente sabe. Agora: quem é que tá ganhando?” (Tempo quente, 2022, on line). O design da página é em tons amarelos e vermelhos, fazendo referência ao fogo que queima na mata, cita os *links* utilizados em cada edição e apresenta vídeos curtos, em torno de um minuto, destacando aspectos sobre os temas abordados.

Os episódios têm uma vinheta de abertura forte e estão disponíveis no *Spotify* com a seguinte descrição: “Sente só o climão: o Brasil tinha tudo pra ser uma potência ambiental, mas tá ficando cada vez mais pra trás. A ciência alerta há décadas sobre a emergência climática, mas ninguém faz nada pra mudar. Tá todo

⁵ **Rádio Novelo**. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/tempoquente/#alerta-vermelho>.

mundo perdendo nessa história – e isso a gente sabe. Agora: quem é que tá ganhando?” (Tempo quente, 2022, on line). A apresentação é da Giovana Girardi que tem o suporte de uma equipe qualificada.

O tom sério e dramático abre o episódio 1 **Alerta vermelho** para o grave perigo do aquecimento global anunciado em 2021. E em seguida a apresentadora centraliza o conteúdo em iniciativas do governo federal que fala em uso do carvão queimando no Brasil, quando não é necessário porque temos hidrelétricas. O maior problema, enfatiza, são as queimadas e em seguida descreve a Usina de carvão do Capivari, em Urussanga (SC), que sobrevive com subsídio do governo. Com o uso de vários documentos que são citados no programa e descritos no site, e áudios, a narradora reconstitui a história carbonífera e também apresenta uma reportagem com um sobrevivente de um acidente ocorrido numa mina em Urussanga, em 1984.

O episódio 2 **O Agro é punk** inicia com a captação de falas de alguns parlamentares do *lobby* do agronegócio e da bancada ruralista da Câmara dos Deputados, em Brasília. Giovana afirma que o agro se trata de um “case extraordinário de reposicionamento de marca” (Tempo quente, 2022, on line). Para explicar a legislação florestal, ela entrevista o engenheiro de produção da UFMG Raoni Rajão. No decorrer do programa, a apresentadora cita alguns documentos como Análise da desigualdade de terras no Brasil, da Imaflores com base no Atlas da Agropecuária Brasileira, *Spread the truth*: Observatório do Clima rebate desinformação compartilhada por Bolsonaro sobre meio ambiente no Brasil e o parecer do relator deputado federal Aldo Rebelo (PC do B-SP) ao Projeto de Lei nº 1876/99 que trata sobre as áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal, exploração florestal e dá outras providências. Ela completa o *podcast* com deputados que defendem as questões ambientalistas e os defensores do agro.

Efeito sonoro de telefone abre o episódio 3 **No clima do “liberou geral”**. Giovana fala com o presidente da Associação Comercial e empresarial de Santarém (AM) Roberto Branco para combinar uma entrevista e compreender o impacto dos *lobbies* e das forças locais sobre a Amazônia. A partir daí ela descreve a região amazônica e relata as mudanças provocadas pelo cultivo da soja para exportação.

Branco, que é de Santa Catarina, afirma ser contra o desmatamento porque a evolução deixa rastros negativos. O tema principal é o desmatamento, os garimpos ilegais que contaminaram, por exemplo, Alter do Chão, distrito de Santarém (PA), e do agronegócio. No programa são citados vários documentos e apresentados trechos da entrevista com a cientista do INPE Luciana Vanni Gatti sobre o estudo *Amazonia as a carbon source linked to deforestation and climate change*, publicado na Revista *Nature* com dados até 2018. Segundo a pesquisadora, o Congresso Nacional não quer escutar a ciência e esses desastres como desmatamentos desenfreados vão destruir o Brasil.

O episódio 4 **Amazônia sitiada** começa com trecho da música de 1979, Este é um Brasil que vai pra frente, do comercial exibido durante o governo militar. Em seguida outras propagandas sobre a Transamazônica e do fusca *Beetle*, da Volkswagen, são apresentadas. A edição aborda o período em que o Brasil estava em busca do progresso e Giovana questiona sobre o significado da palavra progresso. Outra entrevista é com o ex-prefeito Neri Prazeres, um dos fundadores do município Novo Progresso (PA) onde em 2019 ocorreu o Dia do Fogo, organizado por fazendeiros e empresários. Ela também ouve a opinião do bispo emérito Dom Erwin Kräutler, morador de Altamira (PA). Segundo ele, a Amazônia é para a vida e é onde existem povos originários que precisam ser respeitados.

No episódio 5 **Era uma vez em Brasília** o tema central gira em torno de que os cientistas não têm credibilidade, principalmente em Brasília, e cita o filme Não olhe para cima (2021) que aborda justamente a negação à ciência e à pesquisa. Uma das fontes do programa é Natalie Unterstell, especialista em políticas públicas sobre clima e que coordenou o projeto Brasil 2040, com o apoio de 30 pesquisadores, para o ministério da Agricultura e Minas e Energia em 2013 e 2014 – que não foi finalizado. A edição ainda apresenta os problemas da construção da Usina Hidrelétrica do Belo Monte, no Rio Xingu, um sonho da presidenta Dilma Rousseff em 2013, que provocou impactos negativos na comunidade ribeirinha.

O episódio 6 **Nó em fio d'água** começa tratando da política ambiental que não teve prioridades e traz novamente a especialista Natalie Unterstell para abordar

outras questões da hidrelétrica Usina de Belo Monte e enfatizar que as usinas não fazem mais sentido para o Brasil. O físico José Goldenberg e ex-presidente da Fapesp afirma nesta edição para Giovana que o país tem vocação para hidrelétricas, mas o ocorrido em Belo Monte não deu certo. A apresentadora também conversa com o Raimundo que ficou com problemas de saúde por causa da destruição e da poluição do Rio Xingu. Ela destaca ainda a mobilização dos povos indígenas contra os desmandos na região e também relembra o apagão de 2001 que motivou o governo a adotar e incentivar os blecautes. Para completar, ela entrevista a jornalista Eliane Brum que lançou o livro *Brasil, Construtor de Ruínas* e fez muitas matérias na região amazônica.

O último episódio, o 7, **Crise e oportunidade** aborda algumas soluções para a crise energética para o Brasil, ouvindo especialistas como Ricardo Baitelo, do Instituto de Energia e Meio Ambiente que analisa os arranjos políticos e *lobbys* criados para a matriz energética do país; Rodrigo Sawaia, presidente da Associação de Energia Solar; Elbia Gannoum, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica; e Sergio Leitão, advogado e fundador e diretor executivo do Instituto Escolhas. Nesta edição, Giovana cita vários documentos e estudos como da NOS, do Ministério de Minas e Energia de 2022, e a Lei nº 14.182, de 12 de julho de 2021, que dispõe sobre a desestatização da Eletrobras. Ela também destaca o uso da energia solar que é renovável e vem crescendo no país, mesmo tardiamente.

A **Tabela 3** a seguir apresenta o nome de cada episódio, quando foram divulgados no *Spotify* e a duração.

Tabela 3: Episódios do Tempo quente (2022)

Episódio	Título	Dia de divulgação	Duração
1	Alerta Vermelho	7 de junho 2022	56'10"
2	O Agro é Punk	14 de junho 2022	1h01'21" "
3	No clima do "liberou geral"	21 de junho 2022	59'04"
4	Amazônia sitiada	28 de junho 2022	57'16"

5	Era uma vez em Brasília	5 de julho 2022	51'50"
6	Nó em fio d'água	12 de julho 2022	48'53"
7	Crise e oportunidade	19 de julho 2022	58'40"

Fonte: Spotify (2022)

Algumas considerações

Os três *podcasts* **O Veneno mora ao lado**, **Pelo avesso** e **Tempo quente** foram analisados por meio da pesquisa exploratória e descritiva com a audição dos 20 episódios. Foi necessário fazer uma escuta que exige atenção, diferente daquela que fazemos quando estamos sintonizados numa emissora e podemos nos dedicar a outras atividades cotidianas. Cada um deles, dentro das suas especificidades e linhas editoriais, apresenta temas relevantes e que geram polêmica por parte, principalmente, dos negacionistas científicos. Conforme a pesquisadora Kropf, “sua definição se dá por seu caráter intencional e articulado para produzir e disseminar desinformações e dúvidas, por meio de estratégias organizadas com o objetivo de contrariar evidências e alegações consensualmente reconhecidas pela comunidade científica” (Kropf, 2022, p. 201). Conforme a especialista, uma das táticas dos negacionistas “é produzir e semear desinformações, *Fake News* e rumores nos meios de comunicação em massa, em especial nas mídias sociais, com vistas a desacreditar uma alegação científica” (Kropf, 2022, p. 201). Mas os *podcasts* vão além dos conteúdos produzidos pelas rádios tradicionais. Por isso, para ouvir esses episódios, é necessário estar desprovido de preconceitos e acreditar na pesquisa, na ciência e na educação que contribuiu para a formação cidadã.

Os programas recuperam gêneros que, infelizmente, desapareceram das rádios comerciais e até educativas e universitárias por diferentes problemas como a precarização das redações causada, por exemplo, pela ausência de profissionais e até falta de interesse em aprofundar determinados assuntos, principalmente aqueles que geram polêmicas e debates.

Nos três *podcasts* estão presentes as narrativas de fôlego, as pesquisas documentais, as descrições, a inclusão de fontes especializadas que se caracterizam por serem profissionais com reconhecido conhecimento específico

sobre uma área de estudo e populares que representam as minorias e podem ser vítimas de determinadas situações, como indígenas e agricultores ouvidos no *podcast* **O Veneno mora ao lado**. De acordo com Ferraretto (2014), a inserção de fontes especializadas e de pessoas comuns que contribuem para a narrativa de uma história de vida caracterizam o jornalismo investigativo, o jornalismo humanizado, jornalismo científico, os documentários, os programas especializados e as grandes reportagens (Ferraretto, 2014).

Os três *podcasts* priorizam as fontes especializadas, mas quando necessário, incluem entrevistas com pessoas populares que fazem parte da história que está sendo narrada e estão inseridas no contexto social, como acontece em alguns episódios do **O Veneno mora ao lado** e **Tempo quente**. Alguns episódios também incluem fontes oficiais que são representadas por quem ocupa cargos eletivos como no Executivo ou no Ministério Público.

Ao observar as fontes utilizadas nas 20 edições, percebemos que os conteúdos abordados se tratam de um jornalismo científico com narrativas construídas pelo viés do jornalismo humanizado. As produções são jornalismo científico porque criam uma aproximação da informação com a realidade do ouvinte.

Na maioria dos programas o ser humano é o “ponto de partida e de chegada” (Ijuim, 2017, p. 236) principalmente porque é ouvido e apresentado sem estereótipos. Além disso, os jornalistas e os profissionais da comunicação, narradores de cada história, são sensíveis à realidade daqueles seres humanos e estão relatando fatos que interferem no contexto social de diferentes comunidades. Eles reconhecem o outro e falam sobre o outro sem preconceitos e estereótipos.

Bibliografia

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda**. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade da Região de Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018.

CHAGAS, Luãn José Vaz. **A seleção das fontes no rádio expandido**. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus editorial, 2014.

IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo?. **Verso e Reverso**, setembro-dezembro 2017. Unisinos (RS).

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádios e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, vol. 5, número 10, pp. 74-81, 2018.

KROPF, Simone Petraglia. Negacionismo científico. In: SZWAK, José; RATTON, José Luiz. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

LOPEZ, Debora Cristina.; VIANA, Luana; AVELAR, Kamilla. **Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In The Dark**. Anais do XXVII Encontro Anual da Compós. Belo Horizonte, 2018.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. **Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos**. Anais 16o SBPJor. Goiânia, nov. 2019.

MELO, José Marques de. (Editor). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. Volume 1. Conceitos. São Paulo: Intercom, 2010.

QUADROS, Mirian Redin. **As personagens jornalísticas nas narrativas radiofônicas: o lugar do ouvinte**. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, 2017.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast Mamilos: Uma proposta de análise audioestrutural**. Dissertação. Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, 2022.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Tese. Doutorado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã. **Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico**. In: XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021, Juiz de Fora. Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Anais**. XXVII Encontro Anual da Compós, PUC-Minas, 2 a 6 de junho de 2018.

Fontes

O Veneno Mora ao lado - <https://www.medicina.ufmg.br/osat/publicacao/podcast-o-veneno-mora-ao-lado-profissao-veneno/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/1p7ccJl68M7SpqtMip4XQl?si=NngclZR-SLS96Be7GzV6pQ>

Pelo Averso - <https://peloavesso.com/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/0E5llcS0UHUK0NSB2dsh8t>

Tempo Quente - <https://www.radionovelo.com.br/tempoquente/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/5g1iYnkOFGdve9eAr8Ag43>

Delírio pop no comentário sobre a política nacional em Medo e Delírio em Brasília

Pop delirium in the commentary on national politics in Medo e Delírio em Brasília

Delirio pop en el comentario sobre política nacional en Medo e Delírio em Brasília

Daniel Gambaro, Nivaldo Ferraz

Resumo

Este trabalho demonstra, tomando como exemplo o podcast Medo e Delírio em Brasília, os diálogos e a inserção desse tipo de produção no campo da cultura pop. Como metodologia, realizamos uma pesquisa exploratória por meio de observação flutuante para definir um episódio a ser analisado. Adaptamos técnicas de análise fílmica para identificar os elementos que distinguem esta obra de todas as outras para, em segunda fase, descrever os elos produtores de sentido. Assim, são descritos elementos constituintes do programa e suas funções no contexto em que aparecem, para elucidar os valores implícitos tanto nas fontes originais como aqueles oriundos dos usos. O artigo conclui que referências da cultura pop são significadas ou ressignificadas, de modo a reproduzir valores do campo progressista ao passo em que tornam o próprio podcast um produto desse caldo de cultura.

Palavras-chave: Podcast; Medo e Delírio em Brasília; Cultura pop; Política.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 24/10/2024 aceito em: 03/12/2024.

>> **Como citar este texto:**

GAMBARO, Daniel; FERRAZ, Nivaldo. O delírio pop no comentário sobre a política nacional em Medo e Delírio em Brasília. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 58-86, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Daniel Gambaro

d.gambaro@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0003-0903-8788>

Doutor e Mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP. Pós-doutorando em Sociologia no IFCH-Unicamp. Vice-coordenador do MidiaSon – Grupo de Estudos e Produção em Mídia Sonora (ECA-USP)

Nivaldo Ferraz

ferraznivaldo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0100-441X>

Doutor em Meios e Processos Audiovisuais e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professor do Centro Universitário Belas Artes (SP). Membro do MidiaSon (ECA-USP)

Abstract

This paper demonstrates, using as an example the podcast Medo e Delírio em Brasília, the exchanges with the field of pop culture and the insertion of this type of production in such field. The methodology included exploratory research through cursory observation to define an episode to be analysed. Techniques from film analysis were adapted and used to identify the elements that distinguish this work from other podcasts and, in a second phase, describe the links between elements that produce meaning. Thus, we describe the constituent parts of the program and their functions in the context in which they appear, to elucidate the implicit values both in the original sources and those arising from uses. The article concludes that pop culture references are signified or re-signified, to reproduce values from the left-progressist field while making the podcast itself a product in the cultural melting pot.

Keywords: Podcast; Medo e Delírio em Brasília; Pop culture; Politics.

Resumen

Este artículo demuestra, tomando como ejemplo el podcast Medo e Delírio em Brasília, los diálogos y la inserción de este tipo de producción en el campo de la cultura pop. Como metodología, realizamos una investigación exploratoria utilizando la observación flotante para definir un episodio a analizar. Adaptamos técnicas de análisis cinematográfico para identificar los elementos que distinguen esta obra de todas las demás y, en una segunda fase, describir los vínculos productores de significado. Así, se describen los elementos constitutivos del programa y sus funciones en el contexto en el que aparecen, para dilucidar los valores implícitos tanto en las fuentes originales como en los que surgen de los usos. El artículo concluye que las referencias a la cultura pop son significadas o resignificadas para reproducir valores del campo progresista y al mismo tiempo hacer del podcast en sí un producto de esta cultura.

Palabras clave: Podcast; Medo e Delírio em Brasília; Cultura pop; Política.

Introdução

O *podcasting* está se consolidando como um campo de produção amplo, aberto a diferentes manifestações culturais: um tipo de jornalismo investigativo sem espaço no rádio tradicional (Detoni, 2018); audiodramas (Santos, 2022); programas jornalísticos-documentais do gênero *true crime* (Viana, 2023); bate-papos e entrevistas (Silva; Santos, 2020). Essa pequena lista não esgota as possibilidades de formatos que, partindo da tradição radiofônica (Lopez, 2022), a superam, dado que reelaboram técnicas e recursos da linguagem sonora e se alinham às mais recentes experiências de consumo midiático.

O campo abre-se, também, para uma pluralidade de temas, espelhando o que já ocorre nas demais mídias: artes, consumo, estilo de vida, bem-estar, questões de gênero e identidade e, claro, a política, entre outros, constroem a diversidade da podosfera.

Tal contexto é terreno fértil para a emergência de formatos criativos, como o podcast *Medo e Delírio em Brasília* (MDBsb), escrito por Pedro Daltro e produzido, narrado e editado por Cristiano Botafogo. Seu formato se equilibra entre um tipo de *gillette press* sonoro sobre a política nacional, o comentário político e o humor, organizando uma narrativa própria, opinativa e inventiva dos fatos nacionais cotidianos. Sua característica peculiar torna difícil sua classificação precisa dentro dos mais comuns gêneros e formatos radiofônicos (Barbosa Filho, 2003) e jornalísticos (Marques De Melo; Assis, 2010). Contudo, as características do texto e da narrativa, a edição de áudios de diferentes fontes e a aplicação de inúmeros recursos sonoros fazem desse programa, em nossa opinião, uma referência aos estudos do *podcasting*.

Além dos elementos técnicos e narrativos, também o alcance em audiência merece destaque. Segundo o website Chartable¹, o MDBsb em geral aparece entre os 10 mais ouvidos no recorte temático “política”, e varia entre as 60^o e a 80^a posição no ranking dos top podcasts. Em 2023, ficou entre os 20

¹ Disponível em <https://chartable.com/>. Acesso em 21 out. 2024. O website, parte do grupo Spotify, foi descontinuado em dezembro de 2024.

melhores podcasts no Prêmio iBest, e em 2024 aparece entre os cinco melhores. É possível intuir que a audiência do programa se deva a diversos fatores: as já mencionadas qualidades técnicas e narrativas; ter “política” como tema; a visão alinhada ao espectro político identificado como “progressista”, uma vez que *podcasts* dessa vertente superam aqueles alinhados à direita política (PINHO *et al.*, 2022); e, naquilo que caracteriza o foco desta pesquisa, as interfaces com a cultura pop, por meio do humor, no desenho de cada episódio.

Conforme argumentamos em outro texto (Gambaro; Ferraz, 2022, p.5), o *podcasting* lastreia seu apelo pop ao oferecer uma mediação dupla, tanto técnica quanto social, da experiência cotidiana, concretizada em vínculos sonoros que se estabelecem no nível cultural. Assim, em diálogos com o universo cultural do pop, alguns podcasts se acomodam entre as atividades diárias enquanto habilitam uma arena de disputas discursivas do âmbito político. Fazem isso ao configurar novos espaços de circulação da informação (Braga, 2017), recodificando-a a partir de incessantes interações entre as fontes originais, os produtores do podcast e os ouvintes.

Entendemos como cultura pop o conjunto da produção midiático-industrial, em essência voltado ao entretenimento, mas que, ao fazer circular valores – mesmo que padronizados sob uma lógica econômica – é capaz de formatar comunidades de pertencimento e servir como fonte de identificação e reconhecimento (Janotti Jr., 2015; Soares, 2014; Becko; Amaral, 2021). Ao atrair a audiência por identificação com a cultura pop, o MDBsb abre caminho para engajar a narrativa política na sofisticada mescla de recursos linguísticos e sonoros de sua proposta humorística.

Nosso objetivo, portanto, é discutir o MDBsb como exemplo para demonstrar o acesso do *podcasting* ao universo cultural do pop. Tentaremos dar algumas respostas a questões levantadas anteriormente (Gambaro; Ferraz, 2022, p. 5-6): “Quais os elementos intrínsecos necessários para a popularização (ou viralização) de um podcast?” e, ao menos parcialmente, “Qual é o enquadramento de experiência dos podcasts?”. Seguindo proposta metodológica do referido

artigo anterior, apontaremos os diálogos com outras esferas midiáticas (exemplificados em recursos como citações e paródias – ver Hutcheon, 1991), destacando tal referencialização como elemento valorativo que (a) inscreve o podcast no conjunto social do campo político progressista; (b) mantém o senso de presentificação/impermanência que é característica da produção pop. Desta análise será possível demonstrar como (c) MDBsb se consolida como obra de referência e (d) alcança popularidade externa aos espaços de consumo de podcasts, tornando-se verdadeiro fenômeno midiático em ampliados circuitos comunicacionais.

Metodologia

Para demonstrar os itens (a) e (b), optamos por realizar a análise de um episódio completo (“Temporada II – Dias 165-169”, de 22 de junho de 2023). Após pesquisa exploratória, constatou-se que praticamente todos os episódios contêm estrutura semelhante, e que o escolhido contém os principais índices que desejamos destacar. Dada a limitação do espaço do artigo, não apresentaremos a análise completa do episódio: optamos por concentrar em alguns momentos desse exemplar, a que somamos observações tomadas a partir de outros episódios.

Adaptamos as técnicas de análise a partir da proposta de Vanoye e Goliot-Lété (1994) para a análise fílmica, por entender que esse método circunscreve os elementos dentro da temática discursiva da série de podcast. Cabe-nos sinalizar como a reflexão e a prática sobre a análise fílmica nos ajuda a pensar metodologicamente a observação de podcasts. Vanoye e Goliot-Lété avaliam que descrever e analisar uma obra equivale a submetê-la a uma nova interpretação, ampliando possíveis percepções. Como a obra cinematográfica é a reunião de um grupo grande de códigos, esse processo depende da decomposição do todo em seus elementos constitutivos. Busca-se, em uma primeira fase, identificar os elementos que distinguem a obra de todas as outras – o que nem sempre implica, todavia, em uma descrição exaustiva. Em seguida, a análise busca compreender

como esses elementos se conectam na obra, ou seja, em segunda fase são descritos os elos produtores de sentido. O processo de desconstrução/reconstrução, assim, equivale à díade descrição/interpretação.

De tal modo, o trabalho de análise deve partir do estabelecimento de parâmetros usados para a descrição da obra – no caso dos filmes, elementos como numeração de planos, duração, efeitos visuais e sonoros, *raccords*, etc. Acrescenta-se, no caso de obras inteiras, elementos como “marcas de pontuação” ou cortes, e a “coerência” da lógica narrativa. Como tratamos de uma obra essencialmente sonora², nos atentamos principalmente a: dinâmica de cortes, inserção de pontuações (vírgulas sonoras, que explicaremos adiante), função do narrador, efeitos sonoros e manipulação técnica dos sons, a coerência discursiva entre os recursos usados. Outros elementos destacados serão mais bem compreendidos na discussão.

Toda análise pressupõe, segundo Vanoye e Goliot-Lété (1994), certo distanciamento da obra para permitir reflexão sobre os processos internos àquele enunciado. Isso permite situar a obra em um contexto – histórico, político, artístico etc. – e viabilizar, portanto, uma “interpretação crítica” que se “interessa pelo sentido e pela produção do sentido” (p. 52). É nesse ponto que valores são produzidos, como será demonstrado na análise.

A partir dessa identificação, procuraremos atribuir “valores” aos diferentes componentes do podcast, seguindo as “regras” que adaptamos de Nildo Viana (2021):

- 1) Análise global do universo narrativo produzido pelo podcast;
- 2) Análise do processo de produção do universo narrativo (o extra narrativo);
- 3) Distinção entre os valores do produtor e aqueles expressos pelo conteúdo;
- 4) Distinção entre os valores gerais implícitos (em um exemplar da série) e explícitos (no conjunto da série);
- 5) Relação de valores entre os personagens ou participantes no podcast;
- 6) Análise da predominância valorativa no corpus analisado, isto é, no conjunto de episódios de um mesmo podcast;
- 7) Descrição da identificação valorativa dos criadores com os personagens. (Gambaro; Ferraz, 2022, p.9)

Já os itens (c) e (d) relatados anteriormente procedem da observação do

² Mesmo que alguns podcasters utilizem vídeo como parte intrínseca do produto, este não é o caso de MDBsb.

impacto do podcast mais além dos canais de veiculação do programa, p.ex. os perfis oficiais no X (antigo Twitter), Instagram e BlueSky³, e citações em outros canais midiáticos – como estações de rádio e canais de TV. São exemplos daqueles que já citaram o podcast em seus programas: Natuza Nery, Octavio Guedes e Andréia Sadi na GloboNews, Luis Megale na BandNews FM, Tatiana Vasconcellos na CBN, o canal humorístico do YouTube Porta dos Fundos e outros podcasts alinhados ao campo progressista⁴.

Cultura Pop

Para contextualizar a discussão que dá base às nossas reflexões sobre o podcast Medo e Delírio em Brasília, entendemos ser importante recuperar, de forma sintética, algumas considerações sobre cultura pop que alinhamos em artigo anterior (Gambaro e Ferraz, 2022). Naquela oportunidade, relacionamos a ideia de uma “cultura pop” à de cultura midiática, conforme descrito por Kellner (2001): em síntese, formas da produção cultural que se desenvolveram com as tecnologias comunicacionais e que, como produtos de uma indústria, potencialmente influenciam opiniões e comportamentos, tanto quanto acionam o reconhecimento e a identificação de indivíduos a grupos sociais.

Becko e Amaral (2021), entretanto, alertam sobre a dificuldade em definir o que é o “pop”, de modo que a definição descrita neste artigo possivelmente encontrará críticas. Não obstante, tentamos flexionar o sentido de cultura pop para não circunscrever o tema apenas aos aspectos comerciais. Se, por um lado, tais produções revelam necessidades econômicas de empresas (ou conglomerados), reproduzindo certa lógica dominante, por outro permite o trânsito de discursos dissonantes vinculados às identidades fragmentadas dos indivíduos no século 21. Fugiremos, então, da ideia por vezes comum de que adjetivar algo como “pop” representa uma crítica desqualificadora do produto. Pelo contrário, queremos destacar que esses produtos se inscrevem no cotidiano

³ Em 24 out. 2024, o podcast tinha 208,2 mil seguidores no X (medoedeliriobr), 83,2 mil no Instagram (medoedelirioembrasiliapodcast), e 50,5 mil no BlueSky (medoedeliriobr.bsky.social).

⁴ O próprio podcast compila, ao final dos episódios, áudio com as citações que recebem em outros canais.

e remetem a valores universais de uma era transnacional/cosmopolita (Janotti Jr, 2015).

Em resumo, as práticas, experiências e produtos do pop são parte relevante do conjunto da produção cultural contemporânea que encontra no entretenimento sua fonte. O pop se materializa em performances, muitas vezes fundeadas em matrizes populares⁵, que ocorrem dentro do sistema das indústrias criativas. Ou seja: ancora-se nas indústrias culturais e, por meio da relação produção/consumo, fortalecem “um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante” (Soares, 2014, p. 2).

Afinal, a cultura pop opera com signos transversais, hibridizados entre o nacional, o folclórico e o internacional-global (Ortiz, 2003; Martel, 2013). A permeabilidade do pop alimenta identidades num momento de fragmentação dos laços que marca o período contemporâneo (Hall, 2003), processo intensificado pelas trocas culturais plataformizadas (Becko; Amaral, 2021).

Outrossim, os produtos culturais pop também podem ser percebidos como alimentos articuladores das distinções entre grupos e classes, já que popular qualifica “um tipo de relação, *um modo de utilizar objetos ou normas* que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras” (Chartier, 1995, *grifos nossos*). Ou seja: o modo como os elementos que circulam no circuito pop são apropriados conforme estratégias de codificação/decodificação próprias dos grupos (Hall, 2013).

Outra característica que devemos indicar é o “presenteísmo” (Castro, 2015) da cultura pop. A valorização do tempo presente se expressa no alto fluxo de novidades e lançamentos, bem como na reatualização do passado por meio de relançamentos e ressignificações dos códigos outrora vigentes por meio da recursividade, da citação e da paródia – processos naturais da

⁵ Nos orientamos, aqui, à definição de popular-massivo descrita por Martín-Barbero (2009) e que, bebendo em referências das estruturas de reconhecimento e, portanto, lutas populares, atravessam a ressignificam as práticas das indústrias midiáticas.

contemporaneidade pós-moderna (Hutcheon, 1991).

Assim, propomos alguns traços determinantes na nossa análise do podcast como fenômeno da cultura pop. Primeiro, mesmo quando ancorado em práticas institucionalizadas das indústrias hegemônicas, como o rádio, o podcasting tem capacidade de articular formações culturais emergentes. Segundo, articula códigos de reconhecimento universais para exprimir sentidos muitas vezes restritos a uma comunidade, o que habilita uma prática política que se legitima nas referências ao mercado e à cultura do consumo. Por fim, ao presentificar uma série de referências cruzadas de outras instâncias do pop, inscreve sua relevância no ecossistema das mídias contemporâneas.

Discurso político, estrutura de sentimento e análise de valores

Neste novo passo em nossos estudos que chamamos de *Pop Podcast* e que averiguam a presença de elementos da cultura pop em podcasts de destaque na podosfera brasileira, estamos a adaptar as sete regras de análise de valores de Nildo Viana (2021), para o universo sonoro do *podcasting*.

Segundo Parsons (1964), valor é um elemento dentro de um sistema simbólico que serve como critério para orientar o curso de ações. Os valores possuem uma referência social: são, portanto, culturais e compartilhados. A ação orientada pelo valor pode ser compreendida a partir de padrões cognitivos, apreciativos ou de padrões morais.

Partindo desse e de outros autores, Nildo Viana (2007) define valores como algo significativo, “o conjunto de ‘seres’ (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais” (p. 19-20). São, por extensão, os atributos fornecidos a esses conjuntos.

o ser humano é um ser social e por isso as relações sociais são fontes de valores. [...] em sociedades heterogêneas (de classes) existe heterogeneidade de valores. [...] cada classe social, bem como outros grupos sociais, produzem valores diferentes e, em muitos casos, conflitantes. O conflito social é acompanhado pelo conflito de valores. (Viana, 2007, p.24)

Assim, valores “são os elementos fundamentais que orientam nossas escolhas, desejos conscientes, aspirações, gostos, ações, etc.” (p. 22).

Adotamos esse conceito de valor, em sua integridade, para nosso modelo de análise do podcast MDBsb. Especificamente, começamos pelo discurso político que caracteriza esta série de podcast. Os criadores se declaram publicamente alinhados a um pensamento político de esquerda, progressista⁶, e esses valores são impressos na série de programas realizados, mesmo que, muitas vezes, abram espaço para comentários oriundos de interações de ouvintes em sites de redes sociais – alguns incorporados em forma de áudio nos programas, como discutiremos mais adiante.

Desta feita, é importante demarcar o prosseguimento da potencialidade da análise de valores de Viana (2021) para além do produto analisado, quer seja, identificar nas relações sociais o impacto que o podcast provoca. Esse impacto pode ser observado como um conjunto de manifestações em diferentes meios, em movimentos que caracterizam o que defendemos como estrutura de sentimento (Williams, 1980) em versão manifestada com atuação da audiência em outros meios e redes sociais. Em seus estudos, Raymond Williams defendeu que as estruturas de sentimento são experiências sociais ainda em solução. O autor tentava, ao criar o conceito, identificar movimentos ainda não desvendados claramente em estudos sociais, mas que são presentemente vividos e sentidos ativamente⁷, ou seja, estruturas que orientam uma certa forma de prática cultural.

Nossa adaptação desse conceito vai no sentido de analisar como um podcast e os valores que aciona circulam na sociedade, medindo, por exemplo, a repercussão pelas reações de relevantes formadores de opinião que transitam em redes sociais e outras fontes de mídia que não o próprio podcast. Assim, quando a comentarista do canal Globonews, Flávia Oliveira, comenta

⁶ Os conceitos de "esquerda" e de "progressista" no Brasil são complexos. Para não cairmos em simplificações reducionistas, sugerimos ao leitor a o vídeo "Debate ICL: O que a esquerda deve fazer para recuperar o espaço perdido?" (<https://youtu.be/HgnzDJApUPI>), de 16 out. 2024, em que esses conceitos são debatidos por agentes políticos da esquerda brasileira contemporânea, como Manuela D'Ávila, Marcia Tiburi, Renato Freitas, Jones Manuel, Jessé Souza e Lindbergh Farias.

⁷ Para uma discussão mais detalhada sobre como esse conceito explica a relação entre o pop e o podcast, ver (Gambaro; Ferraz, 2022)

positivamente sobre o MDBsb ao vivo pelo canal, enviando beijos aos realizadores, está potencializando as interações, expandindo discussões a partir dos valores do podcast, ao apresentar resposta pública aos produtores.

O podcast

Medo e Delírio em Brasília nasceu como um blog escrito por Pedro Daltro tão logo Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil, em 2018. O primeiro post, intitulado “Dia -65: Oração de Posse”, inicia em 29 de outubro daquele ano uma contagem regressiva até o dia da efetiva posse, em primeiro de janeiro de 2019. Em sua primeira postagem, Daltro conta suas inspirações: por acompanhar a campanha vitoriosa e o governo de Donald Trump nos Estados Unidos, comparava a realidade ao filme “Medo e Delírio em Las Vegas” (1998) “uma doideira atrás da outra na maior fila de doideiras que você possa imaginar” (Daltro, 2018).

Se tem algo que eu aprendi no governo trump [sic] é que nessa montanha russa insana é difícil dar conta de tanta informação, e a confusão joga a favor de quem está no poder. É por isso que neste site pretendo organizar este futuro governo como se fosse um diário, juntando tudo de relevante que se passou em um dia em um post, com as devidas fontes. (Daltro, 2018)

Assim, o intuito de Pedro Daltro era manter um site que tornasse possível acompanhar o fluxo de notícias e informações a respeito do governo Jair Bolsonaro – a quem, evidentemente, ele se opõe. Apenas em 26 de novembro de 2019, após convite feito por Cristiano Botafogo, o MDBsb ganha um podcast: “Graças ao Cristiano Botafogo este sítio conta agora com um luxuoso e muitíssimo bem-produzido podcast, que muito provavelmente será publicado nas manhãs seguintes à publicação dos posts” (Daltro, 2019).

Um dos principais valores globais do podcast é a defesa da democracia e do controle civil do estado. Esse antagonismo se faz presente no decorrer da série e é um dos principais eixos de crítica ao governo Jair Bolsonaro – chamado por Daltro e Botafogo de “governo cívico-militar” ou simplesmente “governo militar”. Como o podcast demonstra ao contrapor fatos e análises, houve forte relação entre a atuação das forças armadas no governo anterior e a defesa de

uma pauta conservadora-liberal (Chaguri *et al.*, 2021), oposição diametral a pressupostos do campo progressista.

Em geral, são publicados dois episódios semanais, e em cada um deles são abordados fatos políticos dos últimos dias. Os episódios trazem, em média, até três temas, e variam em extensão de quarenta a sessenta minutos. Sendo impossível dar conta de todos os fatos diariamente, Pedro Daltro seleciona aqueles que são mais importantes dentro do campo discursivo em que se insere – a crítica política. Findo o governo Jair Bolsonaro, o MDBsb continuou firme em sua crítica à atuação militar, apesar de reduzida a influência dos militares no governo Lula. É isso, inclusive, a marca do episódio analisado, que se difere um pouco dos demais por trazer um único tema: a crítica às forças armadas brasileiras.

O episódio “Dias 166-169” dá repercussão às investigações da Polícia Federal que, após a prisão em maio do Coronel Mauro Cid (ex-ajudante de ordens de Bolsonaro), encontrou um “roteiro para o golpe” no telefone celular do militar, isto é, mais uma das sucessivas tentativas de invalidar as eleições e impedir a posse de Luiz Inácio Lula da Silva em janeiro de 2023. Nesse sentido, reproduz o valor geral do podcast e, ao efetuar uma crítica à sanha golpista, acaba se alinhando a valores da parcela da sociedade que condena tais atos. Ainda demarca, em forma de opinião, a necessidade de refundação das Forças Armadas, de modo a reproduzir valores civis – uma reivindicação do campo da esquerda política.

Cabe pontuar, de partida, que o programa conta com uma edição de áudio dinâmica, com inúmeros cortes para inserções cômicas, em geral pequenos “recortes” de canções, memes da internet, programas de TV, falas de políticos, manifestações de famosos em mídias sociais, entre outros, usados para pontuar ou enfatizar uma fala ou um fato, ou ainda para criticar ou ironizar o que está sendo dito. Daltro e Botafogo chamam tais pequenos trechos de “vírgulas sonoras”, e são elas o principal elemento em que a relação com o universo pop se manifesta, resumidamente nos seguintes pontos:

- a) manifestação clara da paródia, ao subverter os valores originais de trechos (especialmente falas de políticos e militares, mas também canções populares e áudios extraídos de trechos de filmes e vídeos), em atendimento ao conceito de paródia como apropriação de um modelo real e exagero em alguma característica desse modelo (Ferraz, 2001) para atribuir novos significados dentro da narrativa do podcast;
- b) replicação de outros memes digitais como elementos codificadores da mensagem, ressaltando a aderência político-cultural do podcast;
- c) Produção de novos “memes” a partir da releitura e da mixagem de produtos culturais, estabelecendo códigos valorativos próprios que, em edições seguintes do MDBsb, serão autorreferenciados.

Atualmente, cada episódio traz, na abertura, uma colagem de áudios extraídos de programas de rádio e TV, unidos entre si pela continuidade de temas, compondo uma narrativa cuja coerência é mantida pelas vírgulas sonoras. Segue-se a vinheta com o nome do podcast, a apresentação dos criadores em uma sequência de personalidades midiáticas dizendo seus nomes e o nome do podcast, e o convite de Botafogo: “–vamos passar pano [para o governo Lula]? – não –Então bora passar um pouquinho menos de raiva? –Bora [...]”. Cristiano Botafogo introduz, então, o tema do tópico a seguir, que inicia com quatro notas musicais descendentes, tocadas no piano.

Cada tópico é construído como uma narrativa a partir dos mesmos elementos: reprodução de trechos de áudio captados em diferentes fontes, como: a) pronunciamentos oficiais de políticos, coletivas de imprensa, entrevistas a programas de rádio, TV ou outros podcasts; b) leitura de reportagens e colunas jornalísticas, ou de relatórios e notas publicadas por agentes públicos, realizadas por Cristiano Botafogo em sua voz natural, com equalização, ou com voz caricata de um dos vários personagens por ele criado, como o Locutor Militar, o Locutor Pedante e Alexandre Frota, c) vírgulas sonoras; d) narração, elaborada por Daltro e lida por Botafogo, que atua como elemento de continuidade (Dunaway *et al.*, 2017).

A narração assume, ao longo de cada episódio, três papéis distintos: descrever o fato que ocorreu, interpretar e analisar o fato à luz de acontecimentos paralelos ou do passado, imprimir a opinião do podcast em relação ao fato. Esses três papéis são acompanhados por vírgulas sonoras. Para dar contexto à narrativa, os itens (a) e (b) acima, muitas vezes, são recuperados de momentos passados e mesclados com outros áudios, mostrando os efeitos contínuos das ações dos agentes públicos.

Neste trabalho, nos atentaremos às funções das vírgulas sonoras e outros elementos que dialoguem com a cultura pop. Não será possível transcrever a totalidade da análise realizada – e, de fato, nem mesmo será necessário tal feito para ilustrar nossa argumentação – de modo que privilegiaremos trechos que demonstrem como o roteiro e a edição de MDBsb utilizam – e, às vezes, subvertem – valores retirados de contextos da cultura pop para criar um novo produto, aninhado nesse mesmo campo de produção.

Análise: Mais um golpe verde-oliva

O episódio inicia com uma colagem de reportagens, análises políticas e discursos de Bolsonaro para mostrar como, atacando vacinas contra Covid-19, ele tenta desviar a atenção ao principal assunto naquele momento – que é o objeto central desse episódio. Após a vinheta e os créditos iniciais, entram algumas erratas do episódio anterior. Dos 7'15" aos 55'07", o programa analisa e comenta o relatório da Polícia Federal (PF) que trouxe à tona as provas, recuperadas do celular de Mauro Cid, de que se articulava um golpe para garantir a permanência de Jair Bolsonaro no poder. Vamos destacar alguns trechos e analisar os elementos constituintes, como neste primeiro quadro, abaixo, que traz o início do tópico.

1. **[Cristiano Botafogo - CB]** Mais um golpe verde-oliva [...] pode puxar daí, D2
2. **[vírgula]** *vai tomar no cu, Bolsonaro* (Marcelo D2) - *Do nada, mané!* (C. Botafogo)
3. **[CB]** Não era o que a gente estava esperando mas não vamos ser deselegantes de reclamar.
4. **[vírgula]** *Canalhas!* (Jair Bolsonaro em vídeo do YouTube atacando Rede Globo)
5. **[CB]** Se você estava esperando mais um episódio sobre as agruras do Marquinhos da Inteligência...

6. **[vírgula]** *Andou na prancha! Cuidado que o Xandão vai te pegar* (paródia musical, cantada por Botafogo, da canção Onda Onda – Olha a Onda de Tchakabum).
7. **[CB]** ... você vai ter que esperar o próximo episódio!
8. **[vírgula]** *Você está cansado de falar de política? Foda-se* (Choque de cultura)
9. **[CB]** Hoje a gente foi obrigado...
10. **[vírgula]** *é foda* (J. Bolsonaro)
11. **[CB]** ...a falar do tal roteiro do golpe encontrado no celular do...
12. **[vírgula]** *olha a faca* (Zorra Total, personagem Patrick)
13. **[CB]** ... coronel Mauro Cid. Mas antes a gente tem que esclarecer algumas coisas, porque...
14. **[vírgula]** *parece que está havendo, aí, um certo delírio* (Gilmar Mendes, TV Justiça)
15. **[CB]** Bora lá. Puxa daí o primeiro item, Brian.
16. **[vírgula]** *One* (Brian McKnight – Back at one)
17. **[CB]** Não se trata de um golpe no singular, golpe solitário. O que a gente viu, o que a gente testemunhou nessa quadra miserável da história não é um golpe, mas uma sequência incansável de golpes.
18. **[vírgula]** *“Selva!” “Acho que pode melhorar!” “Selva!”* (General Heleno diante de soldados).
19. **[vírgula]** *Piorou.*
20. **[CB]** Esse? Esse aí? É só mais um!
21. **[vírgula]** *de novo, cara!* (Gil Brother)
22. **[CB]** O finado governo militar de Bolsonaro...
23. **[vírgula]** *ódio e nojo* (Ulisses Guimarães durante promulgação da Constituição de 1988).
24. **[CB]**...nada mais era do que uma profusão de golpes...
25. **[vírgula]** *uma bosta* (meme: áudio de WhatsApp de estudante da UFRGS)
26. **[CB]**...iniciados antes mesmo de eles subirem a rampa em 2019. Em abril de 2018, por exemplo, o comandante do exército...
27. **[vírgula]** *Comandante Villas-Boas* (Jair Bolsonaro em discurso no começo do mandato)
28. **[CB]**...emparedou a Suprema Corte com um Tweet na véspera do julgamento do político mais importante das últimas décadas no Brasil.
29. **[vírgula]** *Alexandre Frota* (Diguinho, programa The Noite - SBT)
30. **[CB]** Não, caralho!
31. **[vírgula]** *Ó o passarinho cantando, que coisa bonita! Ó!* (Lula durante seu programa institucional Conversa com o Presidente – Youtube)
32. **[CB]** Mas o tweet do Vilas-Boas tinha o claríssimo objetivo de garantir a inelegibilidade do Lula. E, na época, o Lula liderava as pesquisas de intenção de voto.
33. **[Trecho]** Matéria jornalística de TV da época, sobre a postagem do general no Twitter e como isso impactava a disputa eleitoral de 2018.
34. **[CB]** Isso vindo de representante do exército é golpista pra caralho!...
35. **[vírgula]** *é golpe!* (não identificado)
36. **[CB]** ...e a vida seguiu normal por aqui.
37. **[vírgula]** *o crime ocorre nada acontece feijoadá.* (meme da internet)

No trecho transcrito no quadro 1 percebemos que as vírgulas sonoras, mais que ilustrações, agregam sentido ao texto lido por Botafogo, sinalizando os valores do podcast. Por exemplo, as vírgulas das linhas 2, 10, 14, 20, 22, 24 e 36 exprimem o sentimento dos criadores do podcast, compartilhados por parcela da população brasileira: desprezo por Bolsonaro e pelas forças armadas,

indignação com as ações golpistas, certo cansaço pela repetição de estratégias. Já a frase de Bolsonaro na linha 4 presentifica um dos vídeos mais famosos do ex-presidente, quando ele dá resposta, em uma *live*, a matéria do Jornal Nacional, da Rede Globo, que implicava seu nome nas investigações do assassinato de Marielle Franco. O mesmo xingamento caberia bem se Bolsonaro estivesse respondendo ao MDBsb.

Elementos oriundos da indústria midiática conferem o tom de humor e, ao mesmo tempo, vinculam o podcast com a cultura contemporânea. A linha 2 usa a legitimidade da voz do cantor, compositor e ativista político Marcelo D2 xingando o presidente em um show. Na linha 6, a paródia musical se aproveita de uma música famosa nos anos 1990 e de um outro viral – o então deputado Roberto Jefferson, em vídeo a apoiadores do bolsonarismo, chamou Alexandre de Moraes de “Xandão”, o “cachorro do Supremo”. Reflete que, apesar do desprezo dos golpistas pelo ministro da Suprema Corte, este mantém poder. O bordão “Olha da faca”, da linha 12, foi extraído do antigo programa de humor da TV Globo, Zorra Total, dito pelo personagem Patrick. Fisicamente semelhante ao Coronel Mauro Cid, usar esse bordão para caracterizar o militar indica, também, certa depreciação, dada a comicidade do personagem. Na linha 19 temos uma demonstração de como o podcast recupera ícones pop do passado, ao usar trecho de música do cantor estadunidense Brian McKnight, de 1999, em que o eu-lírico enumera cinco demonstrações de amor. Evocar Alexandre Frota (linha 28) remete a um personagem constante na internet, dada sua carreira de ator, ator pornô, e deputado federal, e tem efeito cômico na sequência narrativa, dando ênfase à frase de Lula. Esta frase do presidente, inclusive, se torna um meme que simboliza forte oposição ao governo anterior, dada a simplicidade e leveza carregada no tom de voz e no som da natureza ao fundo.

Nessa introdução, Botafogo afirma que será preciso esclarecer algumas “coisas” antes de comentar o relatório da PF. São dois pontos: o primeiro, parcialmente transcrito, visa demonstrar que as tentativas de golpe ocorreram durante todo o governo Bolsonaro, e o segundo procura destruir a tese de que o

golpe não ocorreu por ação do exército. No começo do segundo ponto, outro uso de elemento pop: ao chamar “Bora lá, Brian, puxa o 2”, Botafogo insere, em seguida, o início da música “Legalize it”, de Peter Tosh. Além do efeito cômico, essa inserção traduz outro valor implícito do MDBsb – a descriminalização do uso das drogas como forma de diminuir as mortes em decorrência da violência policial. Esse tema, mesmo sem estar diretamente presente neste episódio, é lembrado sistematicamente em inserções como essa em vários outros. Ao final desses dois pontos que são, na verdade, opinião do MDBsb, o texto lido por Botafogo lembra que o exército foi protagonista de todas as tentativas de golpe que o Brasil já sofreu.

Ao seguir a leitura do referido relatório, Cristiano Botafogo utiliza equalização para demarcar o texto que não é original – isto é, a citação ao texto de outro, incorporado ao roteiro. Em certo ponto, entretanto, ao ler uma “minuta de declaração de estado de sítio”, Botafogo interpreta a voz do “Locutor Militar” e coloca, ao fundo, uma música circense que lembra palhaços, ironizando a seriedade do texto sem introduzir frases novas.

Conforme avança, são mesclados trechos recuperados de reportagens antigas, falas de Bolsonaro a apoiadores ou pronunciamentos oficiais, trechos de entrevistas etc., que contextualizam a análise que Daltro faz da minuta. Por exemplo, o texto golpista traz afirmação de que “a ideia de justiça, para o Direito do Estado, presume que o poder emana do povo”. Após ler esse trecho, Botafogo inclui fala de Silas Malafaia, dita após as eleições de 2022, em que conclamava as forças armadas ao golpe (“*O povo é o supremo poder*”) e de Bolsonaro, em ato político, quando afirma que as pessoas deveriam “dar a vida pela liberdade” (“*esse, Braga Neto, é o nosso exército. É o exército do povo!*”). Ambos os textos são usados no seu sentido estrito, aclarando os valores cultivados pelo bolsonarismo – uma visão de liberdade que despreza a vida.

O contraponto vem com citações à cultura pop. Ainda no começo da leitura da minuta golpista, é inserida um trecho de esquete do Porta dos Fundos, em que Fábio Porchat, rindo, questiona “*esse texto é maravilhoso, quem foi que*

escreveu?”. A pergunta é respondida pelo Professor Raimundo (Chico Anysio): “*Seu Rolando Lero*” – este, um personagem interpretado por Rogério Cardoso e conhecido por enrolar quando não sabia uma resposta. Em trecho da minuta que começa a ficar evidente a tentativa de golpe, usamos áudio do narrador Galvão Bueno, em jogo da seleção brasileira, questionando uma falta: “*Pode isso, Arnaldo?*” – um meme comum.

Mais adiante, o relatório da PF afirma que Mauro Cid fez *backup* das imagens da tal minuta, enviando fotos para o seu próprio telefone. O comentário a seguir acena mais uma vez ao universo pop e satiriza a ação de Cid, fazendo referência à estética do antigo desenho animado *He-man*, que sempre encerrava a história com uma lição de moral.

1. (a 24’24” do episódio) **[CB]** E como isso chegou no telefone do Cid, hem? Vai ver alguém enviou para ele, e ele nem viu... Segue no relatório da PF.
2. **[CB – Equalizado]** Às 23h39 do dia 28/11/2022 Mauro Cid envia três fotografias por meio de um telefone salvo em sua agenda como “Major Cid-AJOPR”. O envio aparentemente serviu como *backup* das imagens.
3. **[CB]** – Pois é, o Cid tirou foto dessa declaração de estado de sítio e enviou para si mesmo
4. **[trilha de fundo]** Música do desenho animado *He-man*.
5. **[CB, impostando a voz]** Hoje aprendemos que, se você vai dar um golpe, talvez não seja boa ideia tirar fotos da prova do crime.
6. **[trilha]** – Destaque para a frase “*He-man*”
7. **[vírgulas]** *Burro!*

Em seguida, o relatório menciona outros documentos, sendo que uma série deles traz a reinterpretação, feita por membros do Comando das Forças Armadas, do artigo 142 da Constituição Federal, polêmica e incorreta ao atribuir às Forças Armadas um suposto “poder moderador”. Daltro lembra que o alto escalão do exército é formado na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman).

1. (a 26’38” do episódio) **[CB]** Pessoal aí é formado na Aman, hem?.
2. **[Trecho]** “Tá tudo errado. Precisa rever tudo! [...] Na formação dos generais [...] na Escola Superior de Guerra. A bibliografia está velha, vocês estão ultrapassados. Vocês sequer sabem direito os conceitos” (Reinaldo Azevedo, o É da Coisa – Bandnews FM)
3. **[Vírgula]** *Deixa c’a cara magoada!* (Amigo do Marquinhos, meme da internet).
4. **[CB]** – E a gente sempre vai falar, hem? A Aman tem que ser refundada como Escola Civil Paulo Freire, com show de inauguração da Pablo Vittar.
5. **[Vírgula]** *Eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia. Sou todo dia, sou todo dia.* (Todo Dia – Pablo Vittar).

A extração da análise de Azevedo corrobora a opinião do podcast, mas a inserção da música pop em seguida vai além: a canção da *drag queen* Pablo Vittar

é uma afronta aos valores representados pelos militares, instituição machista e misógina, bem como ao conservadorismo-liberal que marcou o governo Bolsonaro. Além disso, a menção a um ícone pop mostra o diálogo do programa com valores da cultura contemporânea.

O relatório da PF menciona documento que cita o advogado Ives Gandra Martins, especialista em direito tributário e, talvez por esse motivo, um dos intérpretes da tese do “poder moderador”. Suas interpretações são usadas, nas correspondências dos militares, como o suporte para um roteiro do golpe. Essa interpretação dá lastro a afirmações de Bolsonaro e seus apoiadores, como uma fala de 18 de janeiro de 2021, recuperada pelo podcast, quando o ex-presidente afirma que “quem decide se o povo vai viver na democracia ou na ditadura são as suas forças armadas”. Dadas as implicações de seu nome nesses documentos, Martins aciona a própria filha em um vídeo, em que afirmam, juntos, serem “superapaixonados pelo Estado Democrático de Direito”. Botafogo, então, diz que “O crime de Yves Gandra foi amar demais a democracia! Diz aí, Natuza!”.

Na sequência, entra trecho da canção feita a partir da fala de Augusto Aras na abertura do ano legislativo no STF, em que o Procurador-Geral da República afirma que ama a democracia: “Como diria o poeta, ele falava todo dia! Te amo, te amo, te amo, democracia!”. A letra da canção, criada por Cristiano Botafogo, lembra as músicas românticas de grupos dos anos 1980 e 1990, como Roupas Nova e Yahoo. É apresentada pela primeira vez ao final do episódio de 4 de fevereiro de 2023 e distribuída nas mídias sociais do MDBsb⁸. Na GloboNews, a canção é brevemente interpretada pela jornalista Natuza Nery. Botafogo fez nova edição, com a voz da jornalista e a sua, em *backing vocal*, e essa nova versão é incorporada ao episódio analisado.

O tópico da “minuta do golpe” termina com leitura da coluna de Jamil Chade no dia 19 de junho, que informa sobre um relatório produzido na ONU que indica interferências do então candidato sobre o processo eleitoral e o ataque à

⁸ Vídeo com o trecho do discurso e a versão original da música pode ser ouvida neste link: <https://youtu.be/O4-bjALBI7Q>

democracia. Ao longo da leitura são mesclados trechos de pronunciamentos e entrevistas do ex-presidente, que corroboram as acusações feitas no relatório tanto sobre o golpismo como a sabotagem ao combate à pandemia. Esse trecho final reforça os valores buscados pelo podcast e compartilhados pelos ouvintes que, no mesmo espectro político que Daltro e Botafogo, condenavam a visão neoliberal que empurrava trabalhadores ao risco de morte. O relatório, segundo o podcast, mostra aos outros países o que deu um governo militar por aqui. Os militares estão sob ataque, lembra-nos MDbsb, e agora alguns membros, como o atual presidente do Supremo Tribunal Militar, Joseli Camelo, tentam relativizar a culpa.

Para além dos agregadores

A experiência que o Medo e Delírio em Brasília promove se manifesta além das ondas sonoras. Ao dar tratamento a textos jornalísticos e midiáticos em sua base, faz circular a informação jornalística num fluxo adiante (Braga, 2017), mas com nova codificação de valores. A informação recodificada tem seu alcance ampliado, então, em outras esferas – em comentários em outros podcasts, em citações em programas do rádio e TV abertos, no canal de “cortes” do YouTube e do Telegram e, principalmente, nos perfis em sites de redes sociais do MDbsb, onde ocorre, também, a manifestação dos ouvintes. Falaremos brevemente sobre cada um.

A temas que circulam nos veículos mais tradicionais, adicionam novos vieses interpretativos. Por exemplo, no episódio “Dias 531 a 533 – ‘Estamos nos afundando num copo d’água’ - 12 a 14/06/2024”, o programa tenta fazer contrapontos à defesa, vastamente difundida, da política monetária do Banco Central – baseada em manter os juros básicos do país em volume alto. Sendo esse um tema que foge do domínio de Daltro e Botafogo, o programa traz uma explicação gravada pela professora e economista da UERJ, a Juliane Furno, exclusivamente ao podcast. Essa prática, inclusive, tem se tornado constante nos episódios recentes: com o reconhecimento do MDbsb, especialistas

(provavelmente ouvintes) têm gravado com mais frequência áudios “encomendados” para o programa, o que adiciona um caráter mais informativo e explicativo (além do opinativo).

Outra estratégia de circulação é fazer repercutir, entre os ouvintes, temas que pouco foram abordados na mídia hegemônica. O episódio “Dias 637 a 639 – O sonho de Amotara – 25 a 27/09/24” reproduziu falas de lideranças indígenas – bastante contundentes, com críticas ao presidente Lula – durante cerimônia que marcou o retorno de um manto Tubinambá ao Brasil após 300 anos.

O próximo exemplo demonstra tanto a tentativa do podcast fazer circular temas menos recorrentes, como a reforma do “Novo Ensino Médio” – que, todavia, entrou em discussão a partir do início do governo Lula – como a forma que a repercussão em mídias sociais (e a intervenção da audiência) influencia os rumos do programa. O episódio “Dias 100 e 101 – ‘A pressa não se justifica’ – 11 e 12/04/23”, trouxe, na seção “aparte”, uma longa reflexão de Fábio Campos, educador popular e pesquisador de educação vinculado à Fundação Lemann, sobre o novo Ensino Médio. Em sua fala, apesar de tecer críticas ao modelo implementado pelo governo Temer, Campos defende a reforma e sua pretensão de orientar a formação dos estudantes a futuras carreiras.

A repercussão desse “aparte” foi grande na conta do X do MDBsb – inclusive, com comentários ofensivos⁹. Em geral, os ouvintes se indignaram com a parcialidade do comentarista em apoiar o formato do ensino médio que, em certo sentido, parece estar voltado unicamente a formar mão de obra [barata] para o mercado de trabalho. Os inúmeros comentários provocaram Pedro Daltro e Cristiano Botafogo a elaborarem um episódio exclusivo sobre o tema: “Dias 102 a 106 – Deu Errado – 13 a 17/04/2023”. Esse novo episódio abre com fala do professor da UFABC e integrante da Rede Escola Pública e Universidade (REPU), Fernando Cássio, feita a pedido para o podcast, em resposta à fala de Fábio Campos. Em sua fala de quase nove minutos, o pesquisador desmonta os

⁹ É possível encontrar os comentários neste link:

<https://x.com/medoedeliriobr/status/1647050792749105153>

argumentos de Campos e adiciona novos pontos à discussão. Em seguida, após a abertura, Botafogo inicia assim o texto:

1. **[CB]** “A porra do novo Ensino Médio”
2. **[vírgula]** *Caralho* (não identificado)
3. **[CB]** Bom, a gente estava devendo já, há bastante tempo, um episódio dedicado só ao novo ensino médio – ou, principalmente ao novo ensino médio. E, por que será, chegou o dia, né?
4. **[vírgula]** *Por que será?* (canção sertaneja: Don e Juan)
5. **[vírgula]** *Fia da Puta* (meme – velhinha)
6. **[CB]** No último episódio a gente colocou um aparte que muita gente não gostou – E COM RAZÃO!.
7. **[vírgula]** *Não grita aqui, não* (Bolsonaro falando para seguidores)
8. **[vírgula]** *Tá certa a indignação* (Choque de Cultura)
9. **[CB]** Foi a primeira vez que a gente falou sobre o novo ensino médio e a gente não colocou uma crítica, só ao novo ensino médio
10. **[vírgula]** *Ih, rapaz* (jogador Fred em entrevista de 2014)
11. **[vírgula]** *Tá errado* (Eduardo Oinegue)
12. **[vírgula]** *Cê é maluco, é?* (meme da internet – reportagem do SBT)
13. **[CB]** Então só resta a gente pedir desculpa pela comunicação *horrorosa*
14. **[vírgula]** *Horroroso!* (Milton Cunha)
15. **[CB]** E mandar um
16. **[vírgula]** *Foi mal tava doidão* (não identificado)
17. **[vírgula]** *Foi mal tava doidão aqui não, seu arrombado* (YouTuber Cauê Moura)

Ou seja: para além dos comentários em postagens e sugestões de pauta, as mídias sociais servem como canal de circulação, onde os valores implícitos e explícitos do podcast se alinham com aqueles da audiência. Há, por exemplo, uma página criada por fãs para tentar encontrar a origem de todas as vírgulas¹⁰. A manifestação da audiência, inclusive, foi incorporada à produção em 2024: o aparte, que antes era muito mais um aprofundamento de temas não tratados no roteiro, tem aberto cada vez mais espaço para comentários em áudio de ouvintes comuns, que assumem a figura de “personagens” a ilustrar uma situação; a denunciar algo; que fazem “contraponto” a uma fonte “oficial” citada no programa; ou mesmo de especialistas – como nos exemplos citados.

Não são apenas esses áudios enviados que contribuem para ampliar o circuito do podcast. Fora do campo sonoro, o podcast trava diálogo com a audiência por meio de comentários sobre notícias e com a publicação de memes nas redes X, BlueSky e Instagram (**Figura 1**). Em geral, Pedro Daltro segue o

¹⁰ Acesso em <https://x.com/VirgulasMeDeB>.

noticiário político e publica suas impressões em mídias sociais, o que serve como antecipação dos futuros episódios. Faz uso de memes e, muitas vezes, compartilha áudios disponibilizados pelos aplicativos para celular que levam o nome do podcast. Tal aplicativo – também criado por fãs – autonomiza a parte mais singular do MDBsb, as vírgulas sonoras, permitindo o compartilhamento de trechos de filmes, discursos, reportagens e toda a diversidade de vírgulas pelos ouvintes – os recortes de produções do pop se travestem, então, com os valores do podcast.

Há que se comentar, ainda, o processo circular de citações. Enquanto MDBsb faz referências a diferentes programas e podcasts, é comum que jornalistas e podcasters mais ou menos alinhados com os valores de Daltró e Botafogo também os citem em seus comentários – além dos casos aludidos anteriormente, há que se destacar, por exemplo, os podcasts *Meteoro Brasil* e *Ingresia* com Franciel Cruz, bem como o canal ICL Notícias. Tais citações são, então, incorporadas no próprio MDBsb, ou inseridas como registro ao final dos episódios. A vinheta de abertura, por exemplo, traz uma diversidade de vozes que anunciam “Cristiano – Seu Lixo”, “Um beijo para Pedro Daltró” e “Medo e Delírio em Brasília”.

Essa vinheta foi enriquecida com a repercussão da notícia sobre a existência de uma agência de investigação extraoficial durante o governo Bolsonaro – uma “Abin Paralela”¹¹. O podcast relatou partes da investigação¹² usando muita ironia, pois os agentes haviam identificado “ao menos um integrante” da dupla, embora os autores sejam identificados em todos os episódios e na identidade visual das mídias sociais e agregadores de conteúdo. Isso virou motivo de piadas em diversos canais, e algumas falas foram incorporadas na abertura, como “Todo mundo sabe quem é!”.

¹¹ A estrutura e agentes da Agência Brasileira de Investigação executaram o software israelense FirstMile para monitorar movimentos de pessoas que interessavam ao governo Bolsonaro.

¹² Episódio “Dias 566 a 569 – O inquérito da Abin – 16 a 19/07/24”. A repercussão da descoberta de Medo e Delírio em Brasília no rol de monitorados é compilada ao final do episódio anterior, “Dias 562 a 565 – Mais um áudio de uma fatídica reunião – 12 a 15/07/24”.

Figura 1



Fonte: <https://x.com/medoedeliriobr/>. Na primeira postagem, de 09 fev. 2023, Daltro comenta Natuza Nery, ao vivo na GloboNews, cantando a música “Amor à Democracia”. No segundo quadro, comentário de 23 fev. 2023 sobre fala da deputada federal Carla Zambelli, ao afirmar que havia contatado o ministro Alexandre de Moraes e, logo em seguida, teve restituído o acesso às suas redes sociais. Em terceiro, texto destaca trecho de reportagem de 29 ago. 2024 sobre o embate X/Alexandre de Moraes, e o comentário é feito em forma de áudio com uma vírgula do programa. Por fim, comentário de 19 out. 2024 sobre indiciamento de Bolsonaro e membros do governo anterior pela Polícia Federal.

Por fim, a elevação do MDBsb a ícone pop se expressa, também, na forma como esses personagens, usados em vírgulas sonoras, são por vezes acionados para contribuir com o programa. Na ocasião da campanha e eleição de Javier Milei como novo presidente da Argentina, entre outubro e novembro de 2023, o MDBsb fez uma autoparódia, apresentando abertura em espanhol com um locutor anunciando "Pánico y Locura en Buenos Aires" (episódio "Dias 290 a 295 – Medo e Delírio em Buenos Aires – 18 a 23/10/23") e a mesma ordem de vozes da abertura do podcast brasileiro, mas agora em outro idioma: algumas pessoas, como Sâmia Bomfim, Natuza Nery e Antonio Tabet, gravaram e enviaram para Cristiano Botafogo uma versão em espanhol das falas antes recortadas. Assim, ouvem-se frases como "Cristiano: su basura", "un beso para Pietro Daltro" e "Yo no escucho Miedo y Locura".

A autorreferência em forma de paródia é uma característica marcante do pop, pois recorda à audiência sua gravação original, e retira humor pela diferença de linguagem, com as mesmas pessoas falando as mesmas palavras que em português, mas agora em espanhol, pelo tema do programa específico. A autorreferência traz à audiência recordação do original, acionando a memória do ouvinte assíduo e conquistando duplo efeito: o riso e a lembrança, a marcar o produto como pop. Concordamos com Martino e Marques (2022), em seu subtítulo "A lógica da recriação: os textos da cultura pop" que se trata de uma recriação. Para os autores, "uma das marcas da cultura pop é estar aberta a novas versões" (p. 35-36).

Considerações

Este artigo discute como o podcast Medo e Delírio em Brasília se insere no circuito cultural do pop. Foram apresentadas análises de trechos de um episódio, além de comentários gerais sobre o programa como um todo – observações extraídas de uma observação flutuante e contínua.

Buscou-se, principalmente, demonstrar como valores são articulados no podcast, e como as referências à cultura pop são significadas ou ressignificadas

na narrativa do MDBsb. Nossas observações demonstram que os valores extrínsecos do podcast se alinham aos do campo político progressista, como a crítica às tentativas intervencionistas das Forças Armadas e a luta por uma sociedade mais igualitária. O artigo também descreve como as vírgulas sonoras, tomando forma de citação, paródia ou comentário, imprimem implicitamente, em cada contexto, os mesmos valores presentes no campo progressista.

Ao lançar mão de citações e paródias do pop, o programa dialoga com um público amplo e mantém certa atualidade. Quebra as temporalidades diversas das referências e citações para aprimorar a percepção de causa e efeito entre as ações dos atores políticos. A relação com o universo pop efetiva, também, a transformação da produção do próprio podcast em elemento “propagável” (Jenkins; Green; Ford, 2014). A canção da democracia, assim com outras criadas por Botafogo, é um exemplo de que o programa se insere tão prontamente no “caldo de cultura” que, mencionado em outras esferas midiáticas, vira referência e passa, inclusive, a gerar memes. A paródia e a ironia contidas na canção exprimem uma série de valores do podcast e do seu público: a defesa da democracia, a indignação com o sistema jurídico representado por Aras, a necessidade de conduzir com mais leveza a política nacional. Inúmeras citações ao programa nos sites de redes sociais, em outros podcasts e na mídia tradicional mostram como isso reforça, então, marcas de pertencimento que tendem a alimentar uma comunidade de ouvintes.

MDBsb serve como referência para estudos de podcast dadas as qualidades técnicas do seu texto, mas também por demonstrar as potencialidades da linguagem sonora que se efetivam em citações incorporadas na edição. Seu sucesso é consequência, além disso, da codificação cruzada dos valores nos elementos constituintes dos episódios.

Em resposta a nossas perguntas iniciais, nos parece evidente que os elementos intrínsecos necessários para a popularização deste podcast parecem ser a forma técnica e a utilização dos recursos do universo pop, inclusive contribuindo para sua reprodução. O enquadramento de experiência do ouvinte

do MDBsb é, com certeza, o despertar do interesse pela política – um processo que se alimenta das estruturas de sentimento contemporâneas e que o podcast, diretamente, contribui para formar. Da mesma forma, atende a necessidade de articular a infinidade de informações em uma forma objetiva – como era o projeto original do blog de Pedro Dalto.

Referências

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BECKO, Larissa. T.; AMARAL, Adriana. “Don’t Panic”: Pistas e problematizações para pensar as lacunas conceituais nas (in)definições de cultura pop. **Cult de Cultura**, vol.1, n.1, 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/7wgvgYBH>. Acesso em 31 maio 2021.

BRAGA, José L.. Parte I: Matrizes Interacionais. In. BRAGA, José L. et al. **Matrizes Interacionais**. João Pessoa: EDUEPB, 2017, p.15-70

CASTRO, Fábio F. Cultura Pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone P.; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 34-44.

CHAGURI, Mariana.; CAVALCANTE, Sávio M.; NICOLAU NETTO, Michel. O conservadorismo-liberal no Brasil de Bolsonaro: a força da articulação no contexto de pandemia. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 10, n. 1, p. 285–307, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25160/bjbs.v10i1.127240>. Acesso em: 14 aug. 2023.

CHARTIER, Roger. 1995. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Revista **Estudos Históricos**, v.8, n.16, p.179-192, jul-dez/1995. Disponível em: <https://cutt.ly/ZeDSwXkN>. Acesso em 23 out 2024.

DALTRO, Pedro. Dia -65: Oração de posse. 29 out. 2018. **Medo e Delírio em Brasília**. [Weblog]. Disponível em: <https://cutt.ly/AwgvgnXm>. Acesso em: 23 out. 2024.

DALTRO, Pedro. Dia 327 | Depois do filho do presidente, o ministro da Economia: “Não se assustem se alguém pedir o AI-5”. 25 nov. 2019. **Medo e Delírio em Brasília**. [Weblog]. Disponível em: <https://cutt.ly/HeDEVuyK>. Acesso em: 23 out. 2024.

DETONI, Márcia. **O documentário no rádio: desenvolvimento histórico e tendências atuais**. 2018. Relatório de Pesquisa (Estágio pós-doutoral) – PPG Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DUNAWAY, David K.; GAMBARO, Daniel; VICENTE, Eduardo. Entrevista com David King Dunaway: o documentário radiofônico. **Novos Olhares**, v. 6, n. 1, p. 7-19, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/BwgvhrPX>. Acesso em: 14 ago. 2023.

FERRAZ, Nivaldo. **Humor no rádio brasileiro: significado psicossocial, formulação humorística e representação do cômico**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São

Paulo, 2001.

GAMBARO, Daniel; FERRAZ, Nivaldo. Chaves metodológicas para o estudo e análise de podcasts em sua relação com a cultura pop. In: 45º Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 2022. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** [...]. UFPB, João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/iwgvhsjc>. Acesso em: 10 jun. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 7ª ed.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais** (Organizado por Liv Sovik). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. R. Janeiro: Imago. 1991.

JANOTTI JR., Jeder. Cultura Pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone P.; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. (Org.) **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.

JENKINS, Henry.; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia**. Bauru: Ed. Universidade do Sagrado Coração, 2001.

LOPEZ, Debora C. **Novo rádio, velhas narrativas: apropriações estéticas na ficção e no jornalismo sonoros**. Covilhã: LabcomBooks, 2022.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream: A guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. eBook Kindle.

MARTINO, Luiz M. S; MARQUES, Ângela C. S. **Política, cultura pop & entretenimento: o improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARSONS, T. **The Social System**. Londres: Collier-Macmillan Limited, 1964.

PINHO, Maria D. C.; MESQUITA, Pedro; CARREIRO, Rodrigo. A febre dos podcasts de política no Brasil. **Intexto**, n. 53, p. 110787-110787, 18 ago. 2022. <https://cutt.ly/LwgvhS5y>. Acesso em 23 out. 2024

SANTOS, Patrícia C. P. dos. **A Criação de Ambientes Através do Som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias"**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) UFOP, Mariana, 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/b6yqcD1>. Acesso em 07 maio 2022

SILVA, Sérgio P.; SANTOS, Régis S. O que faz sucesso em podcast? **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/Xwgvh1p9>. Acesso em: 23 maio 2023.

SOARES, Thiago. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. **Logos: Comunicação e Universidade**. v.2, n.24; 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2014.14155>. Acesso em 24 out. 2024

VANOYE, Francis, GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Florianópolis: Insular, 2023.

VIANA, Nildo. A análise dos valores nas histórias em quadrinhos. **Cult de cultura**, v.1, n.1, p.52-66, jul/2021. Disponível em: <https://cutt.ly/ZLek8TZ>. Acesso em 01/jul/2022.

VIANA, Nildo. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Ediciones 62, 1980.

Sintonia com o Sul: como a Rádio Nacional se voltou ao Rio Grande do Sul e chegou ao Japão

Tuning in to the South: how Rádio Nacional turned to Rio Grande do Sul and reached Japan

Sintonizando el Sur: cómo Rádio Nacional se dirigió a Rio Grande do Sul y llegó a Japón

Octavio Pieranti, Maíra Bittencourt, Adriano Goetz, Thiago Regotto, Gilvani Moletta

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar como a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e, em específico, a Rádio Nacional voltaram-se ao apoio do Rio Grande do Sul a partir do sistema de ondas curtas e da articulação de rede no momento da tragédia climática que atingiu o estado em maio de 2024. Trata-se, assim, de um registro histórico feito por profissionais que atuaram nessa iniciativa, realizada a partir da movimentação de antenas, da elaboração de uma grade de programação específica e da estruturação de retransmissão e redistribuição em rede. Dela participaram as rádios que compõem a Rede Nacional de Comunicação Pública (RNCP), emissoras comunitárias, educativas e comerciais.

Palavras-chave: Ondas curtas; Rádio Nacional; EBC; comunicação pública; Rio Grande do Sul

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 24/10/2024 aceito em: 03/12/2024.

>> Como citar este texto:

PIERANTI, Octavio; BITTENCOURT, Maíra; GOETZ, Adriano; REGOTTO, Thiago; MOLETTA, Gilvani. Sintonia com o Sul: como a Rádio Nacional se voltou ao Rio Grande do Sul e chegou ao Japão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p.87-111, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Octavio Pieranti

octavio.pieranti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2719-2431>

Doutor em Direito (UnB) e em Administração (Ebape/FGV), com pós-doutorado em Comunicação (UFRJ e UnB). Servidor público federal e, durante o episódio narrado neste artigo, assessor da Secretaria de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Professor do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Unesp (PPGMiT/Unesp - Mestrado e Doutorado). Autor/organizador de dez livros.

Maíra Bittencourt

maira_bittencourt@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0002-5812-1839>

Doutora em Ciências da Comunicação (USP), com pós-doutorado em Comunicação e Artes (UBI). Professora do departamento de comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Durante o episódio narrado neste artigo, diretora-geral da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Adriano Goetz

adriano.goetz.ebc@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-5922-5283>

Mestre em Engenharia Elétrica,

Abstract

The objective of this article is to present how Empresa Brasil de Comunicação (EBC) and, specifically, Rádio Nacional turned their attention to supporting Rio Grande do Sul using the shortwave system and network articulation at the time of the climate tragedy, which reached the state in May 2024. It is, therefore, a historical record made by professionals who worked on this initiative, carried out through the movement of antennas, the elaboration of a specific programming grid and the structuring of retransmission and redistribution networks. The radio stations that integrate the National Public Communication Network (RNCP), community, educational and commercial broadcasters joined the network called "Sintonia com o Sul".

Keywords: Short waves; National Radio; EBC; public communication; Rio Grande do Sul

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar cómo la Empresa Brasil de Comunicación (EBC) y, específicamente, Rádio Nacional dirigieron su atención para apoyar a Rio Grande do Sul a través del sistema de ondas cortas y a partir de la articulación de redes en el momento de la tragedia climática que afectó al estado, en mayo de 2024. Se trata, por tanto, de un registro histórico realizado por los profesionales que trabajaron en esta iniciativa, realizada a través del movimiento de antenas, la elaboración de una grilla de programación específica y la estructuración de la retransmisión y redistribución en red. En el mismo participaron las emisoras de radio que integran la Red Nacional de Comunicación Pública (RNCP), emisoras comunitarias, educativas y comerciales.

Palabras clave: Ondas cortas; Radio Nacional; EBC; comunicación pública; Río Grande del Sur

Introdução

Em maio de 2024, o Brasil acompanhou uma das maiores tragédias climáticas da sua história. No Rio Grande do Sul, chuvas torrenciais, seguidas de destruição e inundações, arrasaram bairros, aeroporto, estádios e outras construções. No fim desse mês, a Defesa Civil do estado informou que 471 dos

área de Antenas e Propagação e doutorando pela UnB. Servidor público federal e, durante o episódio narrado neste artigo, coordenador de Engenharia de Radiodifusão de Rádios na Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

Thiago Regotto

thiagoregotto@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-8271-7493>

Mestre em Educação, Comunicação e Cultura (UERJ). Servidor público federal e, durante o episódio narrado neste artigo, Gerente-Executivo de Rádios na Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

Gilvani Moletta

gilvani.moletta@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6598-9356>

Engenheiro de Telecomunicações, Mestrando em Comunicação Social, e detentor de MBA em Inteligência Artificial e Matemática Financeira e Estatística, ambos pela Faculdade Batista de Minas Gerais. Especializado em Controle de Sistemas pelo ITA. Gerente Executivo de Engenharia na Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

497 municípios gaúchos - quase 95% do total – haviam sido afetados. No início de junho, falava-se em 572 mil pessoas desalojadas, 41 desaparecidas e cerca de 30 mil residentes em abrigos provisórios. Contabilizavam-se 172 mortos, número provavelmente subdimensionado (Agência Câmara de Notícias, 2024; Munhoz, 2024).

Em meio à perplexidade, diversos segmentos sociais e a população, de forma geral, mobilizavam-se no sentido de apoiar o enfrentamento da catástrofe e a reconstrução do estado. A face mais visível desse movimento era composta por campanhas de doação e pela atuação direta de agentes públicos federais e estaduais, porém havia outras iniciativas em curso.

Ainda na primeira quinzena de maio, começaram a ser publicadas reportagens sobre a busca por aparelhos de rádio a pilha nos municípios gaúchos (Corsini, 2024). Sem acesso à internet por causa das chuvas, a população recorria a esse meio de comunicação centenário em busca de informações sobre a situação local. No sábado, 11 de maio, de manhã, os autores deste artigo começaram a conversar sobre esse contexto. Atuantes no campo da comunicação pública, conhecedores da infraestrutura disponível no país e responsáveis, em parte, por operá-la, sabiam que a Rádio Nacional, mantida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), tinha um papel e capacidade técnica para desempenhá-lo. No fim daquele mesmo sábado, a Rádio Nacional da Amazônia estava transmitindo para o Rio Grande do Sul; medidas regulatórias já haviam sido tomadas; e a equipe iniciava um processo de reformulação da programação e de formação de rede com emissoras locais. Na quarta-feira, 15 de maio, entrou no ar o programa “Sintonia com o Sul”, retransmitido localmente, voltado à população gaúcha.

Este artigo tem como objetivo apresentar como a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e, em específico, a Rádio Nacional voltaram-se ao apoio do Rio Grande do Sul a partir do sistema de ondas curtas e da articulação de uma rede local. Para isso, empreende-se uma análise bibliográfica e, principalmente, a sistematização das ações realizadas a partir do relato dos profissionais (e

pesquisadores) por elas responsáveis.

Este artigo divide-se em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na próxima, será abordado o papel das transmissões em ondas curtas, sua relação com a história da comunicação pública e, de forma resumida, como, no Brasil, se estruturou a estação que se voltou ao sul do país. A seguir, será apresentado o esforço de redirecionamento da emissora para essa região, naquele sábado de maio e nos dias seguintes. Depois serão apresentadas a formação da rede, a concepção do programa “Sintonia com o Sul” e informações sobre a sua cobertura. Em função de observações imprevistas, este artigo oferece inclusive uma contribuição a futuras pesquisas sobre transmissões em ondas curtas.

Transmissões em ondas curtas e a comunicação pública

Pelas características de propagação nessa faixa de frequência, transmissões em ondas curtas cobrem grandes distâncias, atravessando fronteiras e continentes, algo impensável, por exemplo, para emissoras em FM e AM. Apesar dessa vantagem, estão sujeitas a mais interferências, que muitas vezes limitam sua recepção pelos ouvintes. Também são altos os custos de operação nessa faixa, em decorrência da potência elevada e do consumo de energia correspondente.

Com essas características, emissoras em ondas curtas são historicamente associadas à comunicação estatal. Por meio delas, governos cobriam e cobrem os pontos mais remotos do território nacional, bem como dialogam com emigrantes e dirigem-se a outros países, normalmente no idioma local. Os principais serviços internacionais – ou seja, as principais emissoras em ondas curtas – chegaram a transmitir simultaneamente programações em dezenas de idiomas.

As primeiras emissoras em ondas curtas começaram a operar na década de 1920. No início da Segunda Guerra Mundial, pelo menos 25 países já mantinham suas estações (Krasner, 1991). Nesse conflito, a captura de uma

nação passava pela tomada da estação local em ondas curtas, a ponto de revistas especializadas terem indicado que havia uma aparente rede de emissoras cobrindo todo o continente europeu sob a bandeira nazista (Berg, 2013).

Nas décadas seguintes, no contexto da Guerra Fria, informação e contrainformação estiveram relacionadas às emissoras em ondas curtas. Países capitalistas valiam-se desse instrumento para dialogar com a população de nações socialistas, visando desestabilizar os regimes locais. Tornaram-se famosas iniciativas como a *Radio Free Europe*, artífice da propaganda política. Da mesma forma, estações dos países socialistas dirigiam-se às populações governadas por regimes capitalistas.

No Brasil, na década de 1970, era possível escutar emissoras em ondas curtas da Alemanha Ocidental, Canadá, Estados Unidos, Holanda, Japão, Reino Unido, Suécia e Suíça, e também de nações apontadas como ameaças, tais como União Soviética, China e Cuba (Leal Filho, 2008). A literatura costuma registrar a ofensiva desses três países como preocupantes para a ditadura militar brasileira, mas estudos mais recentes ressaltam que todos os serviços internacionais de países socialistas com transmissão em português alcançavam o país com boa qualidade de áudio. Assim, o brasileiro que dispunha de um receptor de ondas curtas também podia ouvir as estações da Albânia, Tchecoslováquia, Romênia, Alemanha Oriental e outras nações (Pieranti; Lima, 2023).

É nesse período que nasce a emissora que, décadas depois, se voltaria ao Rio Grande do Sul. Em 11 de março de 1974, a empresa pública TV Rádio Nacional de Brasília (TVRNB) inaugurou o Parque do Rodeador, em Brazlândia-DF, um centro de transmissão capaz de cobrir o mundo inteiro a partir do que se intitulou Sistema de Radiodifusão de Alta Potência (SIRAP). Transcorreria pouco mais de um ano entre o início do planejamento da licitação e a instalação dos primeiros transmissores. O projeto original previa a aquisição de nove transmissores em ondas curtas, com potência de 250kW cada; dois de ondas médias; e um de FM, a serem instalados nesse parque e em outros dois, em Boa Vista e Mamanguape-

PB. O governo federal e a radiodifusão brasileira não sonharam com uma infraestrutura minimamente parecida nem antes, nem depois desse feito (Pieranti, 2022).

De início, a iniciativa foi justificada pela pretensão da ditadura militar de mostrar ao mundo a realidade brasileira (em versão bem adocicada, sem referência às mazelas sociais, à violência política e ao autoritarismo). Vale lembrar que, à época, eram erguidas outras obras faraônicas historicamente associadas a um Brasil Grande, potência do futuro, como a Ponte Rio-Niterói e a Rodovia Transamazônica. A realidade, contudo, impôs-se rapidamente: inaugurado nos últimos dias do governo Médici, o projeto inicial do Parque do Rodeador foi totalmente modificado nos primeiros meses do governo Geisel. A TVRNB era uma pequena empresa incapaz de arcar sozinha com os altos custos da operação; a nova gestão começava a cortar gastos na administração pública; dos três parques, apenas o do Rodeador foi instalado; e o suporte político à iniciativa, protagonizado pelo presidente da empresa e por dois assessores diretos de Médici, desapareceu (Pieranti, 2022).

A partir daí, passou a prevalecer o segundo argumento que justificou a criação do SIRAP: uma emissora em ondas curtas era necessária para resistir às transmissões dos países socialistas que teimavam em se dirigir ao Brasil, chamadas em documentos oficiais de “irradiações alienígenas”. Passados poucos anos de indecisão, depois da criação da Radiobrás, que incorporou a TVRNB, em 1977 nasceu a Rádio Nacional da Amazônia. Na prática, isso significava redirecionar as antenas em ondas curtas do Parque do Rodeador para a região norte do país, programando-se uma grade voltada à comunicação com a população local. Nos anos seguintes, a Radiobrás chegou a instalar emissoras na região, notadamente em ondas tropicais e médias, o que levou à configuração de uma rede (Oliveira, 1978). Até o fim da década de 1980, essa foi desfeita, mas a Rádio Nacional da Amazônia continuou a operar normalmente.

A programação da emissora mudou consideravelmente ao longo do tempo, acompanhando a redemocratização política do país; as alterações legais que

motivaram inclusive a criação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), hoje responsável pela Rádio Nacional da Amazônia; e o avanço conceitual em torno da comunicação pública. A esta passou a ser relacionada uma dimensão de garantia de direitos, construção da cidadania (Kunsch, 2012), horizontalidade e atuação da sociedade civil organizada (Brandão, 2007), garantia do acesso amplo à informação, fomento do diálogo, estímulo à participação, combate à desinformação, caráter inclusivo e plural e tratamento da comunicação como política de Estado (ABC Pública, 2024). Pensar a Rádio Nacional da Amazônia passa por todos esses elementos e por outro, crucial ao objetivo deste artigo: entidades responsáveis pela radiodifusão pública, no plano nacional, almejam sua universalização, ou seja, têm a pretensão de a tornar disponível a todos os cidadãos, a qualquer tempo.

Em 2018, o Parque do Rodeador foi classificado pelo Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI) como infraestrutura crítica (Brasil, 2024a). Em outras palavras, o governo federal reconheceu que a partir dessa área seria possível levar informação ao interior e dialogar com toda população brasileira, notadamente em situações de catástrofe e desastres naturais – como a que viria a ocorrer seis anos depois.

A essa altura, a Rádio Nacional da Amazônia mantinha uma programação voltada à prestação de serviços, ao diálogo com a população e à divulgação da cultura local. Eram comuns ligações de ouvintes que precisavam mandar recados a parentes distantes, que desejavam escutar uma música de cantor pouco conhecido no centro-sul do país ou que apenas pretendiam conversar com os locutores. Essa conexão da emissora com a população da região norte chamou a atenção de pesquisadores por diversos ângulos. Por exemplo: foram objeto de estudo programas como “Ponto de Encontro” (Batista, 2006), “Natureza Viva” (Paixão, 2021), “Encontro com Tia Leninha” (Neves, 2018), Jornal da Amazônia (Paiva, 2012) e as radionovelas (Paixão, 2019).

Em março de 2024, o Parque do Rodeador comemorou cinquenta anos (Ribeiro, 2024). Dos sete transmissores em ondas curtas que chegaram a ser ali

instalados, restaram dois, mantidos a partir do uso de peças dos demais. Ambos operavam com potência entre 70 e 100 kW, sendo ligados durante parte do dia. Os três conjuntos de antenas, algumas das quais com 150 metros de altura, continuavam de pé, porém parte de um deles havia sofrido avarias significativas. Com essa estrutura, a EBC mantinha sua programação voltada à Amazônia; também com ela, iniciou sua transmissão para o Rio Grande do Sul em maio de 2024.

O redirecionamento da emissora para o Sul

A partir dos últimos dias de abril, o Rio Grande do Sul enfrentava uma das crises mais severas já registradas em território brasileiro. Eventos climáticos extremos haviam causado extensos danos à infraestrutura do estado, resultando em cortes generalizados de energia elétrica. No dia 11 de maio, milhares de pessoas já estavam desabrigadas, sem acesso a serviços básicos e, em muitas áreas, até mesmo os transmissores de rádio FM e AM locais foram afetados, deixando as comunidades sem informações.

Nesse sábado, ainda pela manhã, os autores deste artigo começaram a dialogar sobre as providências que poderiam tomar, considerando os cargos que ocupavam. Decidiram começar a acionar a equipe técnica da EBC para explorar as possibilidades de transmissões específicas para a região afetada. O objetivo era verificar a viabilidade de utilizar o antigo transmissor TX2 de ondas curtas, adquirido, como já relatado, há cerca de cinquenta anos e localizado no Parque do Rodeador, para restabelecer uma linha de comunicação eficiente e confiável com o Rio Grande do Sul. Enquanto isso, preparavam-se medidas regulatórias, relatadas na próxima seção.

Para muitos gaúchos, os rádios à pilha se tornaram a única fonte de informação. No entanto, devido à extensão dos danos, até mesmo essa solução apresentava desafios. Em várias regiões, os sinais de rádio FM e AM e telefonia celular (inclusive pacotes de dados) eram fracos ou inexistentes, visto que os transmissores ou retransmissores de telefonia locais também foram danificados

ou estavam sem energia (Corsini, 2024). Diante dessa situação crítica, a comunicação por ondas curtas emergiu como uma solução potencialmente importante.

A comunicação em tempos de crise é crucial para a coordenação de esforços de socorro, disseminação de informações de segurança e para fornecer apoio informacional às comunidades afetadas. Nesse sentido, não por acaso o Parque do Rodeador havia sido reconhecido como infraestrutura crítica. Por meio das ondas curtas, a EBC poderia transmitir mensagens essenciais, atualizações de emergência e orientações para os habitantes do Rio Grande do Sul, ajudando a salvar vidas e a proporcionar um senso de conexão e esperança em meio ao caos.

Para viabilizar sinal de rádio, com boa intensidade na área atingida pela enchente, foi necessário mudar a configuração da Rádio Nacional da Amazônia, que opera com dois transmissores. O TX1 transmite na frequência de 11780 KHz, normalmente com 100 KW de potência, através de uma antena de 7dB de ganho chamada de C4, do tipo cortina, com dois dipolos, apontada para 312 graus norte. Há também um segundo transmissor, o TX2, também com até 100 KW, operando em 6180 KHz, que pode emitir através de uma antena de mesma característica, chamada C2, porém com seu lóbulo central apontado para 344 graus.

Notadamente, o TX1 opera fixo em uma frequência de vocação diurna e o TX2 pode operar em uma frequência de bom desempenho noturno e, principalmente, com bom rendimento ao sul do trópico de Capricórnio, inclusive no inverno (Picquenard, 1966). A programação voltada à população da Amazônia se desenvolve no horário diurno, ficando o horário noturno dedicado a um programa de recados e músicas. Como não se pretendia oferecer riscos à continuidade da programação para a região da Amazônia, decidiu-se empregar o TX2 nessa operação, na frequência de 6180 KHz para suprir de sinal intenso o sul do Brasil.

Dada a sua constituição, com um arranjo de dois dipolos sobrepostos com cortina refletora e relação frente-costas de 13 dB, a antena C4 torna-se

conveniente para transmitir com alta intensidade de sinal para o norte e também para suprir com lóbulos traseiros o sul do país, emitindo sinal, porém de intensidade moderada. Sendo assim, para o sul, oferta uma cobertura vulnerável às alterações de propagação. Essa característica explica por que a programação da Rádio Nacional da Amazônia, mesmo antes da tragédia, podia ser eventualmente ouvida no Rio Grande do Sul, em pontos específicos do estado.

Criar uma programação para o sul, contando com a emissão pelas costas da antena C4 em 11780 KHz, uma frequência de bom desempenho equatorial, no entanto, seria uma solução frágil demais para o propósito. Por outro lado, a cultura dos serviços de radiodifusão das grandes emissoras de ondas curtas contou historicamente com o emprego de diversidade de frequências. Dessa forma, se decidiu empregar o TX2 na frequência de 6180 KHz para suprir preferencialmente o sul do Brasil durante a catástrofe, complementado pela cobertura secundária, pelas costas, do TX1 em 11780 KHz e antena C4.

Para se viabilizar a cobertura de sinal era necessário dispor de uma antena que irradiasse na direção de Porto Alegre, qual seja, 192 graus sul. Das antenas existentes no Parque do Rodeador, havia uma que se aproximava das características necessárias para atingir o Rio Grande do Sul. Conhecida como antena B3, originalmente foi construída na forma de uma antena cortina, com oito dipolos dispostos na frente de uma cortina refletora, que é o elemento passivo.

O centro de radiação estava apontado para 240 graus, tendo sido empregada para servir Buenos Aires (209 graus) e toda a Argentina com sinal durante os serviços internacionais da emissora. Construída no final da década de 1970, a antena sofreu degradação mecânica, passou por um processo de contenção e teve removida sua cortina refletora para evitar sua perda total. Dessa forma, a antena B3 passa a ser um conjunto de oito dipolos dispostos colinearmente em dois níveis sobrepostos (Yao *et al.*, 2022). Sem a cortina refletora, o sinal escapa em mais direções além da planejada, o que ajuda a explicar as inesperadas manifestações recebidas nos dias seguintes e

abordadas na próxima seção.

O antigo transmissor TX2 foi revitalizado e a operação foi reconfigurada. A equipe técnica chegou ao Parque do Rodeador por volta das 15h de sábado, 11 de maio. Imediatamente, foi identificada a possibilidade de utilizar parte do conjunto das antenas, especificamente a B3. Isso ocorreu, porque o conjunto C estava alocado para a programação diária voltada à Amazônia na frequência de 11780 KHz.

Ao chegar ao local, existiam diversos desafios no que tange à superestrutura física das antenas. Parte da vegetação havia crescido além da altura do conjunto de alimentação dos dipolos, o que poderia causar curto-circuito e até mesmo pequenos focos de incêndio quando a antena fosse ligada. É preciso lembrar que, em maio, já se inicia o período de seca em Brasília e região, o que potencializa riscos de incêndio. Além disso, alguns elementos estavam desconectados fisicamente, exigindo intervenção mecânica, sendo a mais crítica a junção entre dois segmentos de linhas de transmissão.

Diante da situação, surgiram duas opções: aguardar a equipe de roçagem e os técnicos de reparo, ou empreender ações imediatas para acelerar o processo. A decisão foi unânime: começar imediatamente a retirada do mato no entorno. Após duas horas de roçagem por seis pessoas que trabalhavam no parque, a possibilidade de transmissão se tornou viável. Existia, ainda, uma dúvida sobre o funcionamento da antena, devido ao fato de ter sido desligada há muitos anos.

Com a roçagem concluída, a equipe avaliou a situação dos elementos desconectados. A tarefa, aparentemente simples, exigia um especialista. O reparo durou mais de três horas e envolveu logística complexa, que incluía a demanda por iluminação, escadas e ferramentas específicas. Todo esse material foi recolhido em um veículo Kombi de 1990, refletindo o cenário de equipamentos antigos. A inspeção foi feita por dois engenheiros, que basearam suas conclusões na análise visual.

As antenas são sustentadas por torres com 140 metros de altura e, pelo

que se conseguiu visualizar, tudo parecia estar conectado corretamente. A essa altura, já era noite em Brazlândia-DF. Chegou, então, o momento de realmente ligar o TX2. E o primeiro desafio foi "rotear" esse transmissor para a antena B3, um conjunto complicado de automação que estava sem uso provavelmente há mais de 15 anos.

O sistema não respondeu prontamente aos comandos. Decidiu-se desligar todo o sistema de automação e fazer as conexões manualmente, o que poderia ser a última tentativa para fazê-lo funcionar. Foi necessário operacionalizar mais de seis conjuntos de volantes manualmente para conectar a saída do TX2 à entrada da antena B3. Originalmente seriam acionados botões para girar motores. Como eles não reagiram, foram empregadas manivelas. Vale lembrar que as antenas são fixas e ficam estendidas entre as torres; o que se modifica é a forma de alimentá-las, alterando-se seu direcionamento virtual a partir do ajuste elétrico do conjunto.

A equipe dispunha da documentação original da antena B3, porém essa apresentava apenas um esboço didático do diagrama de radiação disposto sobre o mapa da América do Sul. A alteração mecânica feita com a remoção do refletor causou alteração em seu comportamento elétrico. De imediato era sabido que seu diagrama deixaria de ter o formato cardióide para ter um padrão tipo amendoim.

Consultando as técnicas de formatação de feixe (*beamforming*), percebia-se de pronto que a remoção do refletor tornaria seu feixe principal mais largo, além de ser possível dirigir seu lóbulo principal, inclinando-o alguns graus ao sul, bem como os lóbulos secundários. A alimentação das quatro colunas de dipolos é feita a partir de defasadores ou fazores, que alteram a fase ou o tempo da alimentação elétrica de seus dipolos, com o objetivo de dirigir o lóbulo da antena (Esteves, 1980).

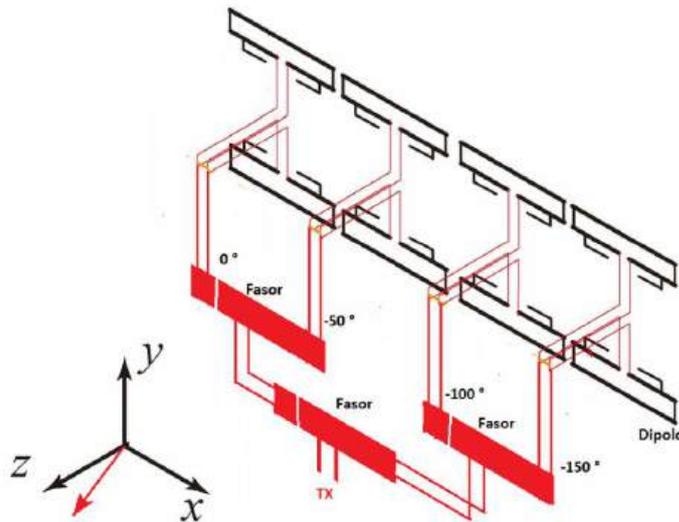


Figura 1. Alimentação elétrica dos dipolos
Fonte: Yao *et al.*, 2022

Também era sabido que a impedância de alimentação do conjunto se alteraria e seu ganho de potência mudaria. Com todas essas dúvidas, era necessário recalcular o desempenho da antena. Antes da implementação, já havia sido simulado seu diagrama de radiação através de métodos numéricos, com o uso do software 4-NEC, e posteriormente empregado o software VoACAP, para estimar sua área de cobertura (Stutzman; Thiele, 2012). O resultado já havia apontado ser possível atingir Porto Alegre (192 graus) com algum sinal.



Figura 2. Cobertura de sinal com o reposicionamento
Fonte: Elaborado pela equipe técnica da EBC, a partir da simulação realizada.

Do ponto de vista técnico, a definição dos horários de transmissão passava por um prévio cálculo da janela de propagação, empregando a ferramenta VoACAP, considerando as características de transmissão (frequência de 6180 KHz, potência de 100KW, ganho de 7dB, alvo Porto Alegre, propagação na data de início das transmissões). A partir desse subsídio fornecido pela equipe de engenharia, os responsáveis pela programação decidiriam os horários definitivos, abordados na próxima seção.

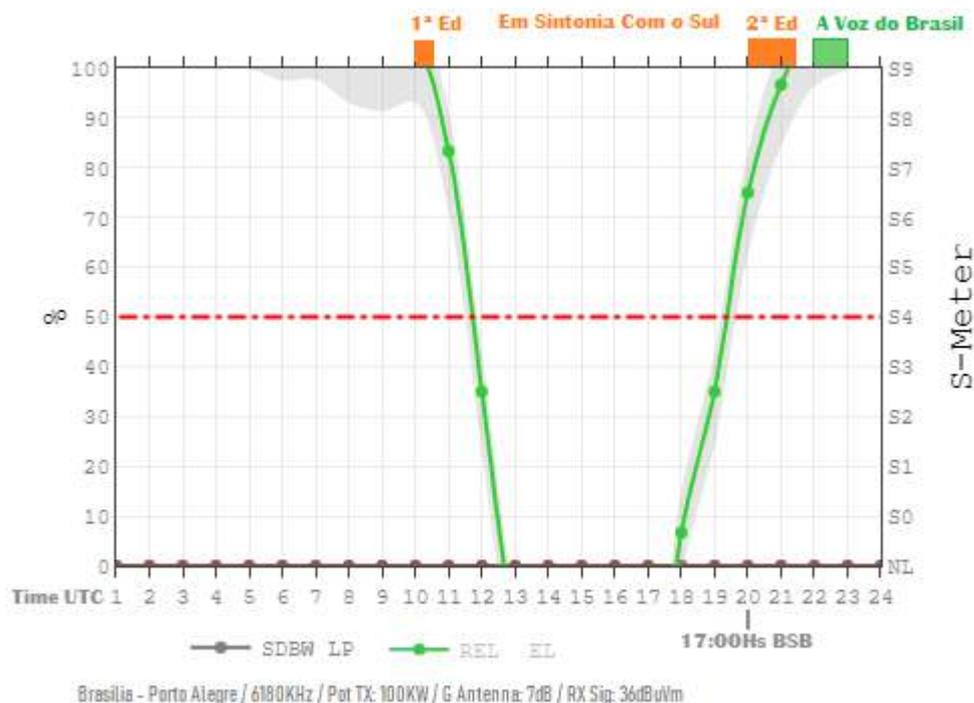


Figura 3. Prospecção da janela de propagação
Fonte: Elaborado pela equipe técnica da EBC, a partir de simulação com VoACAP

Havia necessidade de se ter uma ideia mais precisa de cobertura do sinal para recepção, bem como do possível sinal interferente em outros países. Para tanto, se tomou um mapa de cobertura para as características da emissão, no horário inicial do programa, onde se ressalta o ganho extra conferido pela antena na direção de interesse. Saliente-se que foram acessados alguns receptores remotos via internet, do tipo *Software Defined Radios* (SDR), na região da Europa e Ásia para verificação de possíveis interferências na mesma frequência e canais

adjacentes.

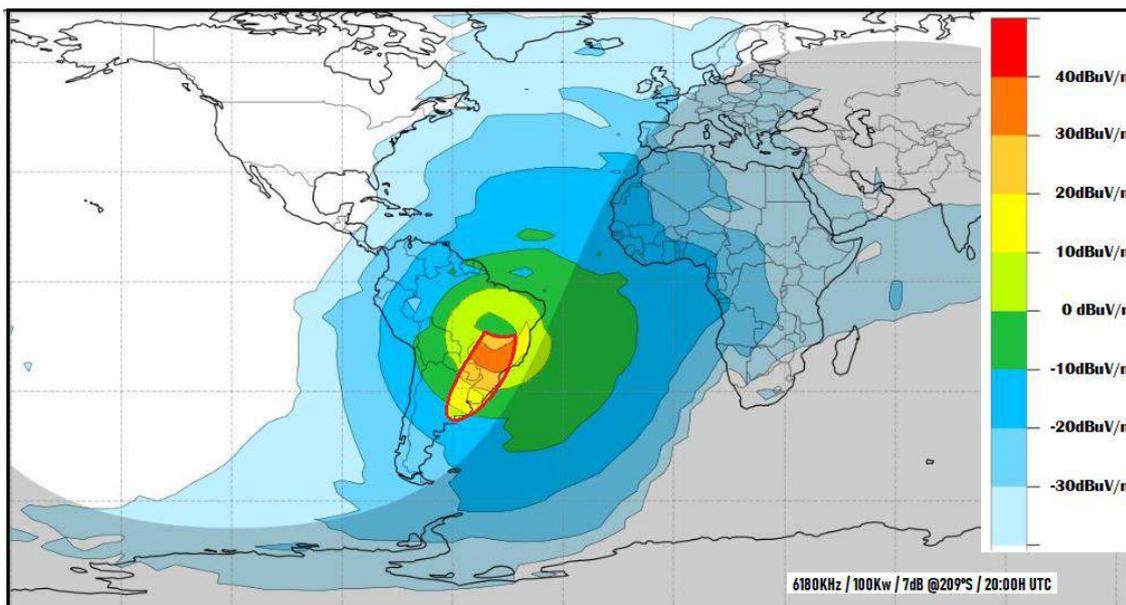


Figura 4. Mapa de Cobertura Mundial

Fonte: Elaborado pela equipe técnica da EBC, a partir de simulação com VoACAP

Para gerar o sinal de radiofrequência, foi empregado o transmissor intitulado TX2 e fabricado, em 1978, pela empresa suíça Brown Boveri Company, modelo SW53, ainda em decorrência do processo que criou o Parque do Rodeador. Esse transmissor tinha potência original de 250Kw, dotado de válvulas refrigeradas a vapor e retificadores do tipo Tiratron. O equipamento foi modificado em 2004, quando passou a operar com válvulas EIMAC (fabricadas nos EUA), refrigeradas à água, recebeu retificadores a diodo e sistema de controle de potência por Tiristor de estado sólido de fabricação nacional.

Apesar do desgaste de muitos de seus componentes, é capaz de operar, no limite, com potência de até 150 KW. Em 2024 recebeu válvulas excitadoras novas, passou por um processo de sintonia e neutralização de espúrios, e é impulsionado por um processador de áudio digital ORBAN. Sua faixa horária de operação regular é das 5h às 8h30min e das 16h às 23h.

Com todos os segmentos do TX2 conectados à antena B3, o transmissor foi ligado no mesmo sábado, 11 de maio, à noite, na frequência de 6180 KHz. A antena continuava inalterada, sem nenhum ruído. Após 10 minutos, o transmissor estava transmitindo com potência de 70KW.

Para se verificar a efetividade da cobertura, foram acessados SDR. Esses equipamentos compõem a rede colaborativa KIWI-SDR, mantida pela comunidade de radioamadores e instituições diversas, sendo especialmente úteis para essa finalidade os instalados nas localidades de San Carlos (Chile), Alpa Corral e Buenos Aires (Argentina) e Montevideú (Uruguai). Nos primeiros testes, a equipe técnica já recebeu informação de chegada do sinal no Chile¹ e em Belarus².

No decorrer das semanas seguintes, a equipe técnica da EBC teve que enfrentar muitos desafios com o TX2. Foi necessário ajustar disjuntores, trocar sistemas de proteção, acionar bombas de água para refrigeração das válvulas, substituir conexões elétricas, diodos, capacitores, entre outros. É necessário lembrar, neste ponto, que foi utilizada uma estrutura de transmissão montada há quase cinquenta anos, sem adição de novos equipamentos para a operação voltada à região sul do Brasil. De toda forma, a equipe da EBC, em todas as intercorrências, sempre conseguiu atuar rapidamente, garantindo que as transmissões continuassem sem interrupções.

Garantida a transmissão em ondas curtas, foi necessário superar outros obstáculos para a que a população do Rio Grande do Sul pudesse efetivamente ouvir a programação. Isso significava dispor de novos conteúdos relacionados a essa região, bem como de uma rede voluntária de emissoras, em FM e AM, que os retransmitissem, tendo em vista que a recepção em ondas curtas da Rádio Nacional da Amazônia não eram uma prática comum naquele estado. Nascia, então, o “Sintonia com o Sul”.

A formação de rede e a concepção do programa “Sintonia com o Sul”

No mesmo sábado de manhã, 11 de maio, começaram a ser tomadas duas medidas para viabilizar a formação de uma rede de emissoras capaz de dialogar

¹ Rádio Nacional ouvida no Chile. Disponível em: https://youtu.be/83xl8Sf4Pfg?si=CFYT2f_z4nRT-uf4. Acesso em 16 de jun. 2024.

² Rádio Nacional ouvida em Minsk. Disponível em: <https://youtu.be/vIaXZjYPEt0?si=9BVIIA08q-5hyj3A>. Acesso em: 16 de jun. De 2024.

com o Rio Grande do Sul. Ambas foram anunciadas a partir do fim da tarde daquele mesmo dia (Brasil, 2024b), enquanto a estrutura do Parque do Rodeador voltava-se à cobertura do estado.

No fim da manhã, representantes da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR) começaram a conversar com servidores do Ministério das Comunicações (MCOM) sobre a necessidade de se reconhecer a possibilidade de formação de redes por rádios comunitárias. O art. 16 da lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que rege esse serviço, reconhece como legal a constituição de redes apenas em casos de guerras, epidemias e situações de calamidade pública - o que, por óbvio, era o caso. O MCOM formalizou, então, esse entendimento.

No mesmo período, representantes da Secom/PR e da EBC constataram a necessidade de a segunda reconhecer que sua programação de rádio voltada à região sul (que ainda não estava no ar) poderia ser retransmitida por toda e qualquer estação interessada, independentemente de integrar, de forma regular, a Rede Nacional de Comunicação Pública (RNCP). Com essa autorização oficial por parte da EBC, emissoras comerciais, educativas, comunitárias, públicas e programações distribuídas pela internet passaram a ter acesso aos conteúdos. Também poderiam retransmiti-los posteriormente, mediante *download* da programação a partir de página mantida pela EBC.

Essa nova rede se estruturaria de forma voluntária, flexível e por adesões livres. Não é possível, assim, confirmar todas as estações que a integraram, porque não precisavam formalizar individualmente qualquer pedido à EBC. De toda sorte, é possível listar alguns exemplos de estações que aderiram à rede, durante todo tempo ou em parte: rádios Justiça e Câmara; emissoras das universidades federais de Ouro Preto (UFOP); Roraima (UFRR); e Santa Maria (UFSM, em FM e AM).

Por mais que existissem dois transmissores no Parque do Rodeador, operando em duas frequências, a programação da Rádio Nacional da Amazônia era uma só e, claro, com foco nessa região. No mesmo dia 11 de maio, começou

a ser elaborado o conceito de conteúdos voltados ao sul do país. O programa “Ponto de Encontro”, veiculado no fim da manhã do domingo, 12, pode ser considerado um piloto por ter se voltado à prestação de serviços à população do Rio Grande do Sul. Nessa data, foi apresentado pelos locutores Mário Sartorello e Frank Silva. Poucos dias antes, outro locutor da mesma emissora, Maurício Rabelo, já havia desejado força à população do estado, dedicando-lhe a música “Querência Amada”, de Teixeira, momento sucedido por várias manifestações de apoio por parte dos ouvintes, em participações ao vivo.

O nome “Sintonia com o Sul” começou a surgir ainda na noite do dia 11, em trocas de mensagens entre os autores deste artigo. No dia 12, foi citado no programa piloto. Na manhã de segunda-feira, 13 de maio, foi desenhada a proposta de grade específica, submetida, à tarde, ao Comitê de Programação e Rede da EBC, instância responsável por aprová-la.

A proposta foi de um ajuste de faixas, antes dedicadas apenas à Amazônia, para agora atender também o sul. Foi aproveitada a força de trabalho da equipe da Rádio Nacional da Amazônia, dedicada às produções em ondas curtas, agora para trabalhar também com foco na pauta do Rio Grande do Sul.

O programa “Sintonia com o Sul” entrou no ar em 15 de maio, das 17h às 18h30, e foi apresentado, naquele dia, por Nathália Mendes e Maurício Rabelo. A partir do dia seguinte, começou a ser veiculado também um resumo, das 7h às 7h30min. Nesse dia, a faixa vespertina foi apresentada por Mara Régia. Essas duas horas de programação foram veiculadas diariamente, de segunda a sexta-feira, por um mês. A partir do dia 17 de junho, com a melhora das condições no estado e em função de necessidades de reorganização das equipes, a segunda faixa foi reduzida para o período de 18h às 18h30.

A decisão pelo horário da programação foi inspirada na experiência dos serviços internacionais de ondas curtas, que observam a janela de propagação ótima. Após simulações em sites de propagação, se arbitrou que se transmitiria para o sul no horário de 7h às 7h30 e de 17h às 18h30, já que o pôr do sol em Porto Alegre ocorria às 17h32 e, em Brasília, 17h47 nesta época do ano. Dessa

forma, ter-se-ia a sobreposição da propagação diurna da frequência 11780 KHz e da propagação noturna da frequência 6180 KHz, garantindo diversidade na recepção.

O programa “Sintonia com o Sul” se destacou como uma fonte de conexão e informação fiel para aqueles que residem ou têm interesse no estado. As principais informações foram sobre os resgates, as ações emergenciais e a previsão do tempo, entre outros assuntos pertinentes no contexto da tragédia climática.

Foram veiculadas diversas entrevistas relevantes no programa. No dia 27 de maio de 2024, a assistente social da Unisinos, Miriam Ferragini Müller, tratou do guia de cuidados ao retornar para casa após os alagamentos. Outro destaque foi, no dia 3 de junho, a entrevista com a tenente Sabrina Ribas, chefe da Comunicação da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, que abordou os centros de distribuição das doações que chegavam ao estado.

O programa divulgou, ainda, importantes campanhas, entre elas, as de doações de roupas, mantimentos, rádios de pilha e livros. As chuvas no Rio Grande do Sul atingiram escolas e bibliotecas em todo estado; apenas no município de São Leopoldo foram destruídos 80 mil livros. Sobre esse tema, foi entrevistado o escritor de livros infantis e contador de histórias, Eliandro Rocha, que comparou esse desastre ao ocorrido na biblioteca de Alexandria, na Grécia.

O programa foi, ainda, uma plataforma de destaque da diversidade cultural da região, apresentando música, literatura, arte e tradições locais, buscando valorizar a identidade regional. Outro aspecto do “Sintonia com o Sul” foi a interação buscada com os ouvintes, tal como sempre ocorreu na programação regular da Rádio Nacional da Amazônia. Os apresentadores incentivaram a participação dos ouvintes por meio de telefonemas, mensagens de texto ou redes sociais. Isso não apenas promove um senso de comunidade entre os ouvintes, mas também enriquece o conteúdo do programa, trazendo perspectivas e opiniões diversas para a discussão.

Nas semanas que se seguiram à reconfiguração do parque transmissor, foi

possível perceber que os sinais chegaram, claro, ao sul do país, mas a programação foi igualmente recebida em regiões e continentes imprevistos e que não se pretendia alcançar. Essa percepção deriva de dois tipos de manifestação: uma é a tradicional dos ouvintes, que interagem com a programação, e outra é o de pedidos de emissão de cartões QSL.

Esse é um hábito antigo na relação entre ouvintes e emissoras em ondas curtas. Há décadas, quem as capta entra em contato, comprova o recebimento (por meio de anotação do horário ou do envio de trecho gravado da programação) e solicita um cartão QSL, semelhante a um cartão postal da emissora. A internet e a digitalização mudaram um pouco essa prática, por exemplo, permitindo que a comprovação de recepção seja enviada por meio digital (normalmente e-mail) e que o cartão QSL também possa ser enviado em formato eletrônico. De toda sorte, essa prática resiste e a EBC tem por hábito enviar também em meio físico os cartões da Rádio Nacional. Por coincidência, o modelo de cartão vigente, no momento do “Sintonia com o Sul”, fazia alusão ao cinquentenário do Parque do Rodeador.



Figura 5. Cartão QSL da Rádio Nacional de março a junho de 2024
Fonte: Elaborado pela equipe da EBC

No primeiro mês de transmissão do “Sintonia com o Sul” e de reconfiguração do sistema de transmissão, a ouvidoria da EBC recebeu manifestações formais de ouvintes nos municípios de Pesqueira, no estado de Pernambuco; Vila Velha, no Espírito Santo; Osasco e Ilha Solteira, em São Paulo; Barra Mansa, no Rio de Janeiro; e Fazenda Nova, em Goiás. Os autores deste artigo conseguiram ouvir a programação, ainda, nas zonas urbanas do município do Rio de Janeiro e em Brasília-DF, algo que não acontecia antes da reconfiguração da emissora. Vale reiterar, como mencionado anteriormente neste artigo, que a recepção de sinais de ondas curtas na zona urbana de grandes municípios é muito difícil em função de diversas fontes de interferências.

Ainda mais curiosas foram as manifestações recebidas de ouvintes de outros países. A ouvidoria da EBC registrou mensagens, de certa forma esperadas, provenientes do continente americano: do Peru (Ancash), México (Veracruz), Argentina (Lomas de Zamora), Uruguai (Montevideu) e Chile. No entanto, o sinal chegou também à Europa; mais especificamente, a Holanda, Alemanha, Polônia (em Katowice), Itália (Morolo), Finlândia, Espanha (Valência e Malgrat de Mar), Suíça (Massagno), Inglaterra (Padiham) e Letônia (Jūrmala). Passou também pela África, com retorno proveniente de Marrocos (Khemisset), e pela Oceania, na Nova Zelândia (Christchurch). E aterrissou na Ásia: Filipinas (Dasmariñas), Malásia (Penang) e Japão (Tóquio e Nirasaki) (EBC, 2024).

Ou seja, em sua incursão pelo sul do Brasil, a Rádio Nacional foi captada também em vinte países nos cinco continentes. Essa improvável viagem é mais um indicador de que as ondas curtas ainda podem desempenhar papel relevante na comunicação, notadamente em situações de crise e mesmo em um contexto de crescente digitalização.

Considerações finais

“Sintonia com o Sul” pode ser lido como uma dentre tantas iniciativas promovidas pelo Estado para enfrentar a catástrofe climática no Rio Grande do Sul e oferecer apoio à população local, a partir de maio de 2024. Nesse sentido,

é mais uma evidência de quanto o governo federal se mobilizou, redirecionando esforços imprevistos e dificilmente empregados para enfrentar problemas como este.

Pela perspectiva do estudo de políticas públicas, também pode ser lido como um exemplo de contestação do tradicional modelo que divide suas etapas de forma clara, delineando formulação, implementação e acompanhamento. Afinal, enquanto burocratas formulavam a iniciativa e adotavam imediatamente medidas regulatórias para viabilizá-la, engenheiros e técnicos diversos roçavam o gramado, subiam em antenas e ligavam cabos e conectores para implementá-la. Tudo isso, vale lembrar, em um único dia, um sábado do mês de maio de 2024.

Também pode ser entendido como uma evidência de que políticas inovadoras, afinal, podem estar mais associadas a indivíduos com conhecimento técnico e escalados em posição que permita sua implementação que a mecanismos e canais tradicionais de discussão. Aos autores deste artigo, imediatamente se somaram profissionais diversos, todos essenciais para viabilizar o “Sintonia com o Sul”. Sem elas e eles, não teria sido possível, em tão pouco tempo, redirecionar transmissões de ondas curtas, formar rede e produzir os conteúdos necessários.

Pela ótica da comunicação pública, os princípios que a regem nortearam também essa iniciativa. Afinal, no “Sintonia com o Sul”, estavam presentes, por exemplo, garantia de direitos, defesa da cidadania, inclusão, pluralismo, diálogo com a sociedade e expectativa de universalização.

As manobras realizadas, com o conjunto de antenas e transmissores do Parque do Rodeador, possibilitaram a irradiação de sinal em ondas curtas de forma consistente para o Rio Grande do Sul. Chegar ao estado, em meio a uma situação de calamidade pública, na qual outros meios de comunicação se apresentaram falhos devido problemas de acesso à internet e energia elétrica, foi importante para garantir a prestação de serviços com informações necessárias para a população. Para além da estação em ondas curtas, a formação de rede com outras emissoras públicas, comerciais, estatais e

comunitárias garantiu um alcance ainda maior do conteúdo produzido. O formato do programa, elaborado para evidenciar o diálogo e a escuta, também almejou o acolhimento dos envolvidos, além de ser porta de entrada para a participação do público de outros estados que desejava auxiliar de alguma maneira a população gaúcha.

Por fim, os retornos recebidos pela EBC demonstram que a operação voltada ao Rio Grande do Sul, na verdade, foi muito além desse estado. A partir das mudanças realizadas no Parque do Rodeador, foram atingidos continentes e países distantes e improváveis. Esse fenômeno abre espaço para uma reflexão mais aprofundada sobre o potencial das ondas curtas na comunicação contemporânea, notadamente em situações de catástrofe, quando outros meios não se revelam apropriados. E sugere, também, que ainda há espaço para se estudar a propagação de ondas nessa faixa de frequência, temas que podem ser objeto de pesquisas futuras.

Referências

ABCPública. **Conheça os 12 Princípios da Comunicação Pública**. Disponível em: <https://abcpublica.org.br/conheca-os-12-principios-da-comunicacao-publica/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Defesa Civil atualiza números da tragédia no Rio Grande do Sul e defende recursos em prevenção**. Brasília-DF, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4gBBtMP>. Acesso em: 9 jun. 2024.

BATISTA, Debora Barbosa. **O papel do rádio no fornecimento de informações às comunidades locais: um estudo de caso do programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia**. Brasília-DF: Uniceub, 2006.

BERG, Jerome S. **The early shortwave stations: a broadcasting history through 1945**. North Carolina: McFarland & Company Inc., 2013.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**, v. 2, p. 1-33, 2007.

BRASIL. **Acessar informações via rádio mesmo em caso de colapso da comunicação (OC)**. 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-informacoes-via-radio-mesmo-em-caso-de-colapso-da-comunicacao>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. EBC amplia prestação de serviços aos gaúchos com programação especial de rádio. **Secom**, 15 mai. 2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/ebc-amplia-prestacao-de-servicos-aos-gauchos-com->

[programacao-especial-de-radio](#). Acesso em: 22 jun. 2024.

CORSINI, Camila. 'Velho' radinho de pilha salva a comunicação e vira item de segurança no RS. **Tilt UOL**, 11 mai. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2024/05/11/radinho-de-pilha-rs.htm>. Acesso em: 9 jun. 2024.

EBC. **Manifestações recebidas pela ouvidoria sobre transmissões em ondas curtas**. Brasília-DF, 20 jun. 2024.

ESTEVES, Luis Claudio. **Antenas: Teoria Básica e Aplicações**. São Paulo: M.G.Hill, 1980.

KRASNER, Stephen D. Global Communications and National Power: Life on the Pareto Frontier. **World Politics**, 3(43), 1991, p. 336-366.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**, p. 13-30, 2012.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **Vozes de Londres: Memórias Brasileiras da BBC**. São Paulo: EdUSP, 2008.

MUNHOZ, Fábio. Chuvas no RS: quase 95% das cidades gaúchas foram afetadas; veja lista. **CNN**, 29 mai. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/chuvas-no-rs-quase-80-das-cidades-gauchas-foram-afetadas-veja-lista/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

NEVES, Simone Aparecida. **O rádio como agente de letramento literário de crianças: um estudo sobre o programa radiofônico Encontro com Tia Leninha, da Rádio Nacional da Amazônia (1979-1999)**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

OLIVEIRA, Euclides Quandt de. **Política de comunicações**. Brasília-DF: ESG, 1978.

PAIVA, Bianca Felipe. **Textualidade e retextualização de textos radiojornalísticos: uma análise das reportagens do Jornal da Amazônia, da rádio nacional da Amazônia**. Brasília-DF: Uniceub, 2012.

PAIXÃO, Cláudio Chaves. **Radionovelas: o cotidiano da população amazônica nas produções da Rádio Nacional da Amazônia (1977 a 2019)**. 2019.

PAIXÃO, Cláudio Chaves. **Natureza viva: a presença das comunidades tradicionais na Rádio Nacional da Amazônia**. *Comunicação & Informação*, v. 24, 2021.

PICQUENARD, Armel. **Propagação das Ondas Eletromagnéticas nos Meios Naturais**. São Paulo: F.Bastos S.A, 1966.

PIERANTI, Octavio Penna. **Entre plantações de morangos, florestas e oceanos: arquivos esquecidos da Rádio Nacional recontam a origem da Radiobrás**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2022. Disponível em: <https://faclivros.wordpress.com/2022/03/07/lancamento-fac-livros-entre-plantacoes-de-morangos-florestas-e-oceanos-arquivos-esquecidos-da-radio-nacional-recontam-a-origem-da-radiobras/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PIERANTI, Octavio Penna; LIMA, Flavio Ferreira. "Irradiações alienígenas" em ondas curtas: como emissoras de rádio de países socialistas cobriam o Brasil durante a Guerra

Fria. **Eptic**, v. 25, n. 2, 2023, p. 27-48.

RIBEIRO, Renato. Parque do Rodeador com antenas de transmissão completa 50 anos. **Agência Brasil**, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-03/parque-do-rodeador-com-antenas-de-transmissao-completa-50-anos>. Acesso em: 16 jun. 2024.

STUTZMAN, Warren L; THIELE, Gary A. **Antenna Theory and Design**. New York: J.Wiley, 2012.

YAO, Wang et al. Novel multi-mode shortwave broadcast transmitting antenna array. **Sci Rep** 12, 11094 (2022). Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-022-15336-x>. Acesso em: 16 jun. 2024.

Dentro da faixa: a disputa de emissoras migrantes AM-FM por espaços no rádio brasileiro

Within the Band: The competition among migrating AM-FM broadcasters for space in brazilian radio

Dentro de la Banda: La disputa de emisoras migrantes AM-FM por espacios en la radio brasileña

João Cubas Martins; Maíra Rossin Gioia de Brito; Valquíria Michela John; José Carlos Fernandes

Resumo

O artigo aborda a migração AM-FM, com foco nas rádios brasileiras que receberam concessões na faixa estendida (76 – 87.3 MHz) e que desejam mudar suas frequências para a faixa tradicional (87.5-108 MHz). O estudo, baseado na Teoria Crítica da Tecnologia de Feenberg (2005), demonstra que evolução tecnológica está ligada a contextos sociopolíticos, uma vez que não há espaço para todas as emissoras. Foram analisados 81 pedidos de 43 empresas à Agência Nacional de Telecomunicações para mudança de frequência, nos quais as rádios devem comprovar que a frequência proposta não interfira em outras. No total, 34 pedidos foram aprovados. Esse movimento mostra que a migração impacta o mercado e a recepção do público nos aparelhos antigos, que não têm a faixa estendida. Por

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 30/10/2024. Aceito em: 20/12/2024

>> Como citar este texto:

MARTINS, João Cubas; BRITO, Maíra Rossin Gioia de; JOHN, Valquíria Michela; FERNANDES, José Carlos. Dentro da faixa: a disputa de emissoras migrantes AM-FM por espaços no rádio brasileiro. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 112-133, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

João Cubas Martins

joaocubas@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0002-9981-1959>

Relações Públicas formado pela PUCPR e Jornalista formado pela UFPR. Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

Maíra Rossin Gioia de Brito

mairargioia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1501-5478>

Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP) com especialização em Comunicação Organizacional e mestrado em Estudos de Linguagens pela UTFPR. Atualmente é doutoranda em Comunicação na UFPR e coordenadora do Núcleo de Jornalismo da Agência Escola UFPR.

Valquíria Michela John

vmichela@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3463-6528>

Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS.

isso, a digitalização das transmissões poderia mitigar os desafios enfrentados pelas rádios brasileiras que passam por um período de novas definições, como o rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermediático (Lopez, 2010).

Palavras-chave: Convergência Tecnológica; Rádio Expandido; Faixa estendida; Migração AM-FM

Abstract

The article addresses the AM-FM migration, focusing on Brazilian radio stations that have been granted licenses in the extended band (76 - 87.3 MHz) and wish to change their frequencies to the traditional band (87.5-108 MHz). The study, based on Feenberg's Critical Theory of Technology (2005), demonstrates that technological evolution is linked to sociopolitical contexts, as there is not enough space for all broadcasters. A total of 81 requests from 43 companies to the National Telecommunications Agency (Anatel) for frequency changes were analyzed, in which the radio stations must prove that the proposed frequency does not interfere with others. In total, 34 requests were approved. This movement shows that migration impacts the market and public reception on older devices that do not have the extended band. Therefore, the digitization of transmissions could mitigate the challenges faced by Brazilian radio stations undergoing a period of new definitions, such as expanded radio (Kischinhevsky, 2016) and hypermediatic (Lopez, 2010).

Keywords: Technological Convergence; Expanded Radio; Extended Band; AM-FM Migration.

Professora do PPGCOM e da graduação do Decom/UFPR. Vice-líder do grupo Nefics. Coordena o grupo Obitel UFPR, integrante da Rede Obitel Brasil. Atua na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR e no Programa Interinstitucional Ciência Cidadã na Escola. Bolsista PQ2 CNPq. É vice-presidente da Compós.

José Carlos Fernandes

zecafernandes1964@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8629-2301>

Professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo e docente permanente do Programa de Pós- Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Possui doutorado e mestrado em Estudos Literários pela UFPR, especialização em História da Arte no Século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. É graduado em Filosofia pelo Cearp (1985), Jornalismo pela UFPR e Gravura pela Escola de Belas Artes do Paraná (1993).

Resumen

El artículo aborda la migración AM-FM, con un enfoque en las emisoras de radio brasileñas que han recibido concesiones en la banda extendida (76 - 87.3 MHz) y que desean cambiar sus frecuencias a la banda tradicional (87.5-108 MHz). El estudio, basado en la Teoría Crítica de la Tecnología de Feenberg (2005), demuestra que la evolución tecnológica está ligada a contextos sociopolíticos, ya que no hay espacio para todas las emisoras. Se analizaron 81 solicitudes de 43 empresas ante la Agencia Nacional de Telecomunicaciones (Anatel) para el cambio de frecuencia, en las cuales las radios deben comprobar que la frecuencia propuesta no interfiera con otras. En total, 34 solicitudes fueron aprobadas. Este movimiento demuestra que la migración impacta el mercado y la recepción del público en dispositivos antiguos que no tienen la banda extendida. Por ello, la digitalización de las transmisiones podría mitigar los desafíos enfrentados por las radios brasileñas que atraviesan un período de nuevas definiciones, como la radio expandida (Kischinhevsky, 2016) y el hipermediático (Lopez, 2010).

Palabras clave: Convergencia Tecnológica; Radio Expandida; Banda Extendida; Migración AM-FM.

Em busca da sobrevivência

Em um cenário de convergência tecnológica, Ferraretto (2014) enfatiza o desafio do rádio em ser relevante em meio a tantas outras opções de acesso à informação. Aplicativos fornecem dados sobre a previsão do tempo e o trânsito, as entrevistas ficam disponíveis em *podcasts* em qualquer horário e as músicas preferidas estão salvas em diversos dispositivos.

São inquietações das últimas duas décadas, crescentes à medida que a euforia das então novas tecnologias de informação e comunicação oferecem gama significativa de alternativas em comparação à aparente pequenez do rádio, o mais antigo dos meios eletrônicos massivos (Ferraretto, 2014, p. 944).

O autor aponta que essas tecnologias não provocaram a derrocada do rádio, assim como a introdução da televisão nos anos 1950 também não acabou com o meio. Ferraretto (2014) lembra de uma característica que permanece: o rádio não oferece apenas informação, mas também a emoção, o sentimento de pertencimento e proximidade entre o emissor e a audiência, dirigindo-se aos ouvintes de maneira individual e concomitante com outras tarefas, devido à

portabilidade do receptor. O rompimento da noção de espaço que o rádio provoca, na visão do autor, ocorre “talvez não por uma ideia de comunidade baseada em quem se relaciona com um parente, um vizinho ou um amigo, mas, com menor risco de erro nesta assertiva, amparada em simulacros destas interações” (Ferraretto, 2014, p. 945).

Em outros tempos, a faixa AM, que foi onde o rádio surgiu no início do século XX, foi importante na disseminação de costumes, ideais políticos e democráticos e na construção cultural da integração nacional através do forte alcance de sinal, com predomínio das cidades interioranas e das características que davam ao rádio uma “experiência imersiva, coletiva e familiar”. (Del Bianco, 2018, p. 13).

Além da evolução de outros meios de comunicação, o rádio enfrentou adaptações tecnológicas dentro de sua própria maneira de transmissão. Até os anos 1970, quando a tecnologia de Frequência Modulada (FM) era utilizada apenas como uma ligação entre os estúdios de rádios AM (Amplitude Modulada) e as antenas transmissoras, substituindo linhas telefônicas. No Brasil, em 1973, o Ministério das Comunicações apresentou o Plano Básico de Canais em FM, incentivando a utilização dessa tecnologia. De acordo com Moreira (2007), esse movimento atendia a dois pontos em particular¹:

- a) A manutenção do controle do espectro radioelétrico pelo Estado - um dos pilares da política de segurança nacional, uma vez que o rádio era o ambiente de comunicação de massa mais acessível à população - e b) O incentivo oferecido à indústria eletrônica nacional. O investimento no momento da radiodifusão doméstica, concentrado na banda FM, teve notáveis consequências na indústria nacional fabricante de receptores. (Moreira, 2007, p. 93).

Nos anos 1980, com a expansão do rádio FM, que oferecia uma qualidade de som superior, as rádios passaram a investir em alcance e audiências

¹ El mantenimiento del control sobre el espectro radioeléctrico por parte del Estado - uno de los pilares de la política de seguridad nacional, ya que la radio era el entorno de comunicación masiva más accesible para la población y b) El incentivo ofrecido a la industria electrónica nacional. La inversión en momento en radiodifusente casero, concentrada en banda FM, tuvo notables consecuencias en la industria fabricante receptora nacional", no original.

segmentadas. As emissoras começaram a anunciar em outros meios e se vendiam como grandes intermediárias do negócio da música. Ter equipamentos de reprodução sonora para a escuta de rádio se tornou um fator de *status* e de promoção pessoal (Kischinhevsky, 2016, p. 64).

As estações em FM, beneficiadas por uma qualidade de áudio mais elevada, adotaram o modelo estadunidense, focado majoritariamente em programação musical. Por outro lado, as rádios AM se especializaram na prestação de serviços e nas transmissões esportivas, por meio de uma linguagem mais acessível e popular (Betti, 2015).

Nos anos 1990, o início das transmissões via-satélite significou uma quebra de paradigma na medida em que muitas emissoras do interior passaram a transmitir programações uniformes, no padrão dos grandes centros. Nesse contexto, restou às AMs o reforço na informação local (Farias; Zuculoto, 2017).

Na década seguinte, tiveram início as discussões sobre a digitalização das transmissões radiofônicas. Ao contrário do que aconteceu com a televisão, em que o processo de digitalização passou pela transmissão e recepção, o rádio manteve a evolução tecnológica apenas do estúdio para dentro. Fitas K7¹ deram lugar a modernos equipamentos de programação, em que muitas vezes a presença do locutor se torna dispensável. Porém, as decisões governamentais mostram que o setor ainda permanece aos sabores do mercado (Kischinhevsky, 2016). Para o autor, a escolha pela migração das rádios AM para o FM refletiu “a preocupação de assegurar espaço na maior base de receptores do país na atualidade - os telefones celulares” (Kischinhevsky, 2016, p. 57) e, em sua essência, o autor define a migração como de “analógica para analógica”.

Com estudos inconclusos sobre digitalização, o governo e as associações de empresários do setor, como a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), encontraram a alternativa de migrar para FM. O Decreto 8.139, assinado por Dilma Rousseff em 07/11/2013, definiu critérios para extinguir o serviço AM local (máximo 1 kW) e adaptar outorgas para FM. As emissoras AM tinham 12 meses para requisitar a adaptação, responsabilizando-se pelas taxas

de uso de radiofrequência estipuladas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e pelo Ministério das Comunicações (Brasil, 2013).

Em 18 de março de 2016, a Rádio Progresso, de Juazeiro do Norte (CE), tornou-se a primeira emissora do país a migrar para a FM. Nos anos seguintes, os chamados mutirões do governo federal viabilizaram a assinatura da documentação da migração nos estados (Abert, 2023).

Desde a publicação do primeiro decreto, os prazos para solicitação de mudança de faixa foram estendidos até o final de dezembro de 2023. Vale esclarecer que, no início de 2024, várias estações AM permaneciam no ar, por pendências com o MCom em seus processos, ou por não terem feito o pedido para migração.

De acordo com dados da Abert, cerca de 1.720 emissoras pediram a mudança para o FM, das 1.781 outorgas existentes (Abert, 2024). O Mcom aponta que, até setembro de 2024, mais de 1.200 emissoras estejam com processo de migração concluído. A mudança da faixa AM para a FM ocorreu em maior número em estados do Centro-Sul do Brasil. Em números absolutos, São Paulo (221), Paraná (154) e Minas Gerais (148) são os estados com mais rádios na nova faixa (Anatel, 2024), conforme demonstra a Figura 1.

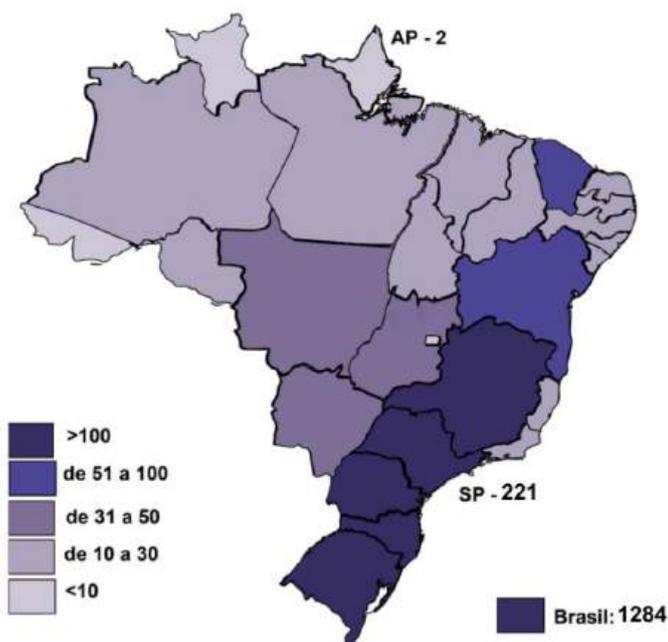


Figura 01 – Migração AM-FM em números absolutos de emissoras (set/2024)

Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3VhPmbd>. Acesso em 30/09/2024

A mudança não é obrigatória. As estações que não solicitaram a migração para o FM poderão continuar no ar em AM. O que será extinto é a categoria de AM local, ou seja, as estações de baixa potência, com até 1.000 Watts de potência. As locais que operam em AM e não desejam ir para o FM, deverão migrar para outras categorias de operação na faixa AM (regional e nacional). Neste último caso, de acordo com o Decreto 10064 (Brasil, 2021), o Mcom realizaria o reenquadramento das outorgas remanescentes.

Por fim, em outubro de 2023, é publicado o Decreto 11.739, que concede a emissoras de ondas curtas e tropicais adaptarem suas outorgas para a faixa FM. Elas terão seus canais incluídos “exclusivamente na faixa estendida e na menor classe estabelecida pela regulamentação técnica da Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel” (Brasil, 2023), ou seja, se tornarão rádios locais, uma característica totalmente diferente das ondas curtas, que, em décadas anteriores fez o papel de integrar diferentes continentes por meio das ondas radiofônicas.

O rádio, com suas adaptações e limitações, ainda sobrevive como um importante meio de comunicação e contribui com a integração da sociedade. Conforme dados da Kantar Ibope Media, 79% dos habitantes de 13 áreas metropolitanas estudadas declaram escutar rádio, em média por 3h55min diárias. Na região de Curitiba, por exemplo, o percentual atinge 83,7%, com uma média diária de 3h32min. (Kantar Ibope Media, 2024).

A faixa estendida

O aumento da interferência nos aparelhos receptores e a produção cada vez menor de aparelhos que ofereçam a sintonia de emissoras AM motivaram o governo federal a estudar, nos últimos anos, a possibilidade de migração dessas emissoras para o FM. Com o advento dos dispositivos móveis, transmissão via satélite e a popularização das mídias de gravação e reprodução por *streamings*,

a sustentabilidade dessas frequências históricas ficou prejudicada.

A faixa estendida de FM (de 76 a 87.3 MHz), antes usada para TV analógica, foi a solução encontrada para acomodar emissoras AM migrantes em áreas de espectro congestionado, onde não há espaço entre 87.5 e 108 MHz.

O dia 07 de maio de 2021 marcou o início das transmissões na faixa eFM, no Brasil. Dez emissoras de rádio, localizadas em sete capitais brasileiras, foram autorizadas pelo Ministério das Comunicações (MCom) a emitirem seus sinais em caráter científico, ou seja, em menor potência do que a definitiva, por 60 dias. Após esse período, as emissoras poderiam irradiar as potências determinadas pelo MCom, que autorizou as transmissões em AM a continuarem concomitantemente às novas por até cinco anos após o início das transmissões em FM.

Em setembro de 2024, cerca 40 estações brasileiras operam nesta faixa, sendo cinco novas concessões da Empresa Brasileira de Comunicações (EBC) e as demais que vieram da faixa AM, localizadas nas regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre e Recife.

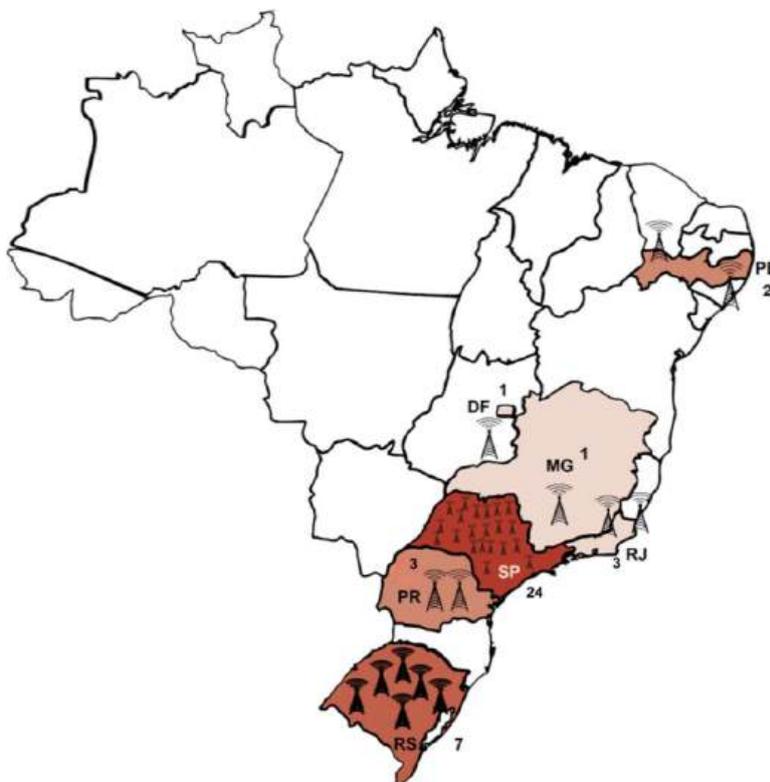


Figura 02 – Rádios FM operando em faixa estendida, por unidade da federação (set/2024)

Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3VhPmbd>. Acesso em 30/09/2024

Nos municípios que necessitaram utilizar a extensão da faixa (de 76 a 87.3 MHz) o MCom autorizou a transmissão concomitante da programação nas frequências FM e AM por até cinco anos e fomentaria condições para a adaptação dos aparelhos receptores (Betti, 2015, p.11). Porém, a realidade foi diferente da prevista. Em entrevistas com os gestores de cinco emissoras da Região Metropolitana de Curitiba, Martins (2024) identificou que as emissoras evitavam ir para a faixa estendida para garantir o acesso em aparelhos antigos, que não vem com as novas frequências. Outro fator envolve os custos para colocar uma nova emissora no ar, que em sua maioria, são maiores do que a capacidade financeira das empresas.

Dados do Ministério das Comunicações, obtidos pela *Revista Piauí*, corroboram esse cenário. Até o final de 2023, 156 emissoras AM locais decidiram fechar as portas. Ainda conforme a publicação, embora houvesse pedidos de ajuda ou incentivo ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), nenhum deles foi aceito para esse tipo de migração (Faddul, 2023).

Uma questão que parece apenas técnica ganha contornos políticos e mercadológicos quando o critério para as rádios migrarem ou não para a faixa estendida passa pelo seu local de concessão. Um dos critérios inicialmente adotados pelo Mcom é o de que todas as emissoras de determinado município migrariam para a faixa estendida caso não houvesse espaço disponível para elas na faixa tradicional. Em regiões metropolitanas, emissoras de municípios vizinhos às capitais passaram a ocupar a faixa tradicional, enquanto as da sede político-administrativa foram para a estendida. No Paraná, por exemplo, gestores de emissoras curitibanas não aprovavam o fato de coirmãs que tinham concessões de outros municípios estarem em condições iguais a de rádios consolidadas na faixa FM. Por outro lado, emissoras metropolitanas valorizam essa vantagem e se colocam como novas opções no mercado FM, afiliando-se, por exemplo, a redes de rádios já conhecidas em outros locais do Brasil e que já

passaram por Curitiba em outras frequências, como Antena 1 e Mix (Martins, 2024).

Desde o início das transmissões na faixa estendida, as emissoras têm tentado a troca de frequência para dentro da faixa tradicional. Por meio de pedidos feitos à Anatel, as empresas precisam provar que podem ocupar determinada frequência após 87.5 Mhz sem interferir em outras emissoras FM já existentes em regiões próximas. O foco de discussão neste artigo são essas solicitações que foram submetidas à análise documental e que será apresentada no item a seguir.

Antes, destaca-se que, em 2023, os pesquisadores Nair Prata, Nélia Del Bianco e Tito Ballesteros realizaram um estudo sobre o Rádio AM na América Latina. O cenário é similar ao brasileiro. Nos países vizinhos, a digitalização e a migração não avançaram a largos passos e o consumo do rádio AM segue residual. Ainda que a informação local se propague de forma muito rápida pela Internet, o rádio segue como um canal de confiança da comunidade, em especial em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, já que

O AM tem a virtude de chegar aos lugares mais remotos do território nacional, onde as OTTs, os podcasts e outras produções audiovisuais não são vistas, porque simplesmente não há Internet (Matías, 2023, p. 293)².

Nesse cenário, o fenômeno da migração AM-FM para a faixa estendida é um estudo que merece ser observado sob o aspecto tecnológico, da oferta de novas opções para os ouvintes, da mudança da relação destes com o meio e de uma escolha de ordem econômica, para os gestores (Prata; Del Bianco, 2018). Invoca-se nesta análise a Teoria Crítica da Tecnologia, de Andrew Feenberg (2005).

O autor mostra que as mudanças desencadeadas pelos dispositivos tecnológicos não se resumem às questões técnicas e convida a pensar a tecnologia como algo sociopolítico, uma vez que os mecanismos e as soluções

² No original: La AM tiene la virtud de llegar a los lugares más apartados del territorio nacional, ahí, donde las OTTs, los podcasts y demás producciones audiovisuales no se miran, porque simplemente no hay Internet

tecnológicas não dizem respeito apenas a uma eficiência diretamente relacionada aos equipamentos, mas a uma eficiência construída também e em parte por interesses sociais e políticos.

Portanto, seguindo o que traz Feenberg (2005), a tecnologia é utilizada em decorrência de estruturas de poder que influenciam e impactam o conhecimento e, conseqüentemente, a sua aplicação. Tais estruturas, para o autor, encaminham para um modo de vida diferente e assim foi durante, por exemplo, o desenvolvimento do rádio e outros adventos tecnológicos da área da comunicação.

Dessa maneira, a proposta aqui apresentada é analisar o objeto com tal atravessamento: de que a tecnologia - o mecanismo de concessão de frequência para a faixa estendida - não é algo usado apenas a partir do conhecimento gerado pela humanidade, mas também em decorrência das estruturas de poder que influenciam a sua aplicação e é preciso refletir a respeito das suas motivações e conseqüências.

O que se analisa

O presente estudo realiza a análise das solicitações de emissoras migrantes AM-FM para a faixa tradicional, após a concessão de frequência para a faixa estendida. Esses pedidos foram realizados após o início da política da migração e refletem o desejo dos radiodifusores de ocupar um espaço dentro da faixa tradicional de rádio FM, entre 87.5 e 108 Mhz. A Figura 2 representa as principais vantagens de estar neste espectro, de acordo com investigação de Martins e Fernandes sobre o assunto (2024).



Figura 03 – Fatores que influenciam os pedidos de mudança da FM estendida para a faixa tradicional.

Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3zWWGRv>. Acesso em 21/10/2024

Para investigar esse cenário, propõe-se uma análise documental. Sobre o assunto, Cellard (2008) destaca a necessidade de uma análise preliminar, que englobe a investigação do contexto, dos autores, da autenticidade e da confiabilidade do texto, bem como da natureza do próprio texto, dos conceitos-chave e da lógica interna presente nele. Gil (2010) explica que esses registros institucionais, provenientes de instituições governamentais, como projetos de lei, relatórios de órgãos governamentais, atas de reuniões legislativas, sentenças judiciais, entre outros, são fontes úteis. Além disso, dados obtidos em arquivos de instituições não governamentais, como atas de sindicatos, relatórios de associações comerciais e industriais, deliberações de igrejas, discursos proferidos em convenções partidárias, entre outros, também podem ser valiosos para a pesquisa social. Já a análise propriamente dita tem como objetivo extrair informações relevantes que permitirão esclarecer o objeto de estudo e contribuir para a resolução dos problemas de pesquisa propostos.

Para este trabalho, foram utilizados dados disponíveis no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) da Anatel. O SEI visa estabelecer uma

infraestrutura digital para documentos e processos administrativos públicos. Criado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), o sistema permite criar, editar, assinar e tramitar documentos internamente, facilitando a colaboração entre unidades distantes e agilizando processos. É a plataforma preferencial dos órgãos públicos brasileiros para gestão documental eletrônica (MGI, 2024).

O sistema oferece um módulo de consulta pública, que permite a usuários externos verificar processos administrativos que não contenham dados pessoais. Como nos relatórios para troca de frequência não constam dados dos solicitantes, a consulta é possível por meio dos processos nominados “Radiodifusão – Alteração de Plano Básico FM – Mudança de Canal”, conforme Figura 4.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES
sei! Produção

Pesquisa Pública

Nº SEI (protocolo Processo/Documento):

Texto para Pesquisa: ?

Pesquisar em: Processos Documentos Gerados Documentos Externos

Interessado / Remetente:

Unidade Geradora:

Tipo do Processo: Radiodifusão: Alteração de Plano Básico FM - Mudança de Canal ▼

Tipo do Documento: ▼

Data entre: e

Figura 04 – Acesso a consulta no SEI dos processos de alteração de canal FM.

Fonte: <https://bit.ly/3Yy0Zft>. Acesso em 21/10/2024

Por meio do SEI foi possível consultar os pedidos realizados entre outubro de 2022 e setembro de 2024. Esse marco temporal foi determinado por coincidir com o início destes pedidos, tendo em vista a consolidação do processo de

migração para a faixa de 87.5 a 108 MHz, mencionados anteriormente. Vale ressaltar que essas alterações de frequência em emissoras migrantes são feitas de forma residual e acontece com outras emissoras FM já estabelecidas na faixa tradicional, que desejem ampliar ou diminuir o alcance de seus sinais.

O presente estudo foca em solicitações de mudança de canal envolvendo a faixa estendida, majoritariamente saindo da faixa estendida para a tradicional, mas é importante registrar que algumas exceções foram executadas, autorizadas pelo governo, como trocas envolvendo empresas de um mesmo grupo e situações em que a troca solicitada foi dentro da faixa estendida.

Das mais de 1.200 emissoras migradas, 43 fizeram esse tipo de solicitação, o que é um número aproximado ao de emissoras que já estão no ar na faixa estendida. O pedido da “mudança de plano básico FM” é feito via SEI para a Agência Nacional de Telecomunicações, que após análise técnica autoriza (ou não) a mudança de frequência. Como as solicitações podem ser negadas e depois refeitas, esse conjunto resultou em 81 pedidos à Anatel.

Aqui, percebe-se a importância de uma análise que preceda a determinação com base em inferências e categorizações (Bardin, 2016) que reflitam o objeto a ser estudado, assim como a demarcação correta do corpus da pesquisa (em função da profundidade e da quantidade de dados a serem obtidos e do tempo disponível para análise). Com a documentação obtida via sistema, pôde-se elencar algumas categorias de análise para entender o processo dessa mudança: quantas solicitações, de quais estados, quantas vezes cada empresa fez esses pedidos e em quantas vezes o retorno foi positivo por parte da agência reguladora.

O que dizem os dados?

As 81 solicitações estão concentradas em sete unidades da federação (Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul). Isso se explica uma vez que as novas FMs na faixa estendida estão nestas regiões do país (conforme Figura 2). Nos outros estados, as novas emissoras foram acomodadas no *dial* já existente.

Dentre essas solicitações, 50 são do estado de São Paulo, que concentra o maior número de emissoras de rádio no país. Apenas nesse estado e no Rio de Janeiro aparecem cidades fora de regiões metropolitanas, o que mostra que o uso da faixa estendida nos demais estados está restrito aos grandes centros. A distribuição dos pedidos por estado e município de outorga estão dispostos na figura a seguir.

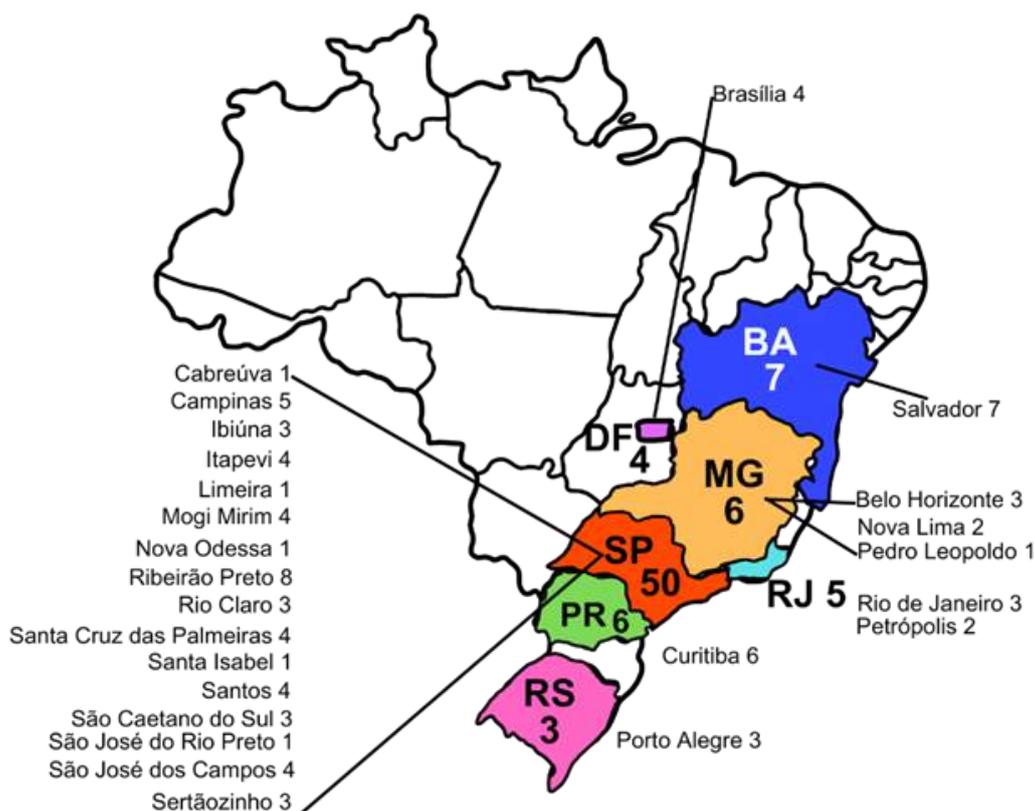


Figura 05 – Distribuição dos processos de saída da faixa estendida, por estado e município. .
Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3Yy0Zft>. Acesso em 21/10/2024

Das 43 empresas que solicitaram a mudança da faixa estendida para a tradicional, 26 conseguiram a autorização no primeiro pedido e outras 17 tiveram que fazer mais de uma solicitação, após respostas apontando interferências na transmissão de outras emissoras já existentes, por parte da Anatel. Dessas 17, oito fizeram dois pedidos, seis tiveram que pedir três vezes e outras três emissoras tiveram o pedido atendido após a quarta tentativa. Vale destacar aqui

a solicitação da empresa Campinas Radiodifusão LTDA que já fez cinco pedidos para a Anatel de mudança de frequência entre janeiro de 2023 e março de 2024, mas até o momento ainda não teve um retorno positivo da agência reguladora.

Na tabela a seguir, estão relacionadas todas as empresas solicitantes para alteração de canal, com o respectivo número de tentativas e o parecer da Anatel (se é viável ou se há interferências com outras emissoras) até a data de fechamento deste artigo (30 de setembro de 2024).

Tabela 1. Relação de empresas que solicitaram alteração de canal FM na faixa estendida entre outubro de 2022 e setembro de 2024

UF	INSTITUIÇÃO	Nª DE PEDIDOS	FREQUÊNCIA OUTORGADA NA MIGRAÇÃO	FREQUÊNCIA PROPOSTA	DATA DO(S) PEDIDO(S)	RESPOSTA ANATEL
BA	RÁDIO CRISTAL LTDA	1	76.9 MHz	98.7 MHz	04/07/2024	Viável
BA	FUNDAÇÃO CULTURAL DE RÁDIODIFUSÃO JOSÉ JEREMIAS DE OLIVEIRA	1	78.5 MHz	95,5 MHz	22/07/2024	Viável
BA	FUNDAÇÃO DOM AVELAR BRANDÃO VILELA	4	80.1 MHz	106.7 MHz	24/04, 06/05, 27/05 e 09/08/2024	Viável
BA	RÁDIO CLUBE DE SALVADOR LTDA	1	76.1 MHz	88.3 MHz	24/09/2024	Sem resposta até o fechamento
DF	RÁDIO PANAMERICANA	1	76.9 MHz	107.5 MHz	24/07/2023	Viável
DF	RÁDIO BRASILIA LTDA	2	79.3 MHz	94.9 MHz	08 e 13/05/2024	Viável
DF	COMANDO DA MARINHA	1	76.5 MHz	95.7 MHz	29/08/2024	Viável
MG	LIBERDADE EMPRESA DE RÁDIODIFUSÃO LTDA	3	80.9 MHz	96.1 MHz	24/03, 01/05 e 01/07/2024	Viável
MG	RÁDIO 880 LTDA	1	78.1 MHz	98.7 MHz	16/07/2024	Negado (interferência)
MG	RÁDIO AURILANDIA LTDA	2	76.1 MHz	94.5 MHz	11/04 e 16/04/2024	Viável
PR	RÁDIO EVANGELIZAR É PRECISO LTDA	2	84.1 MHz	90.7 MHz	04 e 14/12/2023	Viável
PR	FUNDAÇÃO NOSSA SENHORA DO	1	81.3 MHz	96.7 MHz	01/04/2024	Viável

	ROCIO					
PR	DIFUSORA OURO VERDE LTDA	2	85.9 MHz	101.9 MHz	22 e 30/04/2024	Viável
PR	LK RÁDIODIFUSÃO LTDA	1	79.3 MHz	89.7 MHz	26/09/2024	Sem resposta até o fechamento
RJ	RÁDIO DIÁRIO DE PETRÓPOLIS LTDA	2	91.1 MHz	84.9 MHz	14/03 e 08/04/2024	Viável
RJ	RÁDIO E TELEVISÃO BANDEIRANTES DO RIO DE JANEIRO LTDA	2	84.9 MHz	91.1 MHz	21/03 e 08/04/2024	Viável
RJ	SOCIEDADE RÁDIO EMISSORA METROPOLITANA LTDA	1	80.5 MHz	95.3 MHz	15/07/2024	Encaminhado para Mcom, por pedir aumento de potência
RS	RÁDIO E TV PORTOVISÃO LTDA	3	84.9 MHz	93.3 MHz	17/10, 30/10 e 08/11/2023	Viável
SP	SISTEMA MAXI DE RÁDIODIFUSÃO LTDA - EPP	1	83.7 MHz	83.1 MHz	04/05/2024	Negado (interferência)
SP	CAMPINAS RÁDIODIFUSÃO LTDA	5	85.3 MHz	92.1 MHz	31/01, 21/06, 26/09 e 10/10/2023; 12/03/2024	Sem resposta até o fechamento
SP	CBS COMUNICACOES BRASIL SAT LTDA	1	76.9 MHz	96.7 MHz	14/08/2024	Viável
SP	FUNDAÇÃO CULTURAL DE RÁDIODIFUSÃO ARTHUR DE SOUZA VALLE (MOGI MIRIM)	1	78.1 MHz	86.9 MHz	11/07/2024	Negado (interferência)
SP	FUNDAÇÃO CULTURAL DE RÁDIODIFUSÃO ARTHUR DE SOUZA VALLE (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO)	1	83.3 MHz	97.7 MHz	28/08/2024	Viável
SP	FUNDAÇÃO JOSE DE PAIVA NETTO	3	85.9 MHz	107.1 MHz	12/03, 21/03 e 09/04/2024	Viável
SP	RÁDIO 31 DE MARCO LTDA-ME	4	81.1 MHz	88.3 MHz	15/05, 31/05, 03/07 e 05/08/2024	Negado (interferência)
SP	RÁDIO ATLANTICA LTDA	1	76.1 MHz	97.3 MHz	28/11/2022	Viável

Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3Yy0Zft>. Acesso em 11/10/2024

Trinta e quatro emissoras tiveram seu pedido de alteração de canal atendido. Porém, grande parte delas precisou fazer mais de uma vez, após retornos da Anatel que indicavam que a frequência pleiteada causava interferência em outras emissoras já estabelecidas. Após ajustes na potência ou na frequência, os pedidos são submetidos novamente.

A distribuição dos pedidos aprovados e a porcentagem em relação ao total de solicitações pode ser vista na figura abaixo.

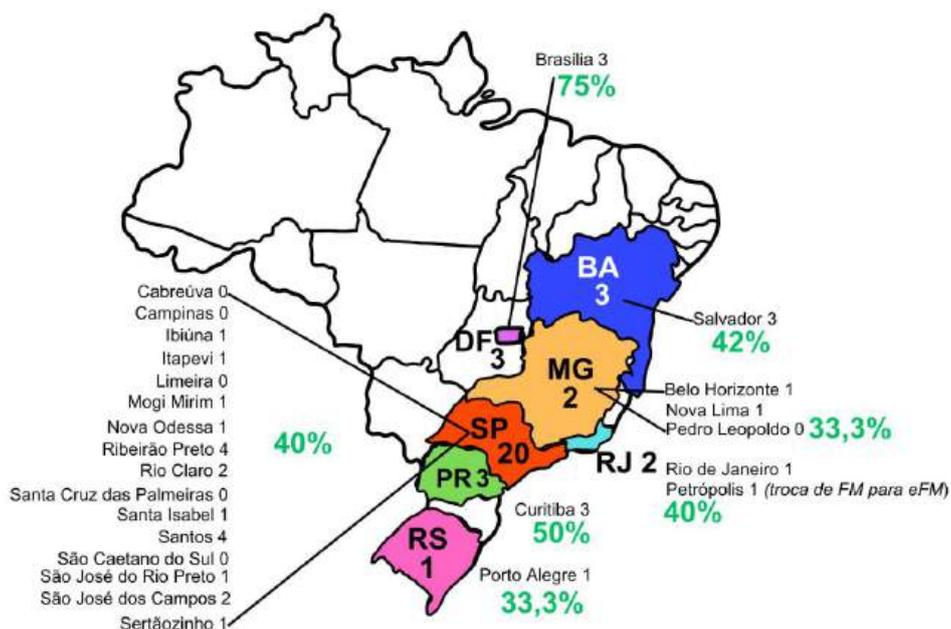


Figura 06 – Distribuição dos processos de saída da faixa estendida aprovados pela Anatel, por estado e município.

Fonte: Os autores, com base em <https://bit.ly/3Yy0Zft>. Acesso em 11/10/2024

Em 40% das solicitações (33) houve pedido de redução de potência, já prevendo essas interferências. Em outros 54% dos pedidos (44) a potência inicialmente consignada na migração é mantida. Esse aspecto é importante, pois uma das consequências da ida para o FM é a redução do alcance, uma vez que o sinal FM é mais concentrado do que o AM.

Há ainda pedidos de mudança de faixa da convencional para a estendida, em que houve troca entre duas frequências. No estado do Rio de Janeiro: 84.9 MHz (Rádio e Televisão Bandeirantes do Rio de Janeiro LTDA, ex-AM) e 91.1 MHz

(Rádio Diário de Petrópolis LTDA, de Petrópolis). O objetivo era melhorar o sinal da 91.1 MHz na capital, ao transferir a frequência estendida para Petrópolis, a 60 km de distância. Ambas as emissoras pertencem ao Grupo Bandeirantes de Comunicação (Tudo Rádio, 2024). Outro caso é a da Rádio Evangelizar é Preciso LTDA, de Curitiba, que solicitou a mudança de 84.1 MHz para 90.7 MHz. Essa mudança envolveu a troca de um outro canal do mesmo grupo na Lapa, cidade da Região Metropolitana de Curitiba, de 90.9 para 103.1 MHz evitando assim uma interferência (Oliveira, 2023).

Há ainda os exemplos das empresas paulistas Sistema Maxi de Radiodifusão LTDA – EPP e Fundação Cultural de Radiodifusão Arthur de Souza Valle (de Mogi Mirim) que solicitaram mudanças dentro da faixa estendida. Essas mudanças podem estar associadas com outros pedidos de empresas que façam parte de um mesmo grupo econômico para liberação de espaços no *dial*, porém não foram identificadas totalmente com os dados obtidos pelo sistema.

O fato é que não há frequências para que todas consigam mudar, o que limita essa possibilidade para poucas empresas. Basta exemplificar que, na Região Metropolitana de São Paulo, mais de dez emissoras já operam na faixa estendida e não há pedidos específicos delas para essa mudança. Isso vale para outras capitais, como Curitiba, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, em que as solicitações são feitas de maneira pontual, quando considerado o número de emissoras AM operando atualmente nessas cidades (11, 15 e sete, respectivamente).

Considerações

Todos os aspectos elencados neste estudo são importantes de serem observados, pois a migração AM-FM interfere na forma como o público recebe essas emissoras. Percebe-se a tentativa de não estar em uma faixa que não é captável em aparelhos mais antigos. Embora aqui foi possível observar um esforço em atender essas solicitações, a política da migração na faixa tradicional esbarra em critérios técnicos que não alcançam a plenitude dos interessados. Isso nos levar a afirmar que ainda vai faltar espaço e não haverá lugar para

todos. Esse improviso para tentar garantir tal lugar, pode ser caracterizado pelos pedidos de migração, o que mostra que não houve um planejamento para que isso fosse feito anteriormente. Outra fragilidade desta política é que nem todas poderão ter espaço no dial tradicional, o que pode ser considerado injusto por empresários do setor (Martins, 2024).

A partir desse cenário, é possível afirmar que a mudança de faixa é apenas um aspecto que envolve a adaptação deste meio frente à inovação tecnológica, que por si só não é suficiente para abarcar toda a complexidade das mudanças que a convergência traz, já que as mudanças não se resumem às questões técnicas, conforme a Teoria Crítica da Tecnologia: devem também serem consideradas a cultura, o conhecimento compartilhado e o treinamento, para que os sistemas metabolizem as mudanças e administrem com eficácia as fases de descontrolado associadas às acelerações ditadas pela tecnologia (Dominici, 2021).

Por fim, reforça-se que o rádio brasileiro chegou ao século XXI com novas definições, como rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermidiático (Lopez, 2010), e que tais definições foram pautadas pelas inserções de novas tecnologias e aprimoramento técnico. Mas a digitalização chegou a todas as etapas, menos à transmissão. Portanto, destacamos que a digitalização da transmissão - desafio até hoje não cumprido envolvendo a definição de qual formato de digitalização o país seguirá - poderia ser um caminho capaz de minimizar a reverberação aqui apresentada, quando é possível notar a situação crítica nas quais se encontram dezenas de emissoras que, numa tentativa de sobrevivência, se curvam em pedidos à agência reguladora em uma tentativa de garantir sua continuidade.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Tudo sobre a Migração AM-FM**. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3xkpzoU>. Acesso em: 21 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (Distrito Federal). **Migração AM-FM**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3YiqVKu>. Acesso em: 21 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70,

2016

BETTI, Juliana Gobbi. Migração das emissoras em amplitude modulada: as vozes do novo dial brasileiro. In: X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência SulAmericana De Mídia Cidadã, 2015, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: Unesp, 2015. p. 1-15.

BRASIL. **Decreto nº 8139, de 07 de novembro de 2013**. Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, 105 sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências. Brasília, 08 nov. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 10664, de 31 de março de 2021**. Altera o Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, que dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço, e o Decreto nº 10.312, de 4 de abril de 2020, que amplia, temporariamente, o escopo de multiprogramação com conteúdo específico destinado às atividades de educação, ciência, tecnologia, inovações, cidadania e saúde de entidades executoras de serviço de radiodifusão de sons e imagens em tecnologia digital, com fins exclusivamente educacionais ou de exploração comercial, em razão da pandemia da Covid-19. Brasília, 31 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 11739, de 18 de outubro de 2023**. Dispõe sobre a adaptação facultativa das outorgas de execução do serviço de radiodifusão sonora em ondas curtas e ondas tropicais para outorgas de execução do serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada. Brasília, DF, 18 out. 2023.

CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

DEL BIANCO, Nélia. O ciclo da política pública brasileira de migração do rádio AM para FM: sustentabilidade, gestão do espectro e regulação. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, Aracaju, v. 20, n. 3, p. 7-25, dez. 2018.

DOMINICI, Piero. A transformação digital como transformação antropológica: a mudança do paradigma e os riscos de uma revolução silenciosa. In: ORTIZ, Carlos (org.). **Convergências da comunicação: olhares à cultura digital**. Aveiro: Ria Editorial, 2021. Cap. 1. p. 21-29.

FADDUL, Juliana. Ondas Migratórias: as emissoras am de alcance local se despedem dos ouvintes brasileiros. **Piauí**, São Paulo, n. 207, p. 78-81, dez. 2023

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. **Rádio-Leituras**, v. 8, n. 2, 2017.

FEENBERG, Andrew. Teoría crítica de la tecnología. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad-CTS**, v. 2, n. 5, p. 109-123, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. Estruturação da mercadoria das emissoras comerciais sob a convergência: apontamentos para uma economia política da indústria radiofônica. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 943-965, dez. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. 152 p.

KANTAR IBOPE MIDIA. **Inside Audio 2024**. São Paulo, 2024. 29 p. Disponível em: <https://kantariibopemedia.com/inside-audio-2024>. Acesso em: 21 out. 2024.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 1ª edição, Covilhã: Labcom Books, 2010, 158 p.

MARTINS, João Cubas. Mudança de faixa : as convergências, rotinas e processos editoriais em emissoras em Curitiba e Região Metropolitana na migração AM/FM. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/89102> Acesso em: 21 out. 2024.

MARTINS, Joao Cubas; FERNANDES, José Carlos. As narrativas envolvidas no processo de migração AM/FM em emissoras da região metropolitana de Curitiba/PR. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 24, p. 1-19, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3zWWGRv>. Acesso em: 21 out. 2024.

MATIAS, Graciela Martínez. La AM en Mexico: luces, sombras y renacimiento. In: PRATA, Nair; BIANCO, Nelia Del; BALLESTEROS, Tito (org.). **La Radio AM en el ecosistema mediático de América Latina y el Caribe**. Florianópolis: Insular, 2023. Cap. 13. p. 277-295.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Migração AM-FM**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3VhPmbd>. Acesso em: 21 out. 2024.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS. **Sistema Eletrônico de Informações - SEI**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/40eXdZI>. Acesso em: 21 out. 2024.

MOREIRA, Sonia Virgínia. La radio en Brasil. In: MERAYO, Arturo (coord.). **La radio en Iberoamérica: evolución, diagnóstico y prospectiva**. España: Comunicación Social, 2007.

OLIVEIRA, Robinson. **[Correspondência]**. Destinatário: Agência Nacional de Telecomunicações. [S. l.], 2023. Disponível em: <http://bit.ly/4fgh92E>. Acesso em: 21 out. 2024

PRATA, Nair; BIANCO, Nélia R. del (Org.). **A migração do rádio AM para FM**: Avaliação de Impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Insular, 2018. 394 p.

SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES. **Pesquisa Pública**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3Yy0Zft>. Acesso em: 11 out. 2024.

TUDO RÁDIO. **Mood FM vai encerrar suas transmissões no Rio de Janeiro; Estação terá troca de canal com FM da capital**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3YfwTfp>. Acesso em: 21 out. 2024.

A miragem de uma cultura sonora? Horizontes para a utilização do som como ferramenta de literacia mediática

*Far away from a sound culture? Horizons for the
use of sound as a media literacy tool*

*¿El espejismo de una cultura sonora? Horizontes
para el uso del sonido como herramienta de
alfabetización mediática*

Fábio Ribeiro

Resumo

A entrada triunfal dos ecrãs já não é um elemento próprio e distintivo da atualidade. Diversos sinais apontam para a cristalização de uma cultura cada vez mais visual e imagética do que propriamente sonora. Este artigo procura inspirar-se neste pressuposto para retomar e recordar o papel significativo do som como elemento educativo e cultural, ao mesmo tempo em que se apresentam algumas experiências realizadas de promoção da educação para os média através de formatos sonoros. Deste modo, concluiu-se que quando académicos e investigadores pretendem abordar questões que se colocam à esfera sonora, junto de públicos específicos, abordam tipicamente este assunto a partir da estrutura clássica da programação radiofónica. Quanto a estratégias de literacia mediática, utilizando formatos sonoros, parece claro que a Antena 1, o serviço público de radiodifusão, em Portugal, se encontra isolado na tentativa de promover alguma agenda de reflexão sobre os média.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 26/12/2023. Aceito em: 13/09/2024

>> Como citar este texto:

RIBEIRO, Fábio. A miragem de uma cultura sonora? Horizontes para a utilização do som como ferramenta de literacia mediática. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 134-149, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Fábio Ribeiro

fabior@utad.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8071-6145>

Departamento de Letras, Artes e Comunicação, Escola das Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal/Centro de Investigação em Comunicações Aplicadas e Tecnologias, Universidade Lusófona, Porto, Portugal/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Palavras-chave: cultura; experiências; literacia; média; rádio; som.

Abstract

Culture tends to be more visual than exclusively audible, but this is not a particular feature of the present times. There are clear signs that are perfectly consistent with the idea that Western societies tend to see more than actually hear. This article is inspired by this general assumption as a way to address the significant role of sound as an educational and cultural element, while presenting some experiences of promoting education for the media through sound formats. Thus, it was concluded that when academics and researchers intend to address issues that arise in the sound sphere, with specific audiences, they typically approach this subject from the classical structure of radio programming. As for media literacy strategies, using sound formats, it seems clear that the Antena 1, the radio public broadcaster is the only one promoting some kind of discussion about the media agenda.

Keywords: culture; experiences; literacy; media; radio; sound.

Resumen

La cultura tiende a ser más visual que exclusivamente auditiva, pero ésta no es una característica particular de los tiempos actuales. Hay indicios claros que concuerdan perfectamente con la idea de que las sociedades occidentales tienden más a ver que a oír. Este artículo se inspira en este supuesto general como una forma de abordar el importante papel del sonido como elemento educativo y cultural, al tiempo que presenta algunas experiencias de promoción de la educación para los medios de comunicación a través de formatos sonoros. Así, se llegó a la conclusión de que cuando los académicos e investigadores pretenden abordar cuestiones que surgen en el ámbito sonoro, con audiencias específicas, suelen abordar este tema desde la estructura clásica de la programación radiofónica. En cuanto a las estrategias de alfabetización mediática mediante formatos sonoros, parece claro que Antena 1, la emisora pública de radio, es la única que promueve algún tipo de debate sobre la agenda mediática.

Palabras clave: cultura; experiencias; alfabetización; medios de comunicación; radio; sonido.

A relutância da imponência do som numa sociedade visual

Quando o físico escocês James Clerk Maxwell escreveu o livro “A Dynamical Theory of the Electromagnetic Field”, em 1865, estaria longe de imaginar que este trabalho – que demonstrava que os campos elétrico e magnético viajam no espaço através de ondas à velocidade da luz – iria revolucionar todo um campo da comunicação essencialmente focada para o

som. Da eletromagnética, à informática, passando pelas Ciências da Comunicação, cedo se percebeu o interesse e a necessidade da comunicação mediada através do som. Comparativamente a essa época, as possibilidades de utilização da vertente sonora conhecem, hoje em dia, efeitos praticamente múltiplos. A rádio, enquanto meio de comunicação de massas dedicado ao som, cristalizou a importância do ouvir em detrimento da imagem empiricamente concreta, visível. Por isso, este texto defende alguns argumentos que se colocam à necessidade de uma “escuta ativa”, como referiu Eisner (2002), atenta aos sinais do mundo e, sobretudo, da esfera mediática, capaz de potenciar aspetos cognitivos e aumentar o potencial cognitivo.

Existem, porventura, razões historicamente consideradas para um privilégio do visual e da técnica como elementos determinantes na conceção de uma sociedade eminentemente visual, onde os sentidos da visão predominam, ainda que não excluam definitivamente outros. É pelo menos o sentido de inúmeras obras (MIRANDA e CRUZ, 2002; MARTINS, MIRANDA, OLIVEIRA e GODINHO, 2011; MARTINS, 2011) que refletem sobre a submissão da cultura ao domínio tecnocrático e digital, assentes na ideia do predomínio da visualidade: “O desenvolvimento das tecnologias da informação tem concorrido para uma valorização não só da luz mas também através dela de todas as formas de representação visual” (OLIVEIRA, 2016, p. 331).

A capacidade de escutar, um dos sentidos básicos do ser humano, revela-se como um dos mais utilizados ao longo do dia. De acordo com Lee e Hatesohl (1993), ocupamos, por norma, entre 70 a 80% do dia a comunicar de alguma forma, durante o período em que estamos acordados. Tendo por base esse enquadramento comunicativo, o mesmo estudo refere que 9% das interações destina-se à escrita, 16% à leitura, 30% à oralidade e 45% a ouvir. Os autores concluem que pouco se reflete sobre o potencial comunicativo associado estritamente ao som. Andrew Crisell (1986) defende que a expressão mais evidente do som consiste na sua característica de imprimir, necessariamente, uma visão da realidade, subjetiva e pessoal, “de objetos com uma aparência de

vida, do fantástico, de quadros impossíveis num constante jogo experimental” (1986, p. 7). Por isso se considera que o som tem um código particular, por vezes indecifrável, o que, nas palavras do mesmo autor, torna o papel de imaginar através do som uma tarefa bem mais complexa ao ouvinte do que ao leitor/espectador.

A reflexão sobre o som leva a que Hugh Chignell (2009) utilize o termo “sono-esfera”, um conceito que deriva da articulação entre o som e o ambiente ou, para uma sistematização mais exata, de uma “cultura sonora”, como o próprio refere. Neste sentido, “o zurzir do trânsito, a música que sai de uma loja, a sirene do carro da polícia que se afasta – evocativos de um certo modo urbano de viver” configuram sons de uma “cultura sonora” mais ampla do que possamos compreender. Para o autor, também o som é cultural, um produto de uma concertação entre organizações. A convenção religiosa, que marca o ritmo das horas, o ritmo industrial dos transportes, tornam as cidades, por exemplo, muito barulhentas (THOMPSON, 2004).

Seán Street (2019), um dos académicos a nível europeu que mais tem trabalho uma ideia de semiótica social do som, isto é, das implicações sociais de uma cultura em torno deste sentido básico da vida humana refere que, embora o som e a luz possam viajar distâncias consideráveis, a imaginação humana é ilimitada e está destinada a preencher mundos dentro do mundo. Terá sido por esse motivo que o investigador britânico referiu que os espaços criativos, sociais, desportivos, como escolas, museus, cinemas e teatros foram pensados para uma sociabilidade específica, tendo como objetivo a construção social de um determinado som. Não são espaços para estarem em silêncio, vazios. Deste modo, existe uma vibração emocional que nos liga a certos espaços e ambientes auditivos. Street explica esta densidade sentimental: “quando a estória é narrada apenas através do som, a relação entre o emissor e o ouvinte torna-se mais íntima e intensa” (2019, p. 120).

Num sentido estrito com esta ideia de semiótica sonora, Elen Flügge (2018, p. 100) questiona: “qual o som que a cor amarela nos suscita?”. Gascia

Ouzounian e Sarah Lappin (2014, p. 305) falam de um “manifesto para um espaço auditivo”, responsável por revolucionar o ambiente urbano e as práticas que hoje em dia condicionam a nossa atividade. Em *Beyond Unwanted Sound*, Marie Thompson (2017) estabelece um desafio curioso, apontando o ruído como elemento sonoro com má reputação. A autora defende que a nossa conceção polida do som arrasta, inevitavelmente, para outra dimensão os sons que marcam o nosso dia-a-dia e que não apresentam a estética que lhes reconhecemos como natural ou legítimo. De certo modo, este preconceito sonoro, assim o poderíamos definir, poderia suscitar-nos a repensar o “ruído” para além daquilo que é a o seu sentido habitual, desprezível.

Embora haja toda uma civilização da imagem, avaliando pelo debate dinamizado pelos académicos que resulta de uma série de observações das dinâmicas sociais, alguns sinais parecem apontar para uma contínua revitalização do som, sobretudo da rádio. Segundo dados recentes da Marktest, a rádio portuguesa registou um número considerável de ouvintes¹. A audiência acumulada de véspera² situava-se nos 57% em 2009 e fixa-se, neste estudo, em 60%, em 2019, o valor mais alto registado nesta década em análise. Mesmo nos números em relação à rádio pela internet, as perspetivas parecem ser otimistas, uma vez que 1,9 milhões de portugueses diz acompanhar estas emissões pelo menos uma vez por semana. “Os jovens dos 25 aos 34 anos são os que possuem maior afinidade com este hábito, comum a 39.3% deles. Os valores baixam acentuadamente com o subir da idade, para um mínimo de 3.7% junto dos indivíduos com mais de 64 anos”, pode ler-se no estudo³.

O triunfo da tecnologia no quotidiano, que se operacionaliza frequentemente na multiplicidade de dispositivos que tendem a uma mobilização social cada vez mais dependente do digital, sugere que, muito provavelmente, hoje se ouve muito mais conteúdo sonoro do que propriamente há algumas décadas. O formato do podcast, do qual se fala predominantemente num tom

¹ Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id-25de.aspx>

² Referente ao número de residentes no Continente com 15 e mais anos que afirmaram ouvir rádio na véspera.

³ Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id-25d4.aspx>

francamente ambicioso (LLINARES, FOX e BERRY, 2018), parece ter ganho um lugar próprio nos média, não sendo propriamente uma realidade apenas confinada ao território internacional. Em Portugal, 2019 ficará gravado na memória dos mais entusiastas deste novo meio de expressão sonora, com a realização do primeiro festival de podcasts – o Podes – dedicado a distinguir os melhores do género no país, a palestras, workshops de experimentação sonora, entre outras atividades. Segundo contas da organização⁴, mais de 2500 pessoas manifestaram interesse em participar e, no particular da atribuição dos prémios, mais de 230 podcasts portugueses estiveram em avaliação. Numa coluna de opinião no jornal Público, o economista José Pedro Pimentel referia que “os podcasts são um dos meios de comunicação mais criativos e com maior vitalidade da actualidade” e que são um “fenómeno que chegou para ficar”⁵. Para tal, apresenta diversas justificações: a aposta crescente de vários meios de comunicação social que disponibilizam formatos de podcasts para rubricas específicas (casos do Público e do Observador, por exemplo), “a chegada, mais ou menos discreta, de comediantes, apresentadores e jornalistas, enquanto anfitriões dos seus próprios podcasts”.

Ainda não existem dados que confirmem, ao longo de uma trajetória temporal, o crescente interesse do podcasts como meio de comunicação social relevante em Portugal. A concretizar-se esta tendência, será um desafio acompanhar a utilização deste recurso eminentemente sonoro nas diferentes esferas da sociedade. Na verdade, do ponto de vista da investigação em Ciências da Comunicação, não faltam exemplos de como o envolvimento do som – especialmente do meio radiofónico – podem servir de apoio a uma ideia de sociedade mais inclusiva, em grupos desfavorecidos ou limitados, ou mesmo de compreensão da esfera mediática. A título meramente exemplificativo, Mourão e Pereira (2018) citam os trabalhos de Condeza (2005), que desenvolveram projetos de produção radiofónica em escolas chilenas para que os alunos

⁴ Disponível em <https://shifter.sapo.pt/2019/09/podes-festival-de-podcasts/>

⁵ Disponível em <https://www.publico.pt/2018/10/13/opiniao/opiniao/um-fenomeno-que-chegou-para-ficar-1847404>

entendessem o trabalho de um comunicador radiofónico e a responsabilidade inerente a estas funções. As investigadoras lembraram ainda o trabalho de Günnel (2009), na Alemanha, em que um grupo de alunos desenvolvem emissões alargadas de rádios escolares, concluindo que os estudantes demonstraram grande flexibilidade no agendamento de programas e desenvolveram competências linguísticas e comunicativas, além do trabalho de grupo. No entanto, experiências como estas revelam uma importante limitação: utiliza-se com frequência a rádio, aplicada ao contexto escolar, para promover o contacto de públicos específicos com o ambiente sonoro. Experiências que extravasam essa área particular dos média são escassos. O próximo ponto deste artigo demonstra esta inclinação.

Experiências no terreno: o som como reflexão sobre o mundo

Depois de uma reflexão sobre o potencial do som como elemento comunicativo e mediático capaz de preconizar uma compreensão mais atenta do mundo, desenvolvemos neste ponto um plano de considerações sobre realidades mais concretas de uma cultura sonora. Por um lado, aborda-se, ao nível da produção científica, algumas experiências que têm sido levadas a cabo para promover uma maior literacia para os média a partir de formatos sonoros. Por outro, recortamos alguns exemplos em que é a própria rádio que dinamiza espaços de compreensão do mundo mediático. Em traços gerais, estas duas abordagens, que se completam em certa medida, distinguem-se pelo agente que as protagoniza: académicos e investigadores; e os média.

O contributo da investigação para compreender o mundo através do som

O “Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário” (2014), do Ministério da Educação e Ciência e da Direção-Geral da Educação de Portugal, destina-se “a propor um quadro de referência para o trabalho pedagógico em torno das questões da Educação para os Media na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário, tomando como referência documentos análogos de diversos países”

(2014, p. 5). Esta proposta inovadora no contexto nacional inclui uma preocupação pela rádio. Deste modo, o referencial incentiva a algumas concretizações da reflexão sobre o meio radiofónico, a saber: 1) experimentar possibilidades de comunicação oral através da linguagem radiofónica; 2) ter conhecimento dos grupos de comunicação social que controlam as principais emissoras radiofónicas portuguesas; 3) conhecer os diversos profissionais de uma rádio; 4) criar um projeto radiofónico numa escola, apostando numa eventual difusão pela internet; 5) sugerir a uma rádio local a realização de um programa capaz de integrar a participação dos jovens.

No documento “25 + UM: agenda de actividades de educação para os média”⁶ (2011), da autoria de Sara Pereira, Luís Pereira e Vítor Tomé, existe uma série de iniciativas que pretendem incentivar a discussão sobre o papel dos média na sociedade, sobretudo junto de um público escolar. Das 24 actividades apresentadas, duas integram dimensões que se colocam à rádio ou ao som. A primeira, intitulada “Ver com olhos de ouvir”, procura refletir sobre a importância da publicidade no quotidiano. Os alunos são desafiados a pronunciar-se sobre alguns anúncios publicitários, depois de escolhidos em grupo e exibidos num determinado momento. Posteriormente, os alunos voltam a ouvir o anúncio, no entanto apenas com o recurso ao áudio do vídeo. Os autores pretendem, por isso, “valorizar os elementos áudio na construção de uma perspectiva sobre um determinado produto; Chamar a atenção para a multiplicidade de aspectos e para o detalhe que um pequeno filme publicitário tem de ter em conta.” (2011, p. 21). A segunda iniciativa intitula-se “Conhecer o mundo através da rádio”, com o objetivo de desenvolver “técnicas de coesão e coerência textuais na expressão oral” sobre Geografia e História Mundial, a partir da escuta de um programa radiofónico que serve de mote à construção de um texto em que os alunos incluem ainda pesquisas que efetuam em diversos sites de informação sobre o tema.

No artigo “Rádio e Educação para os Media: dinamização de um ateliê de

⁶ Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1653/1593

comunicação radiofónica em contexto escolar” (2018), de Marisa Mourão e Sara Pereira, utiliza-se o contexto escolar como espaço adequado para incentivar o conhecimento sobre a comunicação radiofónica, a partir de uma experiência concreta numa escola básica. Neste sentido, um grupo de estudantes foi convidado a criar uma produção radiofónica totalmente dinamizada pelos alunos, desde a definição de um conjunto de programas, passando pela gravação e edição até à publicação num determinado site. As autoras concluíram, entre outros aspetos, que esta oficina prática sobre a rádio foi “capaz de promover competências de Literacia Mediática e, simultaneamente, a participação e a cidadania. Os participantes ganharam ferramentas que facilitam a compreensão da cultura mediática que os rodeia, a comunicação e a criação de conteúdos” (2018, p. 75).

Esta ideia de experimentação sonora, recuperando um formato clássico da rádio tal como a conhecemos, faz parte do espírito central do projeto RadioActive, uma plataforma online que, de acordo com o site desta iniciativa, está “ligada a metodologias pedagógicas inovadoras a desenvolver junto de comunidades juvenis e seus contextos, com o objetivo de abordar assuntos de inclusão e cidadania ativa de uma forma original e estimulante”⁷. É no livro “Metodologias participativas: os média e a educação” (2015), de Maria José Brites, Ana Jorge e Sílvio Correia Santos, que se pode perceber um pouco melhor a ideia subjacente ao RadioActive. Assumindo o papel da rádio como ferramenta central no “o encantamento da história narrada, por oposição à opulência dos contextos visuais televisivos e online” (2015, p. 24), este projeto considera ter-se tornado um “modelo de boas práticas replicável que ensina pela rádio e ensina para a vida (...) na transmissão de conhecimento individual e encapsulado, mas sim na capacidade de dar condições para uma aprendizagem holística, interligada e partilhada, presente nas mais diversas áreas do dia-a-dia” (2015, pp. 24-25).

Mais recentemente, a publicação do livro “Literacias cívicas e críticas:

⁷ Disponível em <http://pt.radioactive101.eu/>

refletir e praticar” (2019), de Maria José Brites, Inês Amaral e Marisa Torres da Silva, pretende “apresentar propostas práticas que educadores de diferentes naturezas, técnicos que trabalham em associações, famílias, ou outros atores sociais possam usar para pensar a educação para os média” (2019, p. 11). Neste documento, duas atividades utilizam a mesma filosofia de experimentação radiofónica em contexto escolar: “Implementar um projeto de rádio numa escola: procedimentos a adotar”; e “Rádio Impacto – uma rádio no coração da escola”.

O papel da rádio na promoção da literacia para os média

No ecossistema mediático em Portugal, não existem muitos formatos radiofónicos que utilizem a natureza própria deste meio para promoverem uma agenda próxima à da Educação para os Média. As estratégias que aqui se apresentam resumem-se a iniciativas próprias do serviço de radiodifusão pública. Deste modo, a Antena 1 dinamiza dois espaços que convidam o ouvinte a refletir sobre as várias dimensões da atividade mediática: *Ouvindo Crítico* e *Provedor do Leitor*.

À data desta análise, em fevereiro de 2020, o programa *Ouvindo Crítico* vai para o ar à quarta-feira, depois das 15h, na Antena 1 ⁸, desde fevereiro de 2018. Esta iniciativa resulta de uma parceria entre a rádio pública e o MIL Obs (Observatório sobre Media, Informação e Literacia)⁹, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. No site do MIL Obs, pode ler-se um pouco mais sobre a ideia subjacente a este programa: “[os microfones] Falam-nos sobre o que está por trás das mensagens que diariamente nos chegam através dos mais diversos meios de comunicação, desafiam-nos a pensar nos media a partir de vários pontos de vista: de que modo representam a realidade? Que poder exercem na forma como vemos o mundo? Como estamos a consumi-los?”. No momento em que se realiza esta análise, o *Ouvindo Crítico* tinha sido emitido em 63 ocasiões. Neste sentido, para se perceber um pouco melhor o programa sistematizamos os temas das últimas 20 edições, conforme

⁸ Disponível em http://www.rtp.pt/antena1/podcasts/ouvido-critico_10260/page/7

⁹ Disponível em <https://milobs.pt>

explica a Tabela 1:

	Temática geral	Meio de comunicação visado (área)	Público-alvo primordial
Emissão nº 63	Navegar na internet de forma segura	Internet	Crianças e adolescentes
Emissão nº 62	Desenvolver comportamentos informados sobre saúde	Média em geral	Público em geral
Emissão nº 61	Estimular a reflexão crítica dos jovens	Imprensa (jornalismo)	Crianças
Emissão nº 60	Aprender a lidar com tecnologias digitais	Internet	Adultos
Emissão nº 59	Aproximar o cinema da educação	Cinema	Crianças e adolescentes
Emissão nº 58	Formar professores para a compreensão crítica sobre as notícias	Média em geral (jornalismo)	Crianças e adolescentes
Emissão nº 57	Compreender e a interpretar a publicidade	Média em geral	Crianças (7-14 anos)
Emissão nº 56	Identificar vídeos manipulados	Internet	Público em geral
Emissão nº 55	Ajudar as crianças a ser mais autónomas nas deslocações na rua	Aplicações digitais	Crianças
Emissão nº 54	Utilizar e mediar as tecnologias em contexto familiar	Tecnologias e digital	Crianças até 8 anos
Emissão nº 53	Utilizar o telefone para uma aprendizagem colaborativa na aula	Smartphones	Alunos ensino obrigatório
Emissão nº 52	Promover a compreensão do mundo noticioso numa linguagem próxima das crianças	Televisão (jornalismo)	Crianças e adolescentes
Emissão nº 51	Apresentar diversas iniciativas em torno da Literacia para os Média	Média em geral	Público em geral
Emissão nº 50	Relançamento do projeto “Público na Escola”	Imprensa	Crianças e adolescentes
Emissão nº 49	Compreender a propriedade dos média em Portugal	Média em geral	Público em geral
Emissão nº 48	Entender a importância da internet segura a partir dos líderes digitais	Tecnologia, digital, internet	Público em geral
Emissão nº 47	Utilizar a rádio digital como ferramenta para reforçar as competências em contextos carenciados e em risco de exclusão	RadioActive	Crianças e adolescentes
Emissão nº 46	Discutir o papel das pesquisas online que procuram confirmar os pontos de vista dos cidadãos	Internet	Público em geral
Emissão nº 45	Identificar o impacto da Inteligência Artificial no quotidiano	Digital	Público em geral
Emissão nº 44	Discutir legislação capaz de combater as notícias falsas	Média em geral (jornalismo)	Público em geral
Emissão nº 43	Discutir o impacto mediático sobre alterações climáticas e Greta Thunberg	Média em geral	Público em geral

Tabela 1 – Análise de uma amostra de edições do programa Ouvido Crítico, da Antena 1

A Tabela 1 apresenta, de uma forma evidente, uma abrangência de temas bastante considerável, na medida em que várias áreas da comunicação foram abordadas durante as emissões. Foram tratados assuntos diversos e complexos, como a compreensão social das notícias, a desinformação, a aproximação entre o cinema e a educação, a relevância da saúde dada pelos média, entre outros temas. No entanto, parece claro que a amostra evidencia igualmente uma atenção particular por questões que se colocam à internet e aos ambientes digitais. Em 20 edições analisadas, 8 acabaram por centrar a reflexão em torno deste ecossistema comunicativo, seguindo uma paleta diversificada de temas: a segurança na internet (em duas ocasiões); a manipulação de vídeos; a mediação parental; os líderes digitais, as pesquisas online ou a utilização da rádio digital como forma de complemento à aprendizagem formal e tradicional em grupos socialmente desfavorecidos. Existe igualmente um relativo equilíbrio quanto ao público-alvo das edições analisadas: crianças e adolescentes (6 programas) e público em geral (9).

Relativamente à segunda análise prevista para este estudo, trata-se do programa *Em Nome do Ouvinte*, emitido semanalmente na Antena 1, à sexta-feira, depois do noticiário das 16h, conta com a edição do provedor do Serviço Público de Radiodifusão, João Paulo Guerra¹⁰. Este formato analisa as questões levantadas pelos ouvintes, entre críticas, elogios e sugestões apresentadas à grelha de programação da Rádio e Difusão Portuguesa (RDP). A Tabela 2 apresenta o resulta desta análise:

Temática geral	
Emissão #1 21 fevereiro 2020	Balanço da atividade do Provedor em 2019 (vários temas)
Emissão #2 14 fevereiro 2020	O hip hop e o rap de regresso à rádio pública
Emissão #3 27 dezembro 2020	A música que não passa na Antena 1 (e os ouvintes pedem)
Emissão #4 20 dezembro 2020	Aprender a língua portuguesa através de um jogo em formato radiofónico (2ª edição)
Emissão #5 13 dezembro 2020	Aprender a língua portuguesa através de um jogo em formato radiofónico (1ª edição)
Emissão #6	A importância de contar histórias – e da reportagem – na

¹⁰ Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3388/em-nome-do-ouvinte-o-programa-do-provedor-do-ouvinte-v-serie>

06 dezembro 2020	rádio
Emissão #7 29 novembro 2020	Programa 100 do Provedor: um balanço (vários temas) (2ª edição)
Emissão #8 22 novembro 2020	Programa 100 do Provedor: um balanço (vários temas) 1ª edição
Emissão #9 15 novembro 2020	A extinção da Onda Curta em Portugal
Emissão #10 8 novembro 2020	As dificuldades técnicas em ouvir rádio em algumas zonas do Açores
Emissão #11 25 outubro 2020	A relevância na divulgação de ciência na RDP
Emissão #12 18 outubro 2020	A ligação próxima entre a rádio e o cinema
Emissão #13 11 outubro 2020	O desaparecimento da poesia na rádio
Emissão #14 04 outubro 2020	O contributo da rádio para a promoção da criação musical dos jovens
Emissão #15 27 setembro 2020	A proximidade da rádio com o humor: o caso de um programa humorístico na RDP África
Emissão #16 20 setembro 2020	Queixas (excesso de futebol) e elogios (excelentes opções musicais) dos ouvintes em tempo de férias
Emissão #17 26 julho 2020	Audio-novela ficcional
Emissão #18 19 julho 2020	Balanço a meio do ano: mais queixas, menos louvores
Emissão #19 12 julho 2020	Informação e programação menos erudita na Antena 2?
Emissão #20 12 julho 2020	Paulo Rocha: voz off do trânsito e das promoções da RDP

Tabela 2 – Análise de uma amostra de edições do programa Em Nome do Ouvinte, da Antena 1

A abrangência temática, anteriormente referida, também se cumpre no caso do programa do provedor do ouvinte. Pode entender-se este programa como um espaço onde as opções editoriais do grupo RDP estão em discussão. Formatos particulares e personalidades da rádio são, por isso, frequentemente chamadas a responder a certas questões. No entanto, parece ser óbvio considerar que apenas uma intervenção ativa do ouvinte pode dar sequência a uma agenda consistente de programas. Nem sempre o ouvinte percebe o fluxo de mensagens recebidas pelo provedor. De qualquer modo, João Paulo Guerra revelou, num dos programas no final de 2019, que o envio de comentários, críticas e sugestões por parte dos ouvintes aumentou ligeiramente em 2019, para cerca de 700.

Das 20 edições analisadas, um dado parece coincidir com o preceito teórico anteriormente descrito sobre a função do provedor: o princípio de refletir

sobre dinâmicas próprias da RDP encontra no programa do provedor um exemplo ajustado. Neste sentido, o provedor abordou a chamada *playlist* da Antena 1 – um programa dedicado ao hip hop e outro à justificação sobre as escolhas musicais que passam na rádio –, sobre os jogos realizados para testar os conhecimentos de língua portuguesa pelos ouvintes, a relevância de contar histórias na rádio através da reportagem. O provedor abordou ainda, em duas emissões, aspetos que fazem parte de uma lista de reclamações dos ouvintes de algumas zonas dos Açores que se queixavam da dificuldade em acompanhar a emissão da RDP depois da passagem de uma tempestade em 2019. Ainda no âmbito técnico, João Paulo Guerra refletiu sobre o desaparecimento da rádio em onda curta. Nas restantes emissões, debateu-se o contributo da rádio pública para a divulgação da ciência, do cinema ou da poesia e até houve espaço para um programa que surgiu motivado pelas queixas de alguns ouvintes da Antena 2, relativamente a um eventual abandono da programação mais erudita desta rádio. Nesta análise, quatro emissões enquadram-se num modelo particular, uma vez que se analisam, em forma de balanço, os diversos programas ao longo do tempo, seja em tempo de pausa para férias de verão ou de final de ano.

Conclusões

O propósito essencial deste artigo destina-se a argumentar a favor de um maior incentivo de ações de literacia mediática que reforcem o papel do som como elemento comunicativo. Na primeira parte deste texto, aludiu-se ao potencial adaptativo do som enquanto ferramenta de trabalho, ao mesmo tempo em que se sinalizou o triunfo de uma modernidade visual. Parte da investigação científica, na área genérica das Ciências Sociais, ainda parece desligada do estudo do som. Como oportunamente se verificou, é nas Ciências da Comunicação que assistimos a um maior investimento na utilização do som como ferramenta pedagógica para a compreensão do mundo. E, neste sentido, sempre que se perspetiva o som, acaba por existir uma tendência natural para recriar espaços radiofónicos como forma de emancipação social, de expressão infantil, remetidos e acantonados a lógicas tradicionais de ver os média. Por isso,

parece fundamental incentivar um novo enquadramento conceptual em que o som – e a cultura sonora – integrem outras áreas aparentemente não muito óbvias. A este propósito, não se investe na promoção turística a partir dos sons característicos de uma determinada localidade. A imagem clássica do turismo convoca percepções eminentemente visuais, de sol, praia e areia, preferencialmente em zonas costeiras (GAJRAJ, 1988). Isto significa que as potencialidades de promoção turística provavelmente ainda não são exploradas em toda a sua plenitude. Ainda assim, ainda é possível sinalizar algumas experiências de utilização do som na divulgação turística, como nos casos da região de Thamel, no Nepal (Bhatta, 2016), em Yellowknife, no Canadá (Braden, 2012) e em Sheffield, no Reino Unido (LONG, 2013).

No campo dos média, não existem muitos formatos sonoros que se dediquem a refletir sobre as condições pelas quais o mundo mediático se organiza. Com a exceção da rádio pública, não é possível encontrar iniciativas que se apresentem a mesma filosofia de desconstrução dos média, como aquelas que se verificam nos casos do *Ouvindo Crítico* e *Em nome do Ouvinte*. Tal como referem inúmeros estudos relativos à importância de uma sociedade capaz de decifrar o funcionamento dos média, desde uma perspetiva passiva (RHEINGOLD, 2008) ou mais ativa (RIBEIRO, 2017), a ausência destes espaços poderá condicionar ainda mais a percepção pública sobre a necessidade de refletir sobre a importância de uma cultura sonora – mediático, neste caso.

Referências

BHATTA, C. Panduranga. “The Role of Arts in Promoting Tourism: A Case of tourism Development in Thamel Area”. *Journal of Advanced Academic Research*, v. 177, n. 3, 2016.

BRADEN, C. Acoustic tourism –an emerging industry. Comunicação apresentada no Congresso “The Global Composition. Sound, Media, and the Environment Darmstadt”, Dieburg, 2012.

BRITES, M. J., AMARAL, I., SILVA, M. T. Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2019.

BRITES, M. J., JORGE, A., SANTOS, S. C. Metodologias participativas: os média e a educação. Covilhã: Labcom Books, 2015.

- EISNER, E. *The arts and the creation of mind*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- FLÜGGE, E. "Silent sonorities and unsound acts". *Sound Studies*, v. 4, n. 1, 2018.
- GAJRAJ, A. "A Regional Approach to Environmentally Sound". *Tourism Recreation Research*, v. 13, n. 2, 1988.
- LAPPIN, S., OUZOUNIAN, G. "Soundspace: A Manifesto". *Architecture and Culture*, v. 2, n. 3, 2014.
- LEE, D., HATESOHL, D. *Listening: Our Most Used Communication Skill*. Missouri: University of Missouri-Columbia, Extension and Agricultural Information, 1993.
- LLINARES, D., FOX, N., BERRY, R. (eds.). *Podcasting: New Aural Cultures and Digital Media*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.
- LONG, P. "Popular music, psychogeography, place identity and tourism: The case of Sheffield". *Tourist Studies*, v. 14, n. 1, 2013.
- MARTINS, M., MIRANDA, J. B., OLIVEIRA, M., GODINHO, J. (eds.). *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Grácio Editor, 2011.
- MOURÃO, M., PEREIRA, S. "Rádio e Educação para os Media: dinamização de um ateliê de comunicação radiofónica em contexto escolar". *Observatorio (OBS*) Journal*, v. 12, n. 4, 2018.
- OLIVEIRA, M. "A história surda dos estudos de rádio e os desafios da investigação sobre as significações do ouvir". *Significação*, ano 40(39), 2013.
- OLIVEIRA, M. O excesso de luz e a fragilização do ouvido. In M. OLIVEIRA & S. PINTO (Eds.), *Atas do Congresso Internacional Comunicação e Luz* (pp. 329-336). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2016.
- PEREIRA, S, Pinto, M., Madureira, E., Pombo, T., Guedes, M. *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 2014.
- RHEINGOLD, H. "Using Participatory Media and Public Voice to Encourage Civic Engagement." In W. Lance Bennett (ed.) *Civic Life Online: Learning How Digital Media Can Engage Youth* (pp. 97–118). Cambridge: The MIT Press, 2018.
- RIBEIRO, F. *Opinião pública nos média em Portugal: quem participa e porquê?*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2017.
- STREET, S. *Sound at the Edge of Perception. The Aural Minutiae of Sand and other Worldly Murmurings*. Singapura: The Gateway East, 2019.
- THOMPSON, E. *The Soundscape of Modernity: Architectural Acoustics and the Culture of Listening in America, 1900–1933*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.

A história da fábrica de rádios Cacique através dos jornais (1933-1943)

The history of the Cacique radio factory through the newspapers (1933-1943)

La historia de la fábrica de radios Cacique a través de los periódicos (1933-1943)

Nísio Teixeira; Carlos Jáuregui; Raphael Castilho Bueno Silva

Resumo

Considerando o que já foi escrito sobre o rádio no Brasil, encontramos lacunas quanto à história dos equipamentos produzidos e distribuídos no país. Esta percepção motivou a existência deste estudo sobre a trajetória de uma fábrica nacional que foi pioneira em desafiar a soberania estrangeira no setor: a Rádio Cacique, de São Paulo. Para tanto, observamos anúncios e notícias sobre a marca na imprensa escrita, de 1933 a 1943, período entre a criação da Cacique e os primeiros passos de uma parceria que viria com a Philips, consolidada em 1949. Concentramos a análise nas expressões de brasilidade e orgulho da indústria nacional citadas pela empresa, bem como na relevância de mercado e nas inovações tecnológicas que marcaram a primeira década de existência da Cacique.

Palavras-chave: Indústria nacional; História do rádio; Rádio Cacique; Indústria Paulista de Eletricidade; Inbelsa.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 01/11/2024 aceito em: 23/12/2024.

>> Como citar este texto:

TEIXEIRA, Nísio; JÁUREGUI, Carlos; SILVA, Raphael Castilho Bueno. A história da fábrica de rádios Cacique através dos jornais. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 150-172, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Nísio Teixeira

nisiotei@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0002-5247-2275>

Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Minas Gerais (UFMG).

Carlos Jáuregui

carlos.jauregui@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2180-1176>

Professor Doutor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro dos grupos de pesquisa Conjor (UFOP) e Escutas (UFMG).

Raphael Castilho Bueno Silva

raphaelcastilho@ufmg.br

<https://orcid.org/0009-0001-5410-2681>

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Abstract

Considering what has already been written about radio in Brazil, we find gaps regarding the history of the equipment produced and distributed in the country. This perception motivated the existence of this study on the trajectory of a national factory that was a pioneer in challenging foreign sovereignty in the sector: Rádio Cacique, from São Paulo. To this end, we observed advertisements and news about the brand in the written press, from 1933 to 1943, a period between the creation of Cacique and the first steps of a partnership that would come with Philips, consolidated in 1949. We focused our analysis on the expressions of Brazilian identity and pride in the national industry cited by the company, as well as on market relevance and the technological innovations that marked the first decade of Cacique's existence.

Keywords: National industry; Radio History; Rádio Cacique; Paulista Electric Industry; Inbelsa.

Resumen

Considerando lo que ya se ha escrito sobre la radio en Brasil, encontramos lagunas respecto a la historia de los equipos producidos y distribuidos en el país. Esta percepción motivó la existencia de este estudio sobre la trayectoria de una fábrica nacional que fue pionera en desafiar la soberanía extranjera en el sector: Radio Cacique, de São Paulo. Para ello, observamos anuncios y noticias sobre la marca en la prensa escrita, de 1933 a 1943, período entre la creación de Cacique y los primeros pasos de una asociación que vendría con Philips, consolidada en 1949. Concentramos nuestro análisis en las expresiones de brasilidad y orgullo de la industria nacional citadas por la empresa, así como en la relevancia de mercado y en las innovaciones tecnológicas que marcaron la primera década de existencia de Cacique.

Palabras clave: Industria nacional; Historia de la radio; Radio Cacique; Industria Eléctrica Paulista; Inbelsa.

Introdução¹

“O rádio é uma linguagem”. É uma das respostas mais sintéticas e frequentes que pesquisadores da área dão frente à difícil necessidade de conceitualização e aos desafios impostos pela evolução das tecnologias de registro, manipulação e difusão do som. Tal formulação permite, por exemplo, articular, no mesmo campo, estudos sobre o rádio de antena, o streaming e outras experimentações em mídia sonora (que abrangem desde *audiogames* até o uso de assistentes virtuais por meio de *smart speakers*).

Mais do que “linguagem radiofônica”, o rádio pode também ser compreendido em sua dimensão de “instituição social”, ligado ao imaginário historicamente constituído em torno dele, e uma “prática cultural”, com os seus usos mais hegemônicos, residuais ou emergentes (Ferraretto, 2014). O rádio, seja na forma de programação em tempo real seja como podcast, é também companheiro. E, desse modo, o radialista ou o podcaster podem ir conosco a quase todos os lugares, contribuindo para moldar uma linguagem própria para uma escuta frequentemente paralela a outras atividades.

A ênfase sobre a dimensão imaterial do universo radiofônico não foi, contudo, a tônica ao longo de sua história. Seja no âmbito social e midiático, seja no âmbito acadêmico, a discussão sobre o meio técnico surge de tempos em tempos como uma questão relevante.

Dentre todas as possíveis aproximações a essa dimensão técnica, este artigo se volta para um aspecto bastante específico que é o aparelho de rádio, o receptor que, num contexto analógico, é o responsável por captar ondas eletromagnéticas, para transformá-las em sinal de áudio, que ainda é amplificado, para voltar ao ar na forma de onda sonora. Mais precisamente e procurando não cair em argumentos midiacêntricos, propomos um olhar centrífugo a partir dos anúncios dos equipamentos de rádio da marca Cacique,

¹ Trabalho cujo resumo expandido foi apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. A pesquisa teve auxílio de recursos da emenda parlamentar 14110019.

em jornais mineiros publicados entre 1933 e 1943, de modo a articular diferentes discussões em torno da comercialização e da publicidade de tais equipamentos.

Mais uma história sobre o (aparelho de) rádio

Ao propor uma periodização para história do rádio no Brasil, Ferraretto (2012) identifica o período entre 1910 e 1930 como a fase da implantação. Nesse momento, falar do meio é abordar um contexto de rápido desenvolvimento da eletrônica, articulado com o interesse econômico de empresas do setor, que faziam demonstrações públicas de seus equipamentos:

Estas demonstrações vão atrair e reforçar o interesse de aficionados pelo novo meio, então ainda confundido com a radiotelefonia. São eles que se organizam, quase como um hobby, em clubes e sociedades dedicadas à escuta e à transmissão, a base das primeiras estações de rádio brasileiras. Este tipo de entidade tem, então, a finalidade como salienta Maria Elvira Bonavita Federico (1982, p. 33), “além de divulgar os conhecimentos sobre o rádio, de angariar novos adeptos e até mesmo propiciar-lhes treinamento para se constituírem pelo menos em radioescutas”. Os dados existentes indicam semelhanças entre estes pioneiros identificados pela imprensa da época como radiófilos, semfilistas ou amadores da radiofonia (ou da radiotelefonia)... (Ferraretto, 2012, p. 8-9)

A atração por essas novidades se observa também nas publicações especializadas em rádio que começam a florescer nos anos 1920. Com bastante relevância até os anos 1950, elas se dedicam, em seus primeiros anos, sobretudo a discussões de natureza tecnológica (Dias, Adami, Sande, 2021). Naquele momento, a radiofonia era símbolo do avanço científico e as revistas traziam desde informações sobre as últimas invenções no campo da eletrônica, até instruções para o leitor construir seu próprio receptor. É o que vemos na página extraída da *Revista Rádio*.

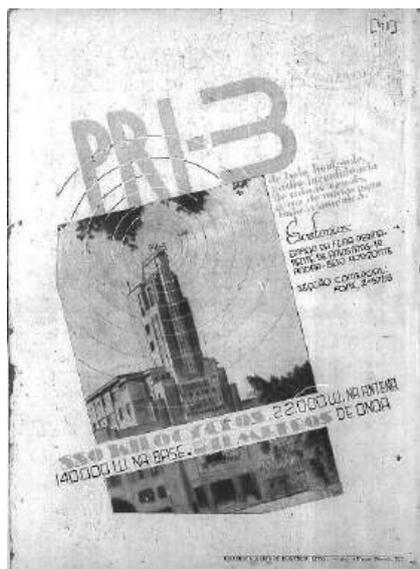


Figura 02 – Anúncio da rádio PRI-3 Inconfidência em 1939.

Fonte: Revista Alterosa, dez. 1939.

Essa ênfase tecnológica dos primeiros anos do rádio é algo notado e discutido amplamente pela historiografia do meio. Há, no entanto, uma lacuna a respeito dos aparelhos de rádio. Sabemos que se tratava de um assunto recorrente aos radiófilos, que construíam seus próprios receptores ou contrabandeavam produtos do exterior, mas conhecemos muito pouco dos equipamentos que eram produzidos e distribuídos comercialmente no Brasil. Esta relativa lacuna sobre o início das fábricas de rádio no Brasil estimulou o presente trabalho a buscar fontes de informação diversas, sobretudo a partir do contato que tivemos com periódicos do início século XX para a produção de trabalho recentemente apresentado na Compós (Silva; Teixeira, 2024). Ao examinar a publicidade existente em 19 jornais carnavalescos belo-horizontinos da época que coincidentemente corresponde à fase de “implantação”, houve uma quase imperceptível presença da indústria brasileira nos anúncios do setor elétrico-eletrônico nos anos 1930: a paulista Cacique. Junto com essa descoberta, houve a inquietação motivada por outro texto de Ferraretto (2020), bem como os trabalhos de Kischinhevsky (2017) na perspectiva de “mais uma história sobre o rádio a ser contada”. Desta vez, no entanto, contamos uma história sem o tradicional foco no jornalismo ou nas emissoras de rádio do Brasil,

mas sim na trajetória dos fabricantes desses aparelhos.



Figura 03 – Anúncio da Casa Liberdade, em Belo Horizonte, oferecendo rádio da marca Cacique em publicação carnavalesca.

Fonte: Revista Mi-Carême (1934).

E assim nos debruçamos sobre as expressões “Rádio Cacique” e/ou “Indústria Paulista de Eletricidade”, usando, precisa e respectivamente, esses termos como palavras-chave em bases de dados, como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Aí a primeira expressão foi aplicada para o período de 1930 a 1939 perfazendo 593 ocorrências distribuídas em 713 periódicos de 26 locais (a hemeroteca contabiliza locais como unidades da federação, mas também estrangeiras). A segunda foi aplicada no período seguinte, de 1940 a 1949, perfazendo 16 ocorrências distribuídas em 437 periódicos de 27 locais. A escolha dos periódicos “Correio Paulistano” e “A Noite” para este estudo será explicitada no início do tópico “Procedimentos metodológicos” deste artigo.

Outra importante base de dados consultada por este trabalho com as expressões acima foram os arquivos da Universidade de São Paulo, à qual, como veremos também adiante, a rádio esteve vinculada, inaugurando uma trajetória nacional e mesmo internacional em aparelhos de comunicação. Foram cerca de 60 páginas de documentos fiscais, como notas e faturas, e outras 120 páginas com ofícios e comunicados. Também as expressões foram aplicadas no sistema de buscas do Google, o que permitiu chegar a estudos e outros trabalhos e informações em torno da empresa. Por essa razão, consideramos necessário trazer agora breves parênteses em torno de sua história, antes de avançarmos.

Cacique: de rádios a transmissores; de São Paulo para o Brasil; do civil para o militar

Como é sabido, o ano de 1932 marca o início de uma maior exploração

comercial no serviço público do rádio brasileiro, sob os efeitos do Decreto 21.111, que permite maior molde publicitário, viés de entretenimento e, conseqüentemente, presença do capital estrangeiro no mercado radiofônico. Também a partir dele percebe-se gradativa substituição, nas emissoras de rádio, do modelo do radioclubismo pelo negócio comunicacional (Jambeiro, 2004; Ferraretto, 2012).

É em meio a esse cenário que a fábrica de aparelhos Rádio Cacique Ltda. é criada em 1933 pelo empresário, político, diplomata e engenheiro Roberto Cochrane Simonsen, então já conhecido nacionalmente por estar à frente da Companhia Construtora de Santos, localizada em sua terra natal.

Numa época em que o Brasil vinha aumentando sensivelmente suas importações de transmissores de rádios domésticos, um grupo de empresários brasileiros, liderados por Roberto Simonsen, decidiu enfrentar um grande desafio, que foi a implantação de uma fábrica para produzir no Brasil aparelhos tão bons quanto aqueles que vinham do exterior (...) Na década de 30, apesar da grande dificuldade de competição no mercado, a Cacique já desenvolve uma tecnologia brasileira ao produzir condensadores, resistores, alto-falantes e outros componentes básicos. (Telebrasil, 1977, p. 38)

Dentre os nomes participantes deste *pool* empresarial organizado por Simonsen estão, por exemplo, o industrial Paulo Siqueira Cardoso e os engenheiros Leon Rubin e Ignácio Abdulkader, que assumem cargos de destaque na empresa. Em 1936, a Cacique Ltda. muda a configuração societária e agrega outro nome: “Cacique S.A. - Indústria Paulista de Eletricidade” e se concentra no ramo de equipamentos para telecomunicações. Detectamos que é a partir dessa época que ela começa a investir em várias estratégias de visibilidade, que vão desde anúncios em torno de seus aparelhos radiofônicos, objeto maior deste artigo, ou mesmo o apoio cultural para temporadas de grupos estrangeiros no Teatro Municipal de São Paulo. Um exemplo disso são as cinco apresentações da Cia Dramática Francesa *Theatre du Vieux Colombier*, entre 8 a 13 de julho daquele ano – ou mesmo as outras cinco funções da Cia. Dramática Alemã, entre 02 a 11 de agosto do ano anterior, em 1935 (Saito, 2018).

Mas o grande salto corporativo naquele ano foi o início da aproximação

com as forças armadas brasileiras.

A nossa orla marítima - conta o Dr. Ignácio Abdulkader (um dos companheiros de Simonsen na fundação da Cacique) - estava praticamente sem estações de radio-telefonía. Os faróis não dispunham de radiocomunicações. Os navios comboio não falavam entre si pelo rádio. A criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, abriu novas perspectivas para os serviços de comunicação e da proteção ao vôo. A estação central do Exército, no Morro do Capim, necessitava de nova aparelhagem. (Telebrasil, 1977, p. 38)

Tal parceria civil-militar não só possibilitou que a Cacique S.A. construísse um transmissor de 1kw para a estação do exército no Morro do Capim, na Vila Militar do Rio de Janeiro, como também fosse pioneira nos serviços de radiotransmissão para a Aeronáutica.

Presentes os senhores capitães Lincoln Voras, chefe da 1a. seção e serviços de bases e rotas aéreas do ministério da Aeronáutica; Haroldo Paca e José Siqueira Menezes, membros da sub-directoria de transmissões do Exército Nacional - todos componentes da comissão organizada pelo Ministério da Guerra - além de outras altas autoridades, teve lugar sabbado último a cerimônia do recebimento das primeiras emissões radio-transmissoras para o Serviço da Aeronáutica Militar. Construídas pela Indústria Paulista de Eletricidade Cacique S.A. - constructora, também, dos equipamentos radiotelegraphicos para a nova flotilha de navios mineiros, monitores e submarino Humaytá - as estações radiotransmissoras de 500 watts de potencia em telephonia e telegraphia destinam-se aos campos de aviação em Belém, Recife, Fortaleza, Campo Grande, Porto Alegre e São Paulo. (Jornal do Commercio, 1941, p. 3, mantida a grafia original do texto)

Além disso, a Cacique integrou iniciativa envolvendo várias outras empresas brasileiras na construção de um sonar para a Marinha do Brasil, organizada a partir do departamento de Física da Universidade de São Paulo (USP).

Por intermédio de Jorge Americano, então reitor da USP, a Marinha brasileira entrou em contato com o Departamento de Física, a fim de obter ajuda na construção de sonares no Brasil. Tais aparelhos não eram fornecidos pelos Aliados e se constituíam em grande desafio tecnológico face ao estágio de desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Contatos anteriores feitos pela Marinha, inclusive com a Escola Politécnica, foram mal sucedidos, cabendo aos físicos da USP o aceite deste desafio (Sala, 1977²). A responsabilidade inicial do esforço de guerra recaiu em

² SALA, Oscar. Entrevista concedida a Tjerk Franken, Ricardo Guedes Pinto e Carla Costa para a pesquisa

Marcelo Damy e Paulus Pompéia, com posterior envolvimento de Paulo Bittencourt, Oscar Sala, dentre outros. Antes mesmo de recorrerem ao sonar, tentaram solucionar o problema através da construção de rádio transmissores portáteis, que seriam montados em jipes e utilizados no patrulhamento das praias, por pessoas que ficariam observando o mar no decorrer do dia em busca de navios e submarinos na superfície (Souza Santos, 2002³). Embora tenha se mostrado ineficiente na localização de submarinos, este método gerou transbordamento de conhecimentos para a Marinha, principalmente das técnicas de alto-vácuo, que puderam ser empregadas no condicionamento das válvulas de potência de seus transmissores de rádio, visto a dificuldade de se importarem estes componentes eletrônicos em tempos de guerra. (Medeiros, 2012, p. 67-68)

Segundo Medeiros (2012), para a construção do protótipo do sonar, não só se recorreu à literatura da época como também à “engenharia reversa” a partir do contato com o material de um sonar desmontado para reparos de um destróier norte-americano ancorado na Marinha do Rio de Janeiro. E, por fim, houve também uma busca por empresas e institutos de pesquisa que pudessem fornecer os materiais demandados, tais como cristais de Rochelle, níquel, aço inoxidável, máquinas elétricas e geradores de corrente alternada.

Os cristais foram desenvolvidos por um conjunto de pesquisadores da própria USP, envolvendo departamentos de Química, Geologia e Física. Já o níquel utilizado provinha

das moedas de 200 e 400 mil réis, que praticamente desapareceram de São Paulo em virtude desta real destruição do meio circulante. Quem ficou a cargo do refinamento e da transformação dessas moedas em lingotes foi a equipe de mecânicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas. O Grupo Pignatari executou a laminação destes lingotes, enquanto o Liceu de Artes e Ofícios e a empresa de Aldo Magnelli transformaram as chapas em tubos de níquel, então fundamentais para a construção do sistema de emissão de ultrassom do sonar (Souza Santos, 1994⁴; Pompéia, 1973⁵, apud Medeiros, 2012, p. 70)

“História da Ciência no Brasil” realizada na FINEP. Rio de Janeiro, jan. 1977.

³ SOUZA SANTOS, Marcelo Damy. Entrevista concedida a Amélia Império Hamburger e Carla Soares. São Paulo, 23 de abril de 2002.

⁴ Souza Santos, Marcelo Damy. Depoimentos – Marcelo Damy: revolução no ensino da física. Estudos Avançados, 8(22), 1994, p.79-95.

⁵ Pompéia, Paulus Aulus. Entrevista concedida a Ricardo Guedes Pinto e Simon Schwartzman para a pesquisa “História da Ciência no Brasil” realizada na FINEP. São Paulo, 1973.

Ainda segundo Medeiros (2012) tal sistema deveria ser protegido por uma carapaça de aço inoxidável com formato hidrodinâmico. Encontrar chapas de aço inoxidável não era o problema, mas sim a construção de fôrma para a prensagem, além da solda adequada. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas se responsabilizou pela produção do aço, “enquanto a técnica de soldagem foi aprendida em uma oficina de automóveis localizada na avenida São João, cujos proprietários alemães dominavam a técnica da solda de ferro” (Pompéia, 1973⁶; Souza Santos, 2002⁷ apud Medeiros, 2012, p. 70). Já a questão de geradores para corrente alternada

foi superada por uma pequena fábrica de motores elétricos, de propriedade do engenheiro húngaro Kessler (Damy, 1994⁸). A inexistência de empresas especializadas em máquinas elétricas no Brasil levou a desenvolvimentos pioneiros realizados no Instituto de Eletrotécnica pelos engenheiros Luiz Valente Boffi e Horus Serra, então agregados à construção do sonar (Pompéia, 1973⁹). Toda esta fase de desenvolvimento do protótipo foi financiada pelos Fundos Universitários de Pesquisa, criados em 1942 por Jorge Americano e cuja finalidade residia no custeio de projetos ligados à defesa nacional. Só após os testes bem sucedidos realizados com o protótipo na represa de Santo Amaro que a Marinha entrou com o pedido de 80 equipamentos, o que exigiu do Departamento de Física e das empresas paulistas todo um esforço de mobilização e produção em série. (Medeiros, 2012, p. 70)

Segundo a autora, “cada uma das 22 firmas envolvidas no projeto desconhecia o conjunto do equipamento e as demais participantes. Era o Departamento de Física quem coordenava as ações e articulava todo o sistema de produção em firmas dispersas” (Medeiros, 2012, p. 71). As peças eram então montadas no primeiro andar do próprio Departamento.

Diferentemente de algumas empresas citadas anteriormente, a autora não detalha a contribuição específica da Cacique, mas um exame atento dos documentos, cartas e notas fiscais disponíveis na documentação do acervo da USP permite enumerar produtos que vão desde válvulas, condensadores,

⁶ op. cit. nota 8

⁷ op. cit. nota 6

⁸ Não foi localizada a referência na obra da autora, mas acreditamos tratar-se da citada na nota 7.

⁹ op. cit. nota 8

transformadores, ilhoses, cápsulas de microfones até fios esmaltados e chapas de ferro. Em uma série de faturas e recibos emitidos entre novembro de 1944 e julho de 1946 fica evidente essa triangulação entre a Cacique, a USP e Marinha brasileira no desenvolvimento de produtos e serviços. Em um deles, por exemplo, datado de 6 de dezembro de 1944, o Fundo Universitário de Pesquisas acusa o recebimento de quantias em dinheiro:

Recebemos da reitoria da Universidade de São Paulo a importância supra de Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros), cheque n. 352-219 E % Banco do Distrito Federal, referente à restituição feita pelo Departamento de Rádio e Sinais do Arsenal da Marinha da Ilha das Cobras por intermédio da Cacique S/A - Indústria Paulista de Eletricidade, por trabalhos executados no Departamento de Física, pela Pesquisa de Telecomunicação, sub. N.1, custeada pelos Fundos Universitários de Pesquisas. Para mais clareza firmamos o presente recibo sob as estampilhas federaes de Cr\$ 2,00 e 0,40 de educação e saúde. Em 6 de dezembro de 1944. (Fundos Universitários de Pesquisas, 1944)

Cerca de dez anos mais tarde, em 1957, é o próprio Paulo Siqueira Cardoso, então na condição de presidente do Sindicato de Aparelhos Elétricos e Similares do Estado de São Paulo, que destaca o papel da própria empresa no projeto Sonar

Não é exata a notícia recém-veiculada, em forma de comentário por um matutino desta capital, na qual se afirma que a indústria nacional não está capacitada a produzir um aparelho similar ao denominado Sonda-Astic (...) [Adiantou, ainda, que este aparelho se destina à localização de cardumes de peixe no fundo do mar]. Ao contrário dessa informação, o aludido aparelho baseado na aplicação e recepção do sonar (emissão e recepção de ondas sonoras) é fabricado, há cerca de dez anos pela Indústria Brasileira de Eletricidade, S.A. nossa associada, a qual está capacitada para produzir ao fim específico a que se destina a Sonda-Astic. (...) Essa firma vem oferecendo aparelhos à Marinha nacional há dez anos. (Correio Paulistano, 1957, p. 3)

Como se depreende acima, por essa época a Cacique S.A. - Indústria Paulista de Eletricidade já havia se transformado na Inbelsa - Indústria Brasileira de Eletricidade S.A., por ocasião da chegada de capital e *know how* da Philips do Brasil. A maior parte das referências, incluindo depoimento de Abdulkader (Telebrasil, 1977) colocam 1943 como o ano que marcou o início dessa nova sociedade. Mas é apenas em 1949 que a empresa muda oficialmente o seu nome para Indústrias Brasileiras de Eletricidade S.A, conforme consta em ata de

Assembleia Geral Extraordinária realizada a 14 de setembro de 1949.

Como é de conhecimento dos senhores acionistas, o nome da firma, Cacique LTDA. foi adotado em 1933, vigorando até o ano de 1936, quando se transformou em Cacique S/A, adotando o nome de Indústria Paulista de Eletricidade. Este nome, que até bem pouco tempo atendia perfeitamente às finalidades da sociedade, tornou-se agora, em face da expansão de negócios, inadequada, já que nossos produtos desde há muito, transpuseram as fronteiras de nosso estado e atualmente as do País. Em vista disso, torna-se necessário dar um nome mais definitivo, sobretudo na parte concernente à nacionalidade da organização. (...) Assim sendo, sugerimos que seja adotada a seguinte denominação para a sociedade: INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ELETRICIDADE S.A. (Cardoso, 1949, p. 6, grifo do autor)

O texto publicado na Telebrasil sobre a história da Inbelsa vai recorrer a um argumento, digamos, bem menos corporativo e, pouco condizente com a imagem “patriótica” construída pela figura indígena junto aos anúncios (esses aspectos serão aprofundados mais adiante): “É dessa época a mudança do nome Cacique para Inbelsa, porque a semântica latino-americana atribuía à palavra Cacique algumas conotações negativas, como chefe truculento, desordeiro, etc.” (Telebrasil, 1977, p. 39). Segue ainda o texto institucional:

A cooperação técnica e comercial da Philips facilitou sobremaneira o alcance dos objetivos até então buscados: mais de uma centena de transmissores de radiodifusão de até 10 kw, desenvolvidos e fabricados no Brasil, foram exportados a partir do término da Segunda Guerra Mundial. Esse programa de exportação contou com o suporte do mercado local, quando a Inbelsa forneceu para cerca de 600 emissoras brasileiras de radiodifusão transmissores com potência de 100 a 50.000 watts (Telebrasil, 1977, p. 39)

De fato e antecipando-se um pouco ao detectado na próxima seção, a partir de meados de 1945 percebe-se sensivelmente a queda de anúncios dos aparelhos de rádio Cacique. Em muito pouco tempo após esta data, as ocorrências existentes nos periódicos de fato não vão trazer mais anúncios para a compra de novos aparelhos de rádio Cacique, mas sim dois contrapontos interessantes. O primeiro deles é uma sequência de várias ocorrências de pequenas notas nas seções de pequenos anúncios nos quais consumidores dos rádios Cacique colocavam à venda seus aparelhos. O segundo era a ocorrência

cada vez mais gradativa de notícias de vendas e acordos da Inbelsa para instalação de transmissores em muitas rádios brasileiras, como a Difusora Gaúcha, a Verdes Mares cearense e outras diversas, incluindo a famosa Mayrink Veiga.

Sendo assim, o que procuramos destacar aqui são as primeiras movimentações e, claro, um exame das primeiras representações midiáticas desta fase inicial da empresa no país, quando buscava um lugar em meio à acirrada concorrência, sobretudo internacional, no mercado de aparelhagem de rádio, defendendo uma identidade e uma ação nacional junto ao público. E, por essa razão, vamos nos deter na década que marca sua fase como Empresa Paulista de Eletricidade (1933) até as primeiras notícias e informações de sua parceria com a Phillips (1943), que, como vimos, foi efetivada em 1949.

Procedimentos metodológicos

Os anúncios e as notícias que nos possibilitam contar a história da Rádio Cacique estão concentrados, em sua maioria, nos jornais "Correio Paulistano" e "A Noite" entre 1935 e 1943. Diante do elevado número das ocorrências obtidas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, houve a necessidade de um recorte no corpus e assim a escolha por essas publicações foi motivada, respectivamente, pelo maior número de ocorrências encontrado no periódico do estado onde surgiu a Cacique (19), também considerado um pioneiro da grande imprensa paulistana (Sodré, 1999). Já a escolha de "A Noite" (59 ocorrências), fundado por Irineu Marinho e publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1911 e 1957 (Azevedo, 2009), foi motivada por sua incorporação ao "guarda-chuva" midiático da rádio Nacional (junto às revistas Carioca e Vamos Ler) em meados dos anos 1930, mesmo período de expansão da fábrica paulista. Além dessas publicações, também encontramos e inserimos neste estudo anúncio mencionado em trabalho anterior (Silva; Teixeira, 2024) do jornal carnavalesco Mi-Carême (1934) e também em função de pesquisa desenvolvida para esse trabalho anterior, outros anúncios da Rádio Cacique nas Revistas Montanha e

Alterosa, publicações mineiras encontradas no Acervo Linhares¹⁰, da Universidade Federal de Minas Gerais.(Linhares, 1995, p. 331).

A partir da observação do material selecionado – expostos no **QUADRO 01** e no **QUADRO 02**, localizados abaixo –, propomos uma análise que contrasta os anúncios e as notícias sobre a Rádio Cacique com a história e o pioneirismo da empresa discutidos nos tópicos anteriores deste trabalho. Dessa forma, procuramos observar sinais que demonstram: 1) expressões brasilidade e orgulho da indústria nacional, bem como 2) a relevância de mercado que a Cacique exercia durante o período observado neste estudo e 3) as inovações tecnológicas.

Quadro 1. Anúncios analisados sobre a Rádio Cacique (1935-1943)

CHAMADA DO ANÚNCIO	PUBLICAÇÃO	DATA
"Casa Liberdade"	Mi-Carême	??/03/1934
"Uma caçada fácil".	Correio Paulistano	12/05/1935
"Tarrefeando".	Correio Paulistano	28/09/1935
"Um primor da indústria nacional"	Montanheza	??/02/1936
"Percentagem de valores nacionaes"	Correio Paulistano	21/07/1936
"Indústria nacional"	A Noite	18/08/1936
"Em cada 100#000, 80#000 são nossos"	A Noite	07/09/1936
"O caminho certo"	Correio Paulistano	14/03/1937
"Para ser Cacique tem que ser o melhor"	Correio Paulistano	28/03/1937
"Quaes são as qualidades de um bom rádio?"	Correio Paulistano	11/04/1937
"O melhor dos rádios"	Alterosa	??/??/????

¹⁰ Este acervo compreende a vasta coleção de materiais da imprensa belo-horizontina do ouro-pretense Joaquim Nabuco Linhares. "Datadas entre os anos de 1895 e 1954, tais publicações foram adquiridas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1976. Esses títulos formam, atualmente, o que conhecemos como "Coleção Linhares", que está disponível para consulta digital na Biblioteca Central da instituição (Silva, Teixeira; 2024).

"Os últimos modelos dos rádios 'Cacique'"	Correio Paulistano	25/09/1943
---	--------------------	------------

Fonte: dos autores (2024).

Quadro 2. Notícias analisadas sobre a Rádio Cacique (1935-1943)

CHAMADA DO ANÚNCIO	PUBLICAÇÃO	DATA
"A apresentação dos novos modelos Cacique para 1937"	A Noite	21/02/1937
"Indústria nacional - almoço na CASA MAPPIN".	Correio Paulistano	14/03/1937

Fonte: dos autores (2024).

Principais resultados

Dentro do espaço delimitado por este texto, começamos destacando a presença da figura indígena nos anúncios da Rádio Cacique. Arruda (2001) afirma que as sociedades indígenas têm sido campo fértil para diversas projeções; destacando aquelas que promovem o “índio” como uma metáfora da liberdade nacional e outras que projetam esses povos como imagem de um atraso que precisa ser superado. Claramente, os anúncios da Rádio Cacique dialogam com o primeiro caminho: remontando às características do romantismo brasileiro do século XIX, que, em sua fase indianista, escolheu o homem indígena como um símbolo particular do heroísmo nacional.

Como ilustrado na **FIGURA 04**, a utilização da figura indígena como um mascote da Rádio Cacique – que no próprio nome faz referência ao chefe político dos povos originários deste continente – dialoga com a intenção da empresa em destacar o pioneirismo da marca na indústria brasileira e a importância da sua existência em um mercado dominado pelas tecnologias estrangeiras, especialmente norte-americanas. Nos anúncios, inclusive, é comum ver a imagens de um indígena em posição de dominância frente a arquétipos estrangeiros, acompanhadas de dizeres como “uma caçada fácil”, “tarrafeando”, “o caminho certo” e “para ser cacique tem que ser o melhor”. Constrói-se, desse modo, uma retórica de força, liderança e superioridade a respeito da marca.



Figura 04 – Anúncios da Rádio Cacique (1935-1943) com a figura do indígena.
Fonte: elaboração própria a partir do corpus

Um aspecto curioso a ser notado, entretanto, é o fato de a representação visual do líder indígena, supostamente usada para convocar o orgulho nacional, aproximar-se de uma iconografia frequentemente utilizada para retratar indígenas norte-americanos. É o que vemos, por exemplo, na capa da revista em quadrinhos da revista norte-americana “Indian Chief”, título que poderia ser traduzido para o português como “cacique”:

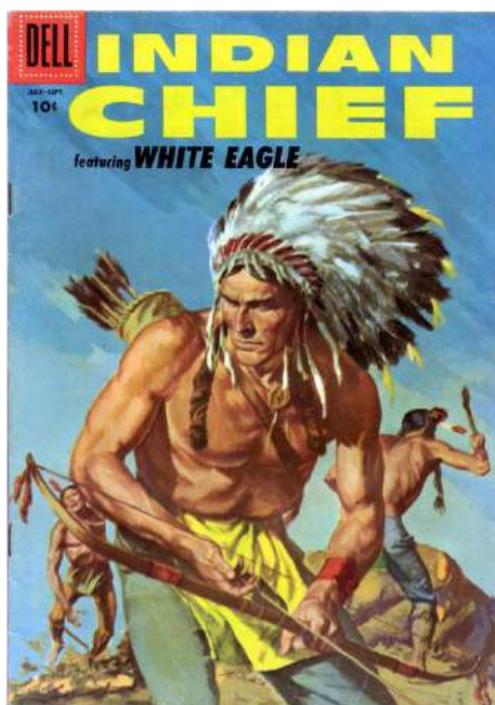


Figura 05 – Capa da revista em quadrinhos norte-americana *Indian Chief*

Fonte: Indian Chief, jul-set 1956.

A utilização do nativo norte-americano como representação do imaginário indígena, de forma geral, é resultado das narrativas europeias que só podem ser rompidas com a popularização de um fazer historiográfico sobre os povos nativos das distintas partes da América (Dornelles & Melo, 2015). Tal convergência equivocada – que ignora a variedade de povos e neutraliza as muitas particularidades do indígena brasileiro – acaba influenciando a produção publicitária da Rádio Cacique. Desse modo, mesmo num gesto de promoção da brasilidade em um anúncio nacional feito para brasileiros, a marca acabaria utilizando arquétipos atávicos e reproduzindo a figura do indígena norte-americano popularizada em quadrinhos e em outros meios de comunicação estadunidenses.

Este orgulho da indústria nacional é retomado em outros anúncios, mais sóbrios, que ressaltam a importância econômica de se adquirir um produto fabricado no Brasil. A partir de um tom nacionalista, a Cacique afirma em um reclame publicitário veiculado na edição de 18 de agosto de 1936 do jornal "A Noite" que 70% do seu quadro de funcionários é formado por profissionais brasileiros. Outro anúncio, publicado no dia 7 de setembro de 1936 no mesmo jornal, afirma que 80% do valor que o cliente paga por um rádio da marca continuam no Brasil.

No caminho das inovações tecnológicas, um anúncio veiculado no "Correio Paulistano" do dia 25 de setembro de 1943 chama atenção para os lançamentos da Rádio Cacique: "os typos 44, 45 e 46 satisfazem em absoluto a qualquer conhecedor profundo dos diversos aparelhos de radio" (p. 07) e o "conversor Z2 proporciona uma recepção perfeita em onda curta" (idem). Outro da revista Alterosa destaca "O melhor dos rádios: Rádio Cacique. Um primor da indústria nacional. Aparelhos de 4 a 8 válvulas!".

Quanto às notícias investigadas, elas caminham no mesmo sentido dos anúncios; chamando atenção à nacionalidade do empreendimento, o progresso dos negócios e o lançamento de novos modelos no mercado. A presença da

marca entre as capitais também é destacada e, dessa forma, chamamos atenção para o texto publicado na edição de 21 de fevereiro de 1937 do jornal "A Noite"; que relata o almoço comemorativo oferecido pelo diretores da fábrica Cacique para seus agentes no Rio de Janeiro:

Realizou-se hontem nos salões do Automovel Club um almoço oferecido pela direcção da primeira e unica fabrica nacional de radios, aos seus agentes no Rio, cuja séde é em São Paulo. No ambito, marginando mesa, via-se em exposição os novos modelos Cacique para 1937. Durante o almoço, que transcorreu num ambiente de cordialidade, fez uso da palavra o Sr. Antonio Rodrigues de Azevedo, director gerente, discorrendo em linhas geraes, sobre os esforços emprehendidos através de um quadriennio, o triumpho surpreendente nesta curta existencia e o seu agradecimento á valiosa cooperação dos agentes desta capital. Agradecendo falou o representante dos agentes, que terminou com um brinde aos directores da fabrica. A seguir falaram ainda, os Srs. Ignacio Abdulkader, chefe das vendas em São Paulo e José Cesar, distribuidor nesta cidade, que, além de reiterarem os agradecimentos, incentivou-os á dilatação do exito verificado, para um progresso continuo, ilimitado (A Noite, 21/02/1937, p. 04, mantida a grafia original).

Em outra matéria, publicada no Correio Paulistano (1937), há mesmo uma espécie de decálogo para os vendedores de Rádio Cacique, que exalta a indústria nacional e o investimento no produto, entre outros tópicos. É o que podemos observar nos três “mandamentos” finais:

VIII - Eu vendo Rádio Cacique porque, assim fazendo, ganho o mesmo ou possivelmente mais do que ganharia vendendo um aparelho estrangeiro cuja importação poderá amanhã cessar ou mesmo simplesmente mudar de mão (como repetidas vezes vem acontecendo em nosso meio) deixando meus clientes sem garantia de assistência futura. IX - Eu vendo Rádio Cacique porque ele é tão bom como o importado e também porque, vendendo-o, pratico um acto de patriotismo ajudando a evitar o escoamento de nosso ouro para o estrangeiro. X - Eu vendo Rádio Cacique porque ele é brasileiro. Cacique é nosso. Cacique é paulista. (Correio Paulistano, 1937, p. 3, mantendo a grafia original)

Considerações finais

Tanto nos anúncios quanto nas notícias analisadas, fica evidente, desde o início, uma retórica verbo-visual nacionalista associada à estratégia de inserção no incipiente mercado radiofônico brasileiro. É curioso, portanto, perceber como os anúncios evidenciam não só o nacionalismo na figura indígena, alternada com

a convocação para o investimento da indústria nacional, mas apontam também para o domínio tecnológico das ondas curtas, crucial não só para o alcance a outros países, mas para a produção militarista, com o alcance e a qualidade territorial, confirmada na fase seguinte da empresa que, inclusive, irá desprezar a imagem “truculenta” do cacique.

Nesse ponto, a descoberta foi interessante e crucial pois estamos muito vinculados às narrativas que evidenciam um histórico da presença estrangeira nesse “impulso” e na presença do início do rádio comercial do Brasil. Porém, um anúncio “desviante” dessa perspectiva de uma indústria nacional focada nessa oportunidade de mercado não só surpreendeu, como também sublinhou a presença e a importância de seguir no estudo com iniciativas similares nessa direção nos primeiros anos do rádio no Brasil - caso das empresas Zenith, National e Semp (hoje TCL Semp, mas cuja história em página oficial curiosamente invisibiliza a fase Toshiba e traz a informação equivocada de que teria produzido o primeiro aparelho de rádio no Brasil em 1942¹¹).

Moto contínuo, foi interessante perceber como essa percepção e experiência, de forma questionadora, apontou a questão subserviente do país na substituição de importações e no protagonismo do rádio e de seus fabricantes na construção de um projeto nacional, mas, igualmente, constatar como este protagonismo se evidencia na aproximação com o aparato militar brasileiro e, novamente, com o capital estrangeiro. Pois voltando ao “Projeto Sonar” e à Medeiros (2012), a autora lembra que indo além da utilidade do equipamento em si, o projeto foi um marco das sinergias e parcerias entre setores da pesquisa universitária, técnico-científica, industrial e, acrescentamos, militar.

Todavia, apesar das empresas participantes adquirirem alguma *expertise* em suas respectivas áreas, a autora fecha essa seção com uma citação de Schwartzman (1979¹², p.261), “ainda que um balanço completo esteja por ser

¹¹ TCL Semp. Nossa história. Disponível em <https://www.tclsemp.com.br/nossa-historia/>. Acesso em 27 de junho de 2024.

¹² Schwartzman, Simon. Formação da Comunidade Científica no Brasil. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.

feito, o fato é que esta tecnologia nacional acabou por ceder lugar ao *know-how* importado que afluiu ao país, em quantidade cada vez maior, a partir do fim da guerra”. Tal aspecto é reforçado em estudo de Pinto e Silva (1995), o qual ainda avança um pouco na cronologia e lembra que não só houve um grande incentivo do governo JK para a instalação de empresas estrangeiras de telecomunicações, como também, logo após o golpe militar, o setor se torna estratégico para o regime, que institui a Empresa Brasileira de Telecomunicações, Embratel, em 1965.

Constituída a EMBRATEL, Empresa Brasileira de Telecomunicações, em 16 de setembro, numa sala da Procuradoria-Geral da Fazenda, por escritura pública. O Brasil se associa ao INTELSAT. Neste ano encontravam-se instaladas no país, aproveitando isenção de impostos concedida por Juscelino, as pioneiras Ericsson, sueca, e a Standart Elétrica (ITT), americana; depois vieram a Japonesa NEC, a alemã Siemens, a inglesa Plessey, e a Philips holandesa que adquirira a nacional Cacique passando a chamar-se Inbelsa. Estas indústrias apenas montavam no país seus equipamentos de origem. (Pinto e Silva, 1995, p. 16)

Portanto, constatamos que, em seus anos iniciais, a fábrica de rádio Cacique recorreu ao discurso nacionalista e patriótico como narrativa institucional e comercial, transparecida em seus anúncios, discursos, decálogo de vendas e no mascote indígena. Como visto, a partir de 1943 cessam os anúncios dos aparelhos de rádio Cacique, provavelmente descontinuados, aspecto reforçado pela existência apenas, a partir dessa época, dos pequenos anúncios para a venda de aparelhos usados. A empresa cresce e se transforma em outra direção e inserção na história do rádio no Brasil, com transmissores e telecomunicações, deixando para trás o Cacique, seus aparelhos de rádio e respectivos ouvintes - e oxalá alguns vendedores que viram os números dos “mandamentos” finais virarem letra morta.

Se, dez anos após o seu surgimento, desaparece o “cacique nacionalista” – com ares norte-americanos – para a acolhida da internacional Philips e o surgimento da Inbelsa, tal movimento se dá em meio à aproximação com as forças armadas do Brasil, em sinergia que irá persistir e se renovar ao longo do

período ditatorial militar¹³, evidenciando na instituição um protagonismo geopolítico da informação e comunicação que pode sugerir estudos futuros.

Referências

ARRUDA, Reinaldo Sérgio Vieira. Imagens do índio: signos da intolerância. In: **Povos indígenas e tolerância**. São Paulo: Edusp, p. 43-61, 2001.

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. Belo Horizonte: **Mediação**, v. 10, n. 9, p. 81-97, 2009.

CORREIO PAULISTANO. Indústria nacional - Almoço na Casa Mappin. **Correio Paulistano**. São Paulo. 14 de março de 1937, p.3.

CORREIO PAULISTANO. Aparelhos para sondagens no fundo do mar. **Correio Paulistano** - No mundo da economia. São Paulo, 19 de março de 1957, p. 3.

DIAS, Lucia Moreira; ADAMI, Antonio; SANDE, Adami Manuel Fernández. Revistas especializadas de rádio no Brasil e a espetacularização (décadas de 1920 a 1950). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2021.

DORNELLES, Soraia Sales; MELO, Karina Moreira Ribeiro da Silva. Sobrevoando histórias: sobre índios e historiadores no Brasil e nos Estados Unidos. Porto Alegre: **Anos 90**, v. 22, n. 41, p. 173-208, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. São Cristovão: **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 14, n. 2, p. 1-24, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920). Caxias do Sul: **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 17, n. 33, p. 145-164, 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio no Brasil - histórias a serem contadas. **EJM**, vol. 17, n.2, jul-dez, 2020, p.11-21.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FUNDOS UNIVERSITÁRIOS DE PESQUISAS. Cópia de recibo. 6 de dezembro de 1944.

INBELSA. **Listen**. 5 out. 2012. Disponível em: <https://lysten.blogspot.com/2012/10/inbelsa>. Acesso em 18 jun. 2024.

JAMBEIRO, Othon (et. al.). **Tempos de Vargas** – o rádio e o controle da informação. Salvador, EdUFBA, 2004

JORNAL DO COMMERCIO. Interior - São Paulo. **Jornal do Commercio**. 14 de maio de 1941,

¹³ Em um processo licitatório junto à Polícia Federal, datado de março de 1967, a Inbelsa lista vários equipamentos fabricados e fornecidos para mais de 60 instituições públicas como o Ministério da Aeronáutica, Guerra, Marinha, Educação e Cultura, Petrobrás, Codevasf, RFFSA; CSN; IBC entre outros.

p.3.

LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Editora UFMG (Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais), 1995.

HISTÓRIA da Philips no Brasil. **A minha rádio**. 2 mai. 2006. Disponível em: https://www.aminharadio.com/radio/h-philips_brasil. Acesso em 18 jun. 2024.

MEDEIROS, Tharsila dos Reis. **A implantação da ciência de base tecnológica: um estudo do desenvolvimento da física experimental com aceleradores de partículas na Universidade de São Paulo (1934-1982)**. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade de Campinas, Campinas, 2012.

PINTO E SILVA, Arthur Phillipe. A política de telecomunicações no Brasil: histórico, análise e tendências. Fundação Getúlio Vargas. **Cadernos EBAP - Escola Brasileira de Administração Pública**, n. 75, junho de 1995.

SAITO, Nádia. **Departamento de cultura na cena paulistana: políticas públicas para o teatro na gestão Mário de Andrade**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Raphael Castilho Bueno; TEIXEIRA, Nísio . "O RÁDIO ANTES DO RÁDIO": um exame dos anúncios dos periódicos carnavalescos de Belo Horizonte (1906-1934). In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/o-radio-antes-do-radio-um-exame-dos-anuncios-dos-periodicos-carnavalescos-de-bel?lang=pt-br>> Acesso em: 22 Dez. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TELEBRASIL. Inbelsa - muito da nossa história. **Telebrasil - Revista Brasileira De Telecomunicações**. Ano XVIII, volume 1, janeiro-fevereiro, 1977, p. 38-41. Disponível em [https://mfpaper.com.br/1977/1977_Jan_Fev/mobile/index.html#p=\(N.1\)%201](https://mfpaper.com.br/1977/1977_Jan_Fev/mobile/index.html#p=(N.1)%201) Acesso em 25 de junho de 2024.

Documento e memória em reportagens radiofônicas especiais: análise sobre a estrutura da série “Histórias da Copa do Mundo” da CBN

Document and memory in special radio reportage: analysis of the structure of CBN’s “World Cup Stories” series

Documento y memoria en reportajes radiofónicos especiales: análisis de la estructura de la serie “Historias de la Copa del Mundo” de CBN

Arnaldo Zimmermann

Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo a reportagem radiofônica especial e seu potencial de se transformar em documento, criando memória sonora através de sua estruturação em série, dividida por capítulos. O objetivo geral é refletir sobre o formato, que permite resgatar acontecimentos históricos e contextualizá-los na contemporaneidade. A metodologia utilizada é o estudo de caso, com análise documental e revisão bibliográfica, com subsídios da história. O corpus da pesquisa é composto por setenta e cinco capítulos da série de reportagens especiais da Rádio CBN sobre as histórias da Copa do Mundo de futebol masculino. O percurso teórico e metodológico da pesquisa aborda especificidades da reportagem especial, estrutura narrativa, tipologia e acontecimento jornalístico, além de hipertextualidade e memória. Como resultado, evidencia-se o potencial do

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 04/11/2024. Aceito em: 22/12/2024

>> **Como citar este texto:**

ZIMMERMANN, Arnaldo. Documento e memória em reportagens radiofônicas especiais: análise sobre a estrutura da série “Histórias da Copa do Mundo” da CBN. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 173-200, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Arnaldo Zimmermann

arnaldozimmermann@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7128-6857>

Professor da FURB – Universidade Regional de Blumenau. Jornalista, doutor e mestre em Jornalismo (UFSC). Especialista em Publicidade (FURB). Graduado em Jornalismo (UNISOCIESC) e Letras (FURB). Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio – Girafa/UFSC/CNPq.

formato para resgatar fatos históricos e contextualizá-los sob uma perspectiva contemporânea.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Reportagem Radiofônica Especial; Memória; Copa do Mundo; CBN.

Abstract

This article has as its object of study is special radio reportage and its potential to become a document, creating a sound memory through its structure as a series divided into chapters. The general objective is to reflect on the format, which allows the recovery of historical events and contextualize them in contemporary times. The methodology used is the case study, with document analysis and bibliographic review, with support from history. The research corpus consists of seventy-five chapters of the series of special reportages by Rádio CBN about the history of the men's football World Cup. The theoretical and methodological path of the research addresses specificities of the special reportage, narrative structure, typology and journalistic event, as well as hypertextuality and memory. As a results, highlight the potential of this format to retrieve historical facts and contextualize them from a contemporary perspective.

Keywords: Radio journalism; Special radio reportage; Memory; World Cup; CBN.

Resumen

Este artículo tiene como objeto de estudio el reportaje radiofónico especial y su potencial para convertirse en documento, creando memoria sonora a través de su estructura en serie, dividida en capítulos. El objetivo general es reflexionar sobre el formato, que permite rescatar hechos históricos y contextualizarlos en la contemporaneidad. La metodología empleada es el estudio de caso, con análisis documental y revisión bibliográfica, con aportes de la historia. El corpus de la investigación se compone de setenta y cinco capítulos de la serie de reportajes especiales de Radio CBN sobre la historia de la Copa Mundial de Fútbol Masculino. El camino teórico y metodológico de la investigación aborda especificidades del reportaje especial, estructura narrativa, tipología y evento periodístico, además de hipertextualidad y memoria. Como resultado, se evidencia el potencial del formato para rescatar hechos históricos y contextualizarlos en una perspectiva contemporánea.

Palabras clave: Radioperiodismo; Reportaje radiofónico especial; Memoria; Copa Mundial; CBN.

Introdução

A reportagem radiofônica especial agrega características como profundidade no conteúdo, multiangulação sobre os fatos e interpretação ampliada da realidade. No entanto, a possibilidade de ser produzida como um formato compacto lhe permite a transmissão em horários com ritmo de *breaking news*, principalmente quando sua temática está relacionada a assuntos de grande repercussão no período de exibição.

Quando apresentada de forma seriada, com episódios em horários fixos da programação, a reportagem especial ganha uma atenção extra do público, notadamente em produções com módulos entrelaçados, gerando expectativas para o próximo capítulo. O formato agrega maior valor ainda, na contemporaneidade, devido ao seu reaproveitamento ou republicação junto às plataformas digitais das emissoras de rádio. Ao serem planejadas para ambos os ambientes, essas produções auxiliam no papel de documento, de formação de memória e com alto poder de acumulação, justamente devido ao seu caráter assíncrono e sua validade editorial estendida.

Este artigo analisa a série de reportagens especiais da Rádio CBN, intitulada “Histórias da Copa do Mundo”, composta por setenta e cinco capítulos¹. A série foi veiculada na rádio e publicada na web em 2022.

O objetivo geral deste trabalho é buscar reflexões sobre o potencial da reportagem radiofônica especial produzida em série, abordando um tema popular no Brasil como o futebol, resgatando acontecimentos históricos, gerando memória, estabelecendo elos com a contemporaneidade e se constituindo como documento. O objetivo específico é verificar a estrutura do produto reportagem especial da Rádio CBN, que transita por diferentes períodos da história ao longo dos séculos 20 e 21, tendo a maior competição de futebol do planeta como fato nuclear, orbitando em torno de si inúmeros antecedentes e desdobramentos interligados. O método escolhido para a pesquisa é o estudo de caso, apoiando-

¹ Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/383695/75-bicampeonato-frances-na-russia-simboliza-forca-.htm>

se na técnica de análise documental e revisão bibliográfica, com subsídios da história.

Reportagem radiofônica especial

A reportagem radiofônica especial normalmente tenta esgotar um fato, com um grau maior de aprofundamento dos temas e uma multiangulação capaz de diversificar vozes e visões sobre determinado acontecimento. A contextualização é um ponto-chave dessa modalidade radiofônica, já que sua realização atenta sobre as causas e consequências do assunto que aborda, interpretando de forma ampliada os fatos que merecem ser lembrados (Ferraz; Basso, 2013). Kaplún (2017) compara a reportagem radiofônica especial com o texto jornalístico mais aprofundado, publicado junto a fotografias e ilustrações na mídia impressa.

A transição do singular para o particular e o universal é mais frequente na estrutura da reportagem especial, diferentemente do que costuma ocorrer em outras modalidades e formatos do radiojornalismo, como boletins e notícias, por exemplo. As possibilidades de recursos textuais e sonoros também diferenciarão a estrutura da reportagem especial das demais modalidades dentro do formato.

No entanto, mesmo fugindo à lógica comum do *lead* no noticiário diário, características similares de estruturação costumam estar presentes em todas as reportagens radiofônicas. Herrera Damas (2007) propõe, como estrutura básica da reportagem, uma abertura que focalize o tema e capte a atenção do ouvinte, um desenvolvimento que organize os argumentos, dados e interpretações, e ainda um fechamento que reforce a ideia principal.

A autora cita as seguintes possibilidades de abertura: em forma de resumo do conteúdo, de maneira informativa; como um sumário, com uma lista de elementos ou fatos que farão parte do desenvolvimento; narrativa, quando inicia com uma história que exemplifique ou esteja ligada ao tema da reportagem; de forma descritiva, quando apresenta alguns detalhes do local ou das pessoas envolvidas; por contraste, que pode ser um comparativo entre fatos diferentes;

com uma pergunta, que muitas vezes pode ser retórica; de apelo direto, quando se dirige diretamente ao ouvinte utilizando a segunda pessoa; de citação, de preferência com uma citação em áudio da fonte ou testemunha envolvida; dedutiva, passando do geral para algo particular; de paródia, citando alguma frase conhecida; de suspense, apresentando alguns elementos e revelando outros em seguida; simbólica, utilizando símbolos ou determinadas palavras para representar outra informação; e abertura de caso, passando do particular para o geral, exatamente o oposto da abertura dedutiva (Herrera Damas, 2007).

Já no desenvolvimento de uma reportagem, a sugestão de Herrera Damas (2007) tem os seguintes tipos: por blocos ou temas, separando uma situação em partes; de forma cronológica, como uma história contada na ordem dos acontecimentos; de maneira dialética ou com contrapontos, quando se apresenta a diversidade de argumentos e se explora as contradições de um fato; de cenas, quando o repórter descreve a superposição de cenas para ilustrar algo mais desconhecido de personagens ou situações; de casos, com estrutura semelhante ao de cenas, mas que exponha em sequências casos distintos com algo em comum, como personagens diferentes vivendo uma mesma situação.

Quanto ao fechamento, há as seguintes situações: de retorno, quando termina com o mesmo elemento usado na abertura, como uma estrutura circular; de conclusão, que funciona como um resumo final dos elementos essenciais da reportagem; de caso, terminando com o destaque de determinada experiência, também ocorrendo de forma circular; com a moral da história, destacando a lição aprendida; de ação, que provoque no ouvinte o instinto de agir; de incógnita, que muitas vezes deixa uma pergunta no ar; de projeção para o futuro, quando abre possíveis situações que podem ocorrer a partir daquele momento; fechamento anticlimático, oxigenando o final e amenizando a tensão provocada pelo desenvolvimento da reportagem (Herrera Damas, 2007).

Para Ferraretto (2014, p.116), tanto a reportagem especial como a grande reportagem aparecem “como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano nos boletins dos

repórteres de uma emissora de rádio”. São materiais radiofônicos pensados sobre eventos geralmente já concluídos, desvinculando-se da dinâmica das notícias do momento, mas surgindo a partir de questões atuais (Faus Belau, 1981). Em muitos casos, há a necessidade de incluir antecedentes dos fatos, explicar os conceitos e situações e até mesmo caracterizar personagens (Herrera Damas, 2007).

Embora haja o entendimento de que as reportagens sobre assuntos factuais são predominantemente informativas, é inevitável a observação sobre a natureza interpretativa nas produções de maior profundidade. A necessidade de comparar os fatos, fazer conexões com outros acontecimentos e projetá-los para o futuro é um dos objetivos do repórter para situar o ouvinte dentro do acontecimento, segundo Ferraretto (2014). É possível considerar que a reportagem especial esteja muito mais inclinada à interpretação dos fatos, tanto pelo seu conteúdo narrativo, como também por outros elementos adjacentes, incluindo tom de voz de narradores e captação direta ou reaproveitamento de ruídos do ambiente.

As reportagens radiofônicas especiais costumam ser gravadas e diferidas, com a narração de um repórter onisciente a partir de um estúdio, após todos os fragmentos serem selecionados e estarem prontos para um ordenamento lógico, a fim de buscar a compreensão mais ampla possível sobre o fato, como recomenda Prado (1989). No entanto, a perda da sensação de urgência, típica das emissões ao vivo, é compensada pela montagem com a narração dos acontecimentos, entremeada por entrevistas em forma de sonoras e outras amostras compactas dentro de um roteiro estruturado.

Outra característica usual por emissoras de rádio é que as produções das reportagens especiais sejam apresentadas em capítulos, como a exibição de uma série que busque explorar um tema mais amplo dividido em fatos episódicos, mas que tenham uma relação entre si. Ortriwano (2002-2003) cita essa serialização para dividir o assunto em partes, levadas ao ar uma vez por dia e depois podendo haver uma repetição em edição integral no final de semana.

Há várias classificações possíveis quanto à tipologia das reportagens, mas para observarmos, neste trabalho, a dinâmica das narrativas em materiais com maior ou menor aprofundamento, destacamos três tipos principais, apontados por Martínez Albertos (1983) e Sodré e Ferrari (1986) e válidos para todas as reportagens jornalísticas: a reportagem de fatos (*fact-story*), a reportagem de aço (*action-story*) e a reportagem documental (*quote-story*).

De acordo com Sodré e Ferrari (1986), a reportagem de fatos   objetiva e inicia pelo fato principal, tal como na notícia. O tempo segue normal, pois está submetido à sucessão de importância dos critérios da pirâmide invertida. Martínez Albertos (1983) diz que é como se o jornalista escrevesse sua reportagem de fora do evento, como um observador que contempla o objeto de sua história como um todo acabado.

A reportagem de aço pode seguir ordem cronológica de acontecimentos, mas começa pelo fato mais atraente. Na *action-story* o tempo é acelerado, pois a intensidade está centrada apenas nos detalhes que se referam   aço, segundo Sodré e Ferrari (1986). O importante nesse tipo de reportagem é que o desenrolar dos acontecimentos envolva o espectador, com o repórter deixando de ser mero observador e fazendo "parte da narrativa" (Sodré; Ferrari, 1986, p.52), contando a história de dentro dos acontecimentos (Martínez Albertos, 1983).

Já a reportagem documental utiliza um texto objetivo com cita es que complementem e esclareçam o assunto tratado, como as reportagens investigativas e grandes reportagens. Há alternância entre a acelera o e o retardo do tempo, características comuns presentes no g nero literário (Sodré; Ferrari, 1986). Martínez Albertos (1983), por sua vez, refere-se   *quote-story* como uma reportagem com cita es ou com entrevistas, mas também com valor documental.

A série "Histórias da Copa do Mundo" e a metodologia do trabalho

Este estudo foi realizado com a escuta, transcri o e análise da série de reportagens da Rádio CBN "Histórias da Copa do Mundo", contendo setenta e cinco (75) capítulos. A série foi ao ar no espaço hertziano entre os dias 2 de maio

de 2022 e 12 de agosto de 2022, com edições diárias de segunda a sexta-feira, no Jornal da CBN, às 6h30 e reapresentada no programa Ponto Final CBN, às 18h30. Os capítulos também foram publicados no site nacional da Rádio CBN. A emissora produziu e veiculou a série, abordando a história desde a primeira Copa do Mundo de futebol masculino em 1930 até a Copa de 2018, a alguns meses do início do mundial de 2022. A CBN (Central Brasileira de Notícias) é uma emissora no formato *all news* e transmite predominantemente a partir da cidade de São Paulo (SP) em rede via satélite através de 42 estações de rádio² para todas as regiões do Brasil.

Os 75 capítulos, na ordem, receberam a seguinte denominação, separados aqui por edição do mundial:

Copa de 1930: A primeira Copa, em 1930; A construção do Centenário para a Copa no Uruguai; Copa 1930: Brasil eliminado na primeira fase e Uruguai campeão;

Copa de 1934: Sob o comando de Mussolini, a Itália sediaria a segunda Copa do Mundo, em 1934; Itália mostra a força de Mussolini e é campeã da Copa de 1934;

Copa de 1938: A Copa de 1938, às vésperas da Segunda Guerra Mundial; França, 1938: Itália bicampeã e a primeira terceira colocação do Brasil em Copas;

Copa de 1950: Em 1950, o Brasil é sede da primeira Copa pós-Segunda Guerra Mundial; O Maracanazo, em 1950;

Copa de 1954: Copa da Suíça, 1954: o Brasil pós-Maracanazo e o mundo em meio à Guerra Fria; Em 1954, a redenção da Alemanha nazista;

Copa de 1958: Suécia, 1958: pelas ondas do rádio, o primeiro título da Seleção; Os Heróis Negros da Copa de 1958; Na Copa da Suécia, surgia o maior jogador da história do futebol mundial; O fantástico verão para os suecos na Copa de 1958; Em 1958, o Brasil conquista sua primeira Copa do Mundo, na Suécia;

² Segundo o site da emissora, a Central Brasileira de Notícias (CBN) tem o potencial de atingir um universo de mais 94 milhões de brasileiros. Fonte: <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>. Acesso em 20 out. 2024.

Copa de 1962: Pelas forças de um brasileiro, Chile se recupera de terremoto e sedia a Copa de 1962; Copa do Chile, 1962: A Batalha de Santiago; Sem Pelé, machucado, Garrincha é o nome do Brasil na Copa do Chile; Em 1962, a primeira grande geração do futebol brasileiro era bicampeã mundial;

Copa de 1966: Pelo talento de Eusébio, Portugal vai a sua primeira Copa em 1966; A Copa de 1966 marcaria o fim da parceria Pelé e Garrincha; Chefiada por João Havelange, Seleção cai na fase de grupos da Copa de 1966; A polêmica Copa de 1966, que ainda segue muito viva no coração dos ingleses;

Copa de 1970: A demissão conturbada de João Saldanha às vésperas da Copa de 1970; Em 1970, a conquista do tri era usada como símbolo de vitória nacional pela ditadura; A reafirmação de Pelé como craque mundial na Copa do México (1970); Em 1970, a primeira Copa moderna; Em 1970, a Copa do Mundo era dominada pela técnica em verde e amarelo;

Copa de 1974: A Copa de 1974 marca a estreia de um novo troféu, simbolizado pelo futebol capitalista; Holanda elimina Brasil e se transforma na laranja mecânica; Em 1974, a Alemanha conquistava a última Copa com o Muro de Berlim de pé;

Copa de 1978: Argentina usa Copa de 1978 para fortalecer a ditadura militar; O Brasil foi chamado de campeão moral na Copa de 1978; Argentina conquista a primeira Copa em 78;

Copa de 1982: Em período de reabertura democrática, Espanha recebe a Copa do Mundo em 1982; Apesar de eliminada nas quartas de final, Seleção Brasileira marcou época na Copa de 1982; A histórica Tragédia do Sarriá; Do escândalo ao heroísmo no tricampeonato italiano: a trajetória de Paolo Rossi;

Copa de 1986: A mudança de sede da Copa de 1986; Em 1986, a desacreditada Argentina tinha Diego Maradona para o bi mundial; Sem suspeitas e ditadura, o incontestável bicampeonato da Argentina em 1986;

Copa de 1990: Copa de 1990: a menor média de gols em mundiais e o recorde de cartões vermelhos; Em 1990, Camarões é a primeira seleção africana a chegar nas quartas de final de uma Copa; A única vitória da Argentina contra o

Brasil em Copas e a eliminação em 1990; Na Copa da Itália, Maradona convoca os napolitanos a torcerem pela Argentina; Em 1990, alemães iam à quinta final em um intervalo de 10 Copas;

Copa de 1994: World Cup!; Copa de 1994 foi marcada por mudanças nas regras do futebol; Os craques da Copa dos Estados Unidos; Após 24 anos de jejum, enfim, o tetra;

Copa de 1998: Em 1998, Stade de France era construído com a promessa de desenvolvimento de Saint-Denis; Em 1998, o primeiro gol de ouro em Copas; Do corte de Romário aos pênaltis de Taffarel: a trajetória brasileira até a final de 1998; A convulsão de Ronaldo e a final de 1998; A conquista de 1998 traria à França a esperança de igualdade social;

Copa de 2002: Copa de 2002 marca a expansão do futebol pela FIFA para novos mercados; Em 2002, a Copa das zebras; A formação da 'família Scolari'; Em 2002, a Copa de Ronaldo Fenômeno;

Copa de 2006: Da suposta compra de votos a criação do 'padrão FIFA': a Copa de 2006; O oba-oba na preparação e o fracasso na Copa de 2006; No "último canto do cisne", Itália era tetracampeã em 2006;

Copa de 2010: Por Nelson Mandela, África do Sul mostrava a força do continente para o mundo em 2010; Felipe Melo e Dunga são tidos como os vilões da eliminação em 2010; Guiada pelo 'tiki-taka', Espanha vence sua primeira Copa em 2010;

Copa de 2014: 64 anos depois, o Brasil voltava a sediar uma Copa do Mundo; O caminho antes do 7 a 1, em 2014; Regida por Messi, Argentina é vice na Copa do Brasil; A história do 7 a 1; Trabalho de mais de uma década rende título à Alemanha;

Copa de 2018: Putin usa a Copa da Rússia para firmar o país como potência global; A introdução do VAR em Copas do Mundo; A manutenção de Tite após a derrota na Copa de 2018; Bicampeonato francês na Rússia simboliza a força dos imigrantes e descendentes.

A presença do futebol no rádio brasileiro remonta às origens desse meio

de comunicação popular, muito antes do desenvolvimento da reportagem e de sua evolução para distintas modalidades e tipos de emissão. Mesmo durante o caráter experimental do rádio, na década de 1920, há registros de informes radiofônicos sobre jogos de campeonatos de futebol, até seu desenvolvimento gradual, na década de 1930, com a profissionalização tanto do futebol como do próprio rádio (Guimarães, 2020).

Em 1925, muito antes de o público conhecer o que viria a ser uma transmissão de jornada esportiva, o radialista Amador Santos subiu no telhado de um galinheiro ao lado de um campo de futebol para poder transmitir alguns detalhes de uma partida do Fluminense para a Rádio Clube do Rio de Janeiro (Mostaro; Kischinhevsky, 2016). Um pouco mais tarde, em 1931, a Rádio Sociedade Educadora Paulista, através de Nicolau Tuma, ficou conhecida por ter sido a primeira a transmitir integralmente um jogo de futebol entre times de São Paulo e Paraná (Ribeiro, 2007), apesar de toda a precariedade técnica e limitação profissional daquele período. A imprecisão histórica sobre os feitos da época, no entanto, apontam algumas dúvidas sobre o pioneirismo, como seria o caso da Rádio Clube do Recife, que também teria realizado uma transmissão similar poucos dias antes de Tuma, em uma partida entre seleções de Pernambuco e Paraíba (Götz, 2020).

Mas foi na Copa de 1938 na França, que os brasileiros puderam acompanhar pela primeira vez o andamento de um mundial de seleções pelo rádio, com o locutor Gagliano Neto, que viajou com a delegação brasileira e fez a transmissão dos jogos pelas ondas radiofônicas (Lioi, 2022). A transmissão do primeiro jogo do Brasil, contra a Polônia, naquele mundial, ocorreu através da rede de rádios Verde-Amarela, que chegou a operar em cadeia com até 14 emissoras brasileiras (Rutilli, 2020).

De lá para cá, o jornalismo esportivo evoluiu ao passo dos avanços do radiojornalismo brasileiro, integrando a programação em espaços para além das transmissões direto dos estádios. Noticiários, entrevistas, mesas redondas, vários formatos do jornalismo radiofônico, foram incorporados, aos poucos, à

cobertura esportiva. O jornalismo esportivo é pautado pela agenda do futebol, normalmente com todas as notícias estando relacionadas aos jogos que aconteceram ou acontecerão na semana (Barbeiro; Rangel, 2006).

No caso da série de reportagens da CBN analisada neste trabalho, há uma estruturação própria do radiojornalismo para reportagens especiais, com entrevistas em forma de sonoras, arquivos em áudio, dados históricos sobre os acontecimentos, efeitos sonoros, músicas e a narração onipresente do repórter/apresentador. Neste sentido, pelo conteúdo principal ser constituído por futebol, há um caráter misto entre jornalismo esportivo e investigativo, através da pesquisa histórica realizada, com a utilização de documentos antigos e depoimentos contemporâneos.

Por este motivo, o Estudo de Caso é a opção metodológica utilizada neste trabalho, com Análise Documental e Revisão Bibliográfica, com subsídios da história. Os estudos de caso se ocupam principalmente a fenômenos sociais contemporâneos (Yin, 2005), mas nosso objeto empírico conjuga uma perspectiva do tempo presente em relação a acontecimentos do passado. Como afirma Marialva Barbosa (2017), a história da comunicação não é diferente de qualquer história, já que busca uma compreensão contemporânea e “passa periodicamente por revisões, seja porque foi descoberto ao acaso um arquivo precioso [...] seja porque as inquietações do tempo obrigam a direcionar o olhar para o passado” (Barbosa, 2017, p.7). Portanto, nosso referencial teórico se expande até a investigação histórica, buscando observar acontecimentos passados a partir do presente, de acordo com o entendimento de Barbosa (2021, p.37) de que “historicidades [...] são processos entranhados nos modos de ser e estar no mundo”, como o sentimento de nosso tempo em relação a outros.

Como uma das orientações para a utilização do método Estudo de Caso, há uma representatividade do objeto pesquisado, pelo fato de que a emissora analisada é uma das principais redes nacionais voltadas integralmente ao jornalismo e produtora de reportagens especiais. A análise documental, por sua vez, utiliza os áudios veiculados no rádio hertziano e disponibilizados no site da

emissora. Na combinação de método e técnica (Moreira, 2006), há um ângulo formulado como método para a observação do produto final enquanto formação de documento. A técnica é aplicada na categorização da análise. A revisão bibliográfica deste estudo relaciona o conceito sobre o formato reportagem radiofônica, a perspectiva histórica e o suporte para a formulação das categorias e subcategorias de análise.

Das cinco categorias centrais de análise que utilizamos neste trabalho, três foram definidas para as reportagens veiculadas no rádio hertziano e duas para as publicações na web. As três categorias para o espaço hertziano são desmembradas em onze subcategorias, conforme vemos a seguir:

Estrutura da narrativa: duração da reportagem em áudio; quantidade de sonoras, entrevistados e fontes, verificando se há multiangulação a partir dos depoimentos; emissão simultânea/ao vivo ou diferida/gravada ou de forma mista e se há repórter no local do acontecimento (Prado, 1989); existência de documentos vivos ou reconstruções (Kaplún, 2017); estrutura básica, com os tipos de abertura, desenvolvimento e fechamento da reportagem (Herrera Damas, 2007);

Tipologia: caracterização como reportagem de fatos, reportagem de ação ou reportagem documental (Martínez Albertos, 1983; Sodré e Ferrari, 1986); identificação do tipo de reportagem; gênero predominante da reportagem, baseado nas categorias de gêneros jornalísticos de Marques de Melo (2009) e radiojornalísticos de Lucht (2009);

Acontecimento jornalístico: aprofundamento sobre o acontecimento relatado e a sua contextualização (Prado, 1989; Ferraretto, 2014; Erbolato, 1985); temporalidade da reportagem, sobre o espaço-temporal do fato social (Bergamo, 2011; Lobato, 2016) e previsibilidade do acontecimento.

Para as reportagens na página da emissora na web, adotamos duas categorias centrais, divididas em seis subcategorias, conforme a seguir:

Hipertextualidade: conexões com hiperlinks, verificando se a narrativa é linear ou multilinear (com condições de personalização); formas de integração

entre áudio, textos e hiperlinks; arquitetura da informação: divisão por blocos de informação e se os blocos são autoexplicativos e independentes com base em (Salaverría, 2019; Canavilhas, 2014); condições para propagabilidade através da interatividade (Jenkins, Ford; Green, 2014);

Memória: nível de aprofundamento da informação em relação à versão do rádio hertziano; forma de armazenamento, banco de dados, constituição de memória e função documental (Palacios, 2014).

Como esta pesquisa é de abordagem qualitativa, qualquer procedimento estatístico na análise é menos relevantes do que a observação sobre a integração entre os elementos analisados nas reportagens publicadas na página da emissora na internet com a sua versão correspondente veiculada no rádio hertziano. Desta forma, é possível conferir como a versão online da reportagem foi alterada em relação à versão do rádio hertziano.

Apresentação e análise das reportagens

Os setenta e cinco capítulos da série de reportagens “Histórias da Copa do Mundo” tiveram a alternância das narrações dos jornalistas Roberto Lioi, Vinícius Moura, Leonardo Dahi e Guilherme Pradella. Por se tratar da narração de um fato histórico, o repórter não está presente no local dos fatos e nem sua voz é destacada em perguntas durante as sonoras das fontes entrevistadas.

A partir das cinco categorias de análise e suas subcategorias definidas neste trabalho, apresentamos uma sequência de quadros-síntese da análise da série. No quadro 1, a seguir, apresentamos um resumo sobre a categoria “Estrutura da narrativa”, com a média de sonoras e fontes entrevistadas por capítulo, o modo de emissão, a estrutura básica de abertura, desenvolvimento e fechamento de cada capítulo, a duração média e a relação entre documentos vivos e reconstruções sonoras.

Quadro 1: Síntese da análise da estrutura da narrativa da série de reportagens “Histórias da Copa do Mundo” – rádio hertziano

Reportagem	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Capítulos 1 a 75	Média por capítulo: 4,28 sonoras; 2,69 fontes.	Diferida / gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	Abertura: Narrativa: 23 De citação: 19 Resumo de conteúdo: 13 Descritiva: 9 De caso: 8 Simbólica: 2 De contraste: 1 De paródia: 1 Desenvolvimento: Por blocos: 57 Cronológico: 17 De cenas: 1 Fechamento: De conclusão: 27 De projeção para o futuro: 15 De moral da história: 11 De retorno: 9 De incógnita: 9 De caso: 3 Anticlimático: 2	Média por capítulo: 2'40"	Média por capítulo: 4,21 documentos vivos (apenas 5 dos 321 documentos sonoros são reconstruções)

Fonte: Elaborado pelo autor

O modo de emissão é o diferido/gravado para toda a série. A produção adota uma estrutura comum com narração do repórter/apresentador, intercalada com sonoras e, alguns efeitos sonoros e muitas músicas e hinos, que auxiliaram na ilustração dos períodos históricos relatados. Adotamos o termo “sonora” para todas as gravações que contenham palavra falada, que podem ser tanto de fontes entrevistadas pela produção da série, arquivos de entrevistas ou mesmo outros arquivos de áudio como, por exemplo, trechos de narrações radiofônicas das partidas de futebol.

Na soma dos 75 capítulos da série, houve 321 sonoras, o que confere uma média utilizada de 4,28 por capítulo. Os capítulos variavam de duas até 17

sonoras. O alto número de áudios utilizados ocorreu como exceção, no capítulo 70, já que a produção aproveitou trechos de diferentes narrações radiofônicas para ilustrar a derrota da seleção brasileira para a Alemanha no mundial de 2014, em “A história do 7 a 1”.

No caso da utilização de sonoras de arquivos antigos, houve 105 no total, resultando em uma média de 1,4 por capítulo. No entanto, apenas 44 capítulos exploraram esse expediente, principalmente aqueles que abordaram os eventos mais recentes.

Sobre a utilização de fontes, houve um total de 202 entrevistados, uma média de 2,69 por capítulo. Várias fontes foram reaproveitadas para novos depoimentos em diferentes capítulos da série, como é o caso de historiadores, futebolistas e autores de livros sobre as copas. Os capítulos variavam de zero a cinco fontes. O baixo número de fontes jornalísticas em cada capítulo não amplia, de fato, a multiangulação sobre o evento, mas eleva a credibilidade do texto jornalístico ao incluir, preferencialmente, especialistas sobre o tema e testemunhas das edições do mundial.

Entre as 321 sonoras utilizadas, apenas cinco se referem a documentos reconstruídos: quatro traduções de depoimentos de estrangeiros e uma citação com aspas, emitida pelo apresentador. Mesmo utilizado de forma escassa nesta série, a reconstrução de documentos através da tradução do idioma é um recurso necessário, apontado por Kaplún (2017), quando não há outro documento no idioma de origem do público ouvinte. Neste caso, consideramos como documentos reconstruídos somente aqueles onde ocorreu tradução literal dos depoimentos dos entrevistados, já que, em outras situações, o apresentador apenas expos um resumo sobre o conteúdo da entrevista, o que não se caracteriza reconstrução.

Quanto à estrutura básica, de acordo com a tipologia sugerida por Herrera Damas (2007), há uma variação entre oito diferentes tipos de abertura, com maior predominância de introduções em forma de narrativa (23) e de citação (19). As aberturas no formato de narrativa ocorrem principalmente nas situações

em que o apresentador relata uma breve história sobre o local da competição, ou do jogo, ou mesmo de uma das seleções. Já os casos de citação se referem, predominantemente, a aberturas que contenham um arquivo de áudio com um trecho da fala de um personagem histórico da Copa ou a narração radiofônica do jogo, além de alguns usos de citações de historiadores. Em seguida, há a incidência de aberturas como um resumo de conteúdo (13), quando o apresentador deixa claro sobre qual assunto será abordado. A abertura de forma descritiva (9) apresenta detalhes específicos da competição, enquanto as aberturas de caso (8) também abordam especificidades, mas de casos mais particulares. Entre os tipos menos utilizados estão a abertura simbólica (2), a de contraste (1) e a de paródia (1). A soma chega a 76 porque foram aplicados dois tipos de abertura para uma das reportagens.

A reportagem desenvolvida por blocos é a predominante, com 57 das 75 analisadas. O padrão principal de divisão em blocos ocorre quando não há exatamente uma linearidade na narrativa, com a história sendo dividida em partes, que podem variar do geral para jogos específicos ou para depoimentos de especialistas e outros, intermediados pelo apresentador. O desenvolvimento em ordem cronológica foi menos utilizado (17), mas predominante quando o capítulo se ocupava de contar detalhes de uma partida de determinado mundial do início ao fim, ou da sequência das atuações de uma das seleções dentro de uma competição. O desenvolvimento do tipo de cenas foi observado em apenas um dos capítulos.

Quanto ao fechamento de cada reportagem, foram observadas sete possibilidades, com maior incidência para os encerramentos de conclusão (27), seguidos dos tipos de projeção para o futuro (15), de moral da história (11), de retorno (9), de incógnita (9), de caso (3) e anticlimático (2). Os fechamentos de conclusão, muito comuns em reportagens radiofônicas, foram mais utilizados nos capítulos em que um ciclo do tema era concluído, como por exemplo, a parte final de cada edição das copas ou da participação da seleção brasileira. A diferença entre os encerramentos que projetam um futuro e aqueles de incógnita

ocorrem entre certezas e dúvidas. Na primeira situação, os capítulos fechavam anunciando o que viria a seguir no torneio ou no próximo episódio. Na segunda, encerrando com algum mistério, normalmente um fato menos conhecido pelo público ouvinte naquele momento. Os fechamentos de moral da história tiveram sua semelhança com aqueles de conclusão, mas deixando alguma breve análise sobre a situação relatada a respeito da seleção destacada ou sobre algum fato daquele mundial abordado. Já nos encerramentos de retorno, frequentemente ocorria um desfecho com algum áudio semelhante à abertura, como uma citação ou a narração de um dos jogos. Os episódios com fechamento anticlimático ocorreram com trechos típicos de final feliz, após a narração sobre as tensões dos mundiais de 1958, para a seleção brasileira, e de 1966, para a seleção inglesa. A circularidade da mensagem também esteve presente nos encerramentos de caso. A soma chega a 76 porque foram aplicados dois tipos de fechamento para uma das reportagens.

No quadro 2, a seguir, apresentamos um resumo sobre a categoria “Tipologia”, com a definição de tipo e gênero de reportagem.

Quadro 2: Síntese da análise da tipologia da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Capítulos 1 a 75	Documental	Reportagem Especial	Predominantemente interpretativo

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 2, todos os 75 capítulos são caracterizados como reportagens documentais (*quote-stories*), pois utilizam pesquisa documental (Sodré; Ferrari, 1986; Martínez Albertos, 1983) sobre acontecimentos históricos e contemporâneos, além de entrevistas que buscam acionar memórias episódicas sobre determinados fatos ou explicar o fenômeno como um todo. Novamente, pelo fato de o repórter não poder utilizar a técnica

de observação direta ao acontecimento ou entrevistar testemunhas da época, há o cruzamento da narração baseada em documentos com depoimentos de historiadores, professores, jornalistas, escritores e jogadores, que auxiliaram na interpretação e na reconstituição dos fatos.

As reportagens são mais interpretativas do que informativas, pois cada fato narrado é seguido de explicação por parte das fontes ouvidas que, em alguns casos, também emitem opiniões a respeito dos acontecimentos. Os 75 capítulos da série são considerados reportagens especiais, com produção totalmente planejada e a utilização de pesquisa histórica, que lhes garante uma ampliação qualitativa dos fatos. Além disso, em boa parte dos capítulos analisados, há a presença de elementos, como música e efeitos sonoros que, junto com a narração do texto, auxiliam na reconstrução dos acontecimentos.

No quadro 3, apresentamos um resumo sobre a categoria “Acontecimento jornalístico”, analisando aspectos sobre aprofundamento, temporalidade e previsibilidade dos capítulos da série de reportagens.

Quadro 3: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Acontecimento jornalístico		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Aprofundamento	Temporalidade	Previsibilidade
Capítulos 1 a 75	Aprofundamento é breve em cada emissão isolada devido à duração curta da reportagem, mas contextualiza cada edição das Copas.	Relata um acontecimento histórico, com recorte temporal, limitado ao período de realização de uma edição da Copa.	Previsível, por se tratar de fatos históricos, de acontecimentos já conhecidos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 3, o aprofundamento sobre o tema é breve em cada uma das edições, se analisadas de forma isolada, pois a duração das emissões é curta e acaba apresentando um resumo do que ocorreu na competição ou recorta algum detalhe específico dos fatos. Porém, o nível de aprofundamento é ampliado se considerarmos o conjunto dos 75 capítulos, o que

garantiria certa desfragmentação de elementos episódicos. Há, no entanto, a contextualização dos fatos em cada edição de Copa do mundo. Além disso, apesar de nem sempre um capítulo dialogar diretamente com o outro, o contexto geral da história das copas é garantido por serem recuperados fatos que se interligam, como por exemplo, os desafios e o contexto político e social de países-sede e as performances de seleções vitoriosas, anfitriãs ou caracterizadas como sensações de cada competição.

A sequência de edições de copas do mundo ao longo de várias décadas não pode ser observada como um único acontecimento jornalístico, devido a uma série de conjuntos de fatores isolados que distinguem um evento ao outro e à dinâmica da temporalidade demasiadamente elástica, de 1930 a 2018. Tanto que a temporalidade nas reportagens pode ser observada dentro de cada edição da copa que, por vezes, abrangeu mais de um capítulo da série. Assim, o acontecimento histórico se isola dentro de cada competição, apesar de suas consequências aos torneios posteriores também ocorrerem de forma indireta.

A previsibilidade do acontecimento ocorre por ser um fato histórico e de conhecimento público, como resultados dos jogos, campeões dos torneios e até mesmo peculiaridades sobre determinados atletas. Entretanto, o trabalho jornalístico buscou explorar detalhes até então menos explorados sobre o contexto político e social de cada Copa, como também sobre algumas consequências geradas pelos eventos.

Os 75 capítulos da série de reportagens analisadas e que veicularam no espaço hertziano da Rádio CBN também foram inseridos no site da emissora entre 02/05/2022 e 12/08/2022, em publicações diárias entre segundas e sextas-feiras, de acordo com a veiculação das reportagens na emissora. Há um determinado padrão adotado em todos os capítulos da série. O quadro 4, a seguir, resume a questão da hipertextualidade na série de reportagens:

Quadro 4: Síntese da análise sobre hipertextualidade da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN

	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade
Capítulos 1 a 75	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

O áudio das reportagens foi acompanhado de um pequeno texto introdutório e imagem relativa à edição da Copa que foi tema de cada capítulo. Na figura 1, a seguir, apresentamos um dos exemplos entre as 75 reportagens, que mantiveram os padrões de publicação no site da emissora, com texto, imagem e botões de acionamento e compartilhamento:



Figura 1: Publicação da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN
Fonte: Rádio CBN. <https://encurtador.com.br/d57qZ>. Acesso em: 25 out. 2024

Em todos os capítulos analisados, o padrão de publicação é o mesmo: não há hiperlinks no texto, que é curto e praticamente separado do áudio como blocos sequenciais. Não há tagueamento (*tags*), mas apenas links para “conteúdo

relacionado”. Sem hiperlinks, há a dificuldade, inclusive, de navegar entre os 75 arquivos no site da emissora, a não ser realizando busca por palavras-chave.

O áudio pode ser ouvido por *streaming*, com disponibilidade de *download*. As condições de propagabilidade são garantidas pelos botões de compartilhamento para redes sociais, e-mail, etc. O quadro 5, a seguir, resume como é constituída a base de memória na versão da web das reportagens:

Quadro 5: Síntese da análise sobre memória da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN

Categoria de análise: Memória		
Subcategorias de análise		
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Capítulos 1 a 75	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.

Fonte: Elaborado pelo autor

Não há ampliação do aprofundamento das reportagens pela publicação no site, pois o texto possui apenas uma função de introdução, mas o suficiente para compor o armazenamento junto às imagens e o áudio das reportagens completas. Por se tratar de uma série que aborda a história do futebol e das copas do mundo, as imagens em cada publicação contribuem para o incremento da constituição de memória no conjunto da produção. No entanto, a indexação hipertextual, defendida por Palacios (2014) e Salaverría (2005), para cumprir uma função documental e formar memória, não ocorre em tais publicações, que não prioriza características hipermediáticas e elementos parassonoros³.

A conexão entre passado e presente através da série de reportagens

O resgate de aspectos singulares de cada edição da Copa do Mundo de futebol masculino através da série de reportagens da CBN evidencia o acionamento da memória sobre fatos distantes e já acabados através do olhar do tempo presente. A sensação de que o passado está mais próximo do presente,

³ O termo “parassonoro” é utilizado por Kischinhevsky e Modesto (2014) para elementos multimídia, como fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações que compõem uma publicação radiofônica na internet, mas mantendo a sua predominância sonora.

mesmo em uma distância temporal de 92 anos entre a primeira Copa do Mundo e a exibição da série, pode ser atribuída às particularidades entre os eventos, que possuem como fator central o futebol. É nesta transição entre o singular, caracterizado pelas especificidades de cada disputa, e o particular, relacionado entre fatores comuns que guiaram cada mundial, que é possível alcançar a universalidade, só percebida no conjunto dos 75 capítulos, quando o significado geral é atribuído no relato histórico como um todo. E essa amarração é reforçada pelos diferentes tipos de abertura, desenvolvimento e fechamento de cada capítulo, conforme observamos em cada um deles e em seu entrelaçamento.

Soma-se a isto, como um fator também preponderante no elo entre passado e presente, o fato de que o jornalismo funciona como memória sob dois aspectos: o relato sobre o passado e a produção de novas memórias através do registro sobre o presente. Ou como cita Palacios (2014, grifo do autor), “o jornalismo é **memória** em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, **presente vivido** e transformado em notícia que amanhã será **passado relatado**”. Essa mesma memória, que funciona como um elo vivido no eterno presente (Sodré, 2009), que nos estimula a voltar o olhar ao passado para poder compreender o mundo contemporâneo (Barbosa, 2017).

Neste sentido, há uma base documental poderosa na série da CBN sobre os mundiais de futebol, que agregam registros sonoros de arquivo, com depoimentos atuais, formulados por especialistas na área. É o elo temporal reforçado, quando se observa o acontecimento através de múltiplos olhares, de tempos distintos e com o frescor da atualidade.

Apesar de a série não buscar aprofundamento na internet para além daquilo que foi difundido no espaço hertziano, somente o fato de estar disponível em plataformas digitais já faz com que a efemeridade seja superada e os velhos documentos narrados sejam ressignificados pelo tempo presente. Como cita Canavilhas (2004, p.7), isso ocorre quando o material jornalístico “perde a sua natureza perecível e ganha uma segunda vida”, fazendo história, ganhando novas

propriedades e passando a “constituir uma unidade de memória”.

Considerações finais

Este artigo buscou algumas reflexões acerca da série “Histórias da Copa do Mundo”, com 75 capítulos produzidos como reportagens especiais na Rádio CBN. A memória sonora está presente nessa modalidade de reportagem, com largo potencial para documentar fatos históricos através da perspectiva do tempo presente. Os relatos contemporâneos foram fundamentais em sua articulação com arquivos de áudio recuperados e a narrativa histórica. Há uma importante ressignificação dos fatos na materialidade final do documento, o que provoca no ouvinte uma capacidade mais ampliada de interpretação sobre realidades passadas no futebol e a expectativa sobre a competição que viria a acontecer nos meses seguintes.

Essa retrospectiva sobre todas as edições da Copa do Mundo de futebol em ano de competição estreita mais o laço entre os fatos atuais e seus antecedentes. A reportagem especial temática oportuniza a historicização de múltiplos acontecimentos que, neste caso, acabam se congregando em um acontecimento maior, que é o mundial de futebol, tema relacionado ao ano de exibição da série. Há também que se destacar a veiculação do áudio integrada entre o rádio hertziano e os suportes digitais, permitindo ao público sua inserção em lugares de memória dentro no novo ecossistema jornalístico.

Acontecimentos históricos ganham uma nova dimensão ao entrarem nas pautas de reportagens especiais, por possuírem fatos já concluídos e previsíveis, mas com lacunas para o surgimento de novas informações e interpretações. Há, neste sentido, uma desfragmentação de aspectos singulares de cada copa quando reinterpretados pela visão contemporânea. Nesta série, há os fatos singulares relacionados aos particulares dentro da própria emissão, pelos capítulos, ou entre a mesma edição da competição, A contextualização ocorre através da universalização do tema como um todo, no conjunto da série e sua relação com o mundial que não é abordado, que seria a Copa de 2022.

Um aspecto que auxilia a contextualização desta série é a utilização de

elementos que entrelaçam os capítulos, por isso a importância da análise sobre sua estrutura, com os diferenciados tipos de abertura, desenvolvimento e fechamento. Cada um dos modelos tipificados e aplicados assegurou a interdependência dos capítulos, preservando tanto a autonomia para quem os ouve isoladamente e de forma aleatória, como para quem os acompanha em sequência, na sua totalidade.

Quando falamos em documento e memória, é curioso observar que o futebol no rádio tem como uma das principais virtudes a sua relação com o tempo real, através das narrações ao vivo dos jogos disputados, algo que perde o sentido quando deixado para ouvir depois. Porém, é no próprio futebol, mágico em seu calor da emoção a cada lance narrado, que há a força documental da série com uma revisita a cada época, na observação de suas peculiaridades e no registro de cada etapa de transformação que foi construída para que essa modalidade esportiva chegasse ao estágio em que conhecemos na atualidade. Se nas transmissões ao vivo vale a performance do show se sobrepondo à informação jornalística, e se nos programas esportivos as convicções pessoais e profissionais de debatedores costumam flertar demasiadamente com a subjetividade, a série “Histórias da Copa do Mundo” conjuga fatos e opiniões, com base documental informativa e um olhar crítico lançado pela construção do tempo presente.

Mas como adverte Palacios (2014, p. 92, grifo do autor), que a memória, incorporada no relato histórico, “deixa de ser memória para ser provisória verdade: **verdade histórica**, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação”, novas contextualizações sobre o passado das copas do mundo ocorrerão, quando outros especialistas as analisarem sob a perspectiva de suas verdades provisórias, em outras temporalidades. E esta reflexão não deixa de fazer sentido para o rádio, que originalmente efêmero e de emissões provisórias, lança-se na atualidade a incorporar novas periodicidades, permitindo que memórias se prolonguem por mais tempo do que antes, mas ainda com prazos indeterminados.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Marialva. (org.). **Os manuscritos do Brasil** – Uma rede de textos no longo século XIX. Niterói-RJ: EDUFF, 2017.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 233-269, ago. 2011.

CANAVILHAS, João. **A Internet como Memória**. Covilhã, Portugal: 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. *In*: CANAVILHAS, João. (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014. p. 3-24.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

FAUS BELAU, Angel. **La Radio: introducción a um médio desconocido**. Madrid: Editorial Latina, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo; Summus, 2014.

FERRAZ, Nivaldo; BASSO, Eliane Fátima Corti. A reportagem especial no rádio: apontamentos, análise e reflexão sobre o programa Universidade no Ar. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 28, 2013, Bauru, SP. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM SUDESTE, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1185-1.pdf>. Acesso em 30 jun. 2024.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Narradores esportivos desbravadores do Brasil: pioneirismos entre as décadas de 1920 e 1960. EMERIM, Cárlica et al. (org.) **Comunicação e a historicidade das crises na história da mídia no sul do Brasil**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. p.601-621.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. *In*: RADDATZ, Vera Lucia Spacil. et al. (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. p. 79-95.

HERRERA DAMAS, Susana. La estructura del reportaje en radio. *In*: **Área Abierta**, Universidad Complutense, Madrid, n. 17, jul. 2007a. pp.1-22. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ARAB/article/view/ARAB0707230001A>. Acesso em 17 out. 2024

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. *In*: BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo (org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

LIOL, Roberto. (Apresentador). França, 1938: Itália bicampeã e a primeira terceira colocação do Brasil em Copas. **Histórias da Copa do Mundo, CBN**. São Paulo: CBN, 2022. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/375034/7-franca-1938-italia-bicampea-e-primeira-terceira-htm>. Acesso em 29 de out. 2024.

LOBATO, José Augusto Mendes. Jornalismo e narratividade em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. **EJM, Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, Florianópolis, SC, v. 13, n. 2, pp. 66-77, jul/dez. 2016.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos**: análise da rádio Eldorado de São Paulo, 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos no Brasil: O estado da questão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009. Curitiba, PR. **Anais[...]** São Paulo: INTERCOM, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>. Acesso em 12 set. 2024.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. **Curso General de Redacción Periodística**. Madri: Editorial Paraninfo, 1998.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **LIS Letra. Imagen. Sonido. Ciudad Mediatizada**, Buenos Aires, n. 15, 2016. p. 147-165.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de uma história. In: **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez/fev 2002-2003.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014, p. 89-110.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1989.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RUTILLI, Marizandra. A Rede Verde-Amarela, o pioneirismo esquecido da família Byington. RADDATZ, Vera Lucia Spacil et al. (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. p.62-78.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística em internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, Ramón. Digital journalism: 25 years of research. Review article. **El profesional de la información**, León, v. 28, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>. Acesso em: 25 out. 2024.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 4.ed. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. Tempo e Acontecimento. *In*: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Marcio; MORAIS, Osvando José de (org.). **Comunicação, Educação e Cultura na era digital**. São Paulo: Intercom, 2009. Pp.21-34

YIN, Robert Kuo-zuir. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

RESENHA

Intersecções sonoras: o podcasting e suas implicações na mídia australiana

Intersections of sound: podcasting and its implications for Australian media

Intersecciones sonoras: el podcasting y sus implicaciones para los medios de comunicación australianos

Gessiela Nascimento da Silva

A popularidade dos podcasts na Austrália tem crescido, principalmente quando observamos o fator idade. Os dados da Advanced Audiences (Nielsen, 2024) indicam que o grupo etário com maior consumo do formato é o de pessoas com 60 anos, no qual obteve um aumento de 49% entre junho de 2023 e 2024. No mesmo período, a popularidade geral dos podcasts apresentou um crescimento de 16%.

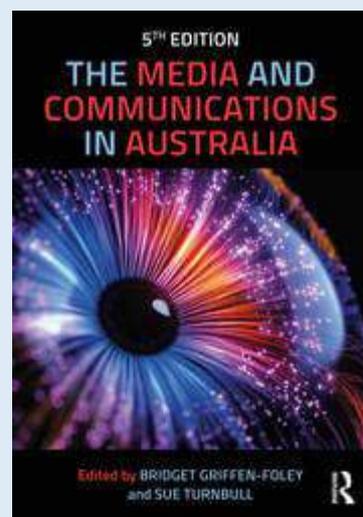
Essas tendências e interseções são abordadas na quinta edição de *The Media and Communications in Australia* (2024), organizada

>> Como citar este texto:

SILVA, Gessiela Nascimento da. Intersecções sonoras: o podcasting e suas implicações na mídia australiana. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 201-209, out./dez. 2024.

Livro resenhado:

The Media and Communications in Australia



Sobre a autora

Gessiela Nascimento da Silva

gessielan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2446-3443>

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, (PPGJor/UFSC). Bolsista Capes. Integra os Grupos de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp/UFMA), Rádio e Política no Maranhão (RPM/UFMA) e Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (UFSC/CNPq).

pela Bridget Griffen-Foley e Sue Turnbull (2024). A obra oferece uma análise detalhada das transformações nas indústrias de comunicação australianas, enfatizando mudanças estruturais impulsionadas pela digitalização, aumento da produção e consumo de podcasts, além de discutir as continuidades, quanto às rupturas nos modos de consumo e na produção de conteúdo.

A obra de 640 páginas é estruturada em três partes: a primeira, “abordagens”, explora a história da mídia na Austrália, audiências e regulamentações; a segunda, “indústrias”, foca os meios de comunicação sob o viés mercadológico; e a terceira, “tópicos quentes”, discute temas como diversidade, ética, segurança, algoritmos, monetização e o futuro da mídia. Ressalta-se que este resumo enfatiza a seção “indústrias”, dedicada ao formato sonoro, suas interações com o meio comunicacional e as implicações para o futuro.

Partindo do contexto histórico do formato, o início dos anos 2000 representa um marco relevante para o desenvolvimento do consumo de áudio digital. Kischinhevsky (2024, p. 17) observa que “Hammersley questionava se esse novo consumo de rádio online deveria ser chamado de algum modo mais específico”, sugerindo termos como podcasting¹, audioblogging ou guerrilla media. No cenário australiano, ao analisar a evolução das mídias, Turnbull (Capítulo 1) argumenta que a digitalização ao longo das últimas três décadas – ou seja, bem antes da criação do podcasting – representa não apenas uma transformação tecnológica, mas também uma reconfiguração das relações de poder na comunicação.

Acompanhando essa linha, Griffen-Foley (2024) apresenta no segundo capítulo uma breve história da mídia australiana, abordando desde o rádio até as plataformas digitais. No que se refere à radiodifusão, a Austrália deu seus primeiros passos entre o final de 1923 e o início de 1924, com a criação de nove emissoras licenciadas. Segundo Barrett (2024, online), essas “transmissões de vozes públicas sinalizaram o potencial do rádio como um meio de comunicação

¹ Primeira menção ao termo em 2004.

transformador”².

Na década de 1920, o uso do rádio experimentou “um crescimento explosivo. Em cinco anos, o número de ouvintes licenciados aumentou de modestos 1.200 para mais de 300.000, evidenciando o apelo generalizado do rádio”³ (Barrett, 2024, online). Em pesquisa realizada em julho de 2024, constatou-se que “o rádio AM/FM/DAB+ no ar ou online agora alcança 81% dos ouvintes semanais de áudio com mais de 12 anos na Austrália, com engajamento significativo em todos os grupos demográficos”⁴ (Edison Research, 2024, online).

Apesar do crescimento do meio radiofônico, o podcasting destaca-se como uma resposta às limitações das mídias tradicionais. E nesse enquadramento de “mídias tradicionais” em relação às “novas mídias”, Gerard Goggin (2024), no terceiro capítulo, discute a transição para o que denomina de *Australian Media 2.0*. Segundo o autor, a internet e as plataformas digitais estão transformando o cenário midiático, promovendo maior interatividade, agilidade e personalização.

Contudo, Goggin (2024, p. 18) avalia que, na era da “Mídia 1.0”, “era muito mais fácil distinguir entre diferentes tipos de indústrias, culturas de mídia e práticas”⁵: a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema, por exemplo. Em contraste, a “Mídia 2.0” é caracterizada por um aspecto “bagunçada”. Ainda assim, Goggin (2024) convoca os estudantes de comunicação, especialmente na Austrália, a entenderem e pesquisarem essas transformações.

² No original: Such a promising debut of public voice transmissions signalled radio’s potential as a transformative communication medium.

³ No original: The 1920s witnessed explosive growth in radio usage. Within five years, the number of licensed listeners swelled from a modest 1,200 to over 300,000, a testament to radio’s widespread appeal.

⁴ No original: AM/FM/DAB+ radio over the air or online now reach 81% of weekly audio listeners age 12+ in Australia, with significant engagement across all demographics.

⁵ No original: Previously, it was much easier to distinguish between different kinds of industries, media cultures and practices as they had evolved over decades, on the one hand, and emergent industries associated with information and communication technologies, on the other hand.

Apesar das críticas, o autor observa que, no contexto digital e convergente no qual o podcasting se insere, as instituições públicas, como organizações, universidades e agências de pesquisa, desempenharam papel fundamental ao impulsionar a inovação e consolidar um ambiente midiático mais diversificado na era “2.0”. Para Goggin (2024, p. 28), embora “o estudo da mídia seja um empreendimento desafiador, continua sendo crucial essa compreensão crítica da tecnologia”⁶.

No contexto do podcasting, a tecnologia e a convergência se entrelaçam com a relevância social e a cultura. Nesse sentido, Kischinhevsky (2024, p. 63) provoca: “de que cultura falamos, afinal?”.

Nesse contexto, faz sentido falarmos em uma “cultura do podcast”? Acredito que sim, que a todo um circuito de cultura em torno desta prática, ainda que não haja um perfil único de podcaster nem de ouvinte de podcasts. Talvez devemos falar de “culturas do podcast”, no plural, uma vez que o podcasting abre desde a distribuição de conteúdos radiofônicos de emissoras tradicionais até novas práticas, como maratona episódios, passando pela recuperação de formatos que caíram em desuso nas ondas artesanais há décadas, como o radiodrama e o radiodocumentário.

Essa cultura mencionada por Kischinhevsky (2024, p. 68) é analisada por meio de “cinco grandes processos culturais que formam o circuito da cultura”: produção redesenhada, representação de novas vozes, identidade cultural e hipersegmentação, novas formas de consumo e lacunas regulatórias. Esses processos são essenciais para entender como o podcasting e outros formatos de mídia impactam as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. No contexto de *The Media and Communication in Australia*, os capítulos 11 e 12, dedicados ao rádio e ao podcasting, são fundamentais para compreender essa inter-relação entre formatos e suas influências.

Griffen-Foley e Lindgren (2024, p. 133), por exemplo, descrevem o rádio como um meio “imediatamente íntimo, portátil e barato, [que] regulou e marcou nosso dia, promoveu e moldou o consumo de música e ajudou a definir a agenda

⁶ No original: In all this, the study of media continues to be a challenging but crucial endeavour, in which critical understanding of technology is key.

política”⁷. Contudo, as autoras observam que, na Austrália, o rádio “foi talvez o meio mais negligenciado na literatura acadêmica sobre mídia e comunicação” (p. 133). Além disso, o rádio enfrentou desafios significativos ao longo dos anos, incluindo “enfraquecimento devido a sucessivas ondas de desregulamentação, falta de aplicação efetiva de padrões éticos e diluição das restrições de propriedade”⁸ (p. 142).

Apesar dessas dificuldades, “o rádio demonstrou uma notável capacidade de adaptação e inovação em uma era conectada. Hoje, há mais maneiras do que nunca de ouvir rádio, desde os serviços analógicos (AM e FM) até os serviços digitais e de streaming”⁹ (Griffen-Foley; Lindgren, 2024, p. 142). Essa adaptação é abordada no capítulo 12, onde Lindgren (2024) argumenta que o podcasting representa uma cultura diferente do rádio tradicional, por atender ao consumo por conteúdos sob demanda e oferece espaço para narrativas pouco exploradas. Essa mudança se reflete nos conceitos de “produção redesenhada” e “nova forma de consumo” analisados por Kischinhevsky (2024).

Os capítulos dedicados ao rádio e ao podcasting apresentam um ponto em comum: as autoras argumentam que, embora o rádio tradicional ainda mantenha sua relevância, foi compelido a adaptar-se às práticas digitais, criando uma convergência entre rádio e podcasting. Porém, mesmo essa convergência permitindo que produtores transitem entre formatos, revela outro elemento: a fragmentação da audiência.

Tal questão é explorada em profundidade no capítulo 7, onde Chris Comerford e Renée Middlemost (2024) analisam as mudanças no

⁷ No original: Immediate, intimate, portable and inexpensive, radio has regulated and punctuated our day, promoted and shaped music consumption and helped to set the political agenda

⁸ No original: Commercial radio has been weakened by successive waves of deregulation, the lack of any effective enforcement of standards and ethical practice and the dilution of ownership restrictions.

⁹ No original: [...] radio has demonstrated a remarkable ability to adapt and innovate in a networked era. There are more ways than ever before to listen to radio, from analogue (AM and FM services) to digital and streaming services.

comportamento dos ouvintes. Segundo os autores, o público agora busca conteúdos mais especializados, personalizados e acessíveis, o que impulsiona o crescimento do podcast como uma mídia adaptável às preferências individuais. A “relação proximal entre quem produz e consome o conteúdo [...], o fazer parte e o interagir” são elementos centrais, uma vez que o “formato não depende de um fluxo de transmissão para ser ouvido, é livre, ilimitado e multitarefa”, permitindo que “o usuário realize outras atividades [...] com acesso ao material de forma online e offline” (Silva, 2022, p. 37).

Já outro aspecto relevante trabalhado no livro é o uso do podcast por/em comunidades indígenas. No Brasil, temos “266 povos [...] falantes de mais de 150 línguas diferentes” (National Geographic, 2023, online) e a primeira iniciativa voltada para os povos originários é o “Copiô, Parente, produzido desde março de 2017 pelo Instituto Socioambiental (ISA). [...] O programa é de curta duração, e há participação de indígenas para comentar, informar e dar depoimentos” (Silva; Alencar; Sousa; Rocha, 2022, p. 66).

Na Austrália, o podcasting tem sido utilizado pelos indígenas como uma plataforma para promover narrativas não hegemônicas, dando visibilidade a questões que antes não encontravam espaço na mídia mainstream, conforme aponta Bronwyn Carlson (2024) no quinto capítulo. É importante assinalar que o formato é um dos principais trunfos dessa mídia emergente, evidenciando sua relevância social e política para os diversos grupos. Isso também reflete uma das características do circuito da cultura: a representação de outras vozes (Kischinhevsky, 2024).

Mas, ainda nessa teia, é possível se deparar com um aspecto estritamente ligado ao crescimento do podcast na Austrália, no Brasil e no mundo, a lacuna regulatória. Stuart Cunningham (2024), no capítulo 6, intitulado *Policy, Regulation and Ownership*, examina as implicações da propriedade cruzada na mídia tradicional e como isso afeta o ecossistema digital. Segundo Kischinhevsky (2024, p. 119), essa questão compõe o circuito de cultura do podcasting, evidenciando que “não há qualquer transparência em relação à organização das

plataformas, como se estruturam seus bancos de dados e como funcionam seus sistemas de recomendação”.

Nesse contexto, a desinformação destaca os riscos associados à liberdade de expressão. A falta de regulamentação pode facilitar a disseminação de informações errôneas, além dos grandes conglomerados tentarem monopolizar a produção e distribuição de conteúdo digital, podendo levar a uma redução da pluralidade de vozes. Isso faz com que seja crucial promover a educação dos ouvintes, de quem produz conteúdo e ações combativas em todo o mundo, conforme aponta Sora Park (2024). Sem esquecer a importância da privacidade e da ética no ambiente digital – temas explorados por Kate Bowles (2024).

Complementando essa discussão, Brian Yecies (2024), no capítulo 30, examina os modelos de negócios no podcasting, trazendo esse olhar do futuro da mídia. Embora seja um meio de baixo custo de produção, sua monetização ainda se encontra em fase experimental, com estratégias que incluem patrocínios e assinaturas de ouvintes. Yecies (2024) reflete e tensiona sobre a sustentabilidade financeira e a natureza democrática do podcasting, evidenciando como essa mídia se equilibra entre oferecer acesso amplo e atender às demandas do mercado, uma linha entre diversidade e pluralidade.

Ainda no viés mercadológico, a análise de Deborah Lupton (2024) no capítulo 25, que aborda o impacto da Covid-19 na produção de conteúdo, mostra como os podcasts se tornaram uma fonte vital de informação durante crises. Essa adaptação ilustra a flexibilidade do formato e sua importância como meio de comunicação de emergência, especialmente em um contexto onde a desinformação pode ter consequências devastadoras. Nesse sentido, tanto na pandemia quanto em outras crises sanitárias, as “novas plataformas digitais representam mais um meio para a disponibilização de conteúdos jornalísticos na área da saúde. Isso é um fato no que se refere ao podcast [...]” (Bonixe, 2021, p. 94).

Dito isso, a busca por informação por parte dos cidadãos gera reflexões

sobre o futuro da mídia. No capítulo 31, Fiona Martin (2024) sugere que a sustentabilidade do podcasting deve incluir um compromisso com a diversidade e inclusão, abrangendo pautas, vozes, contextos e culturas. Um exemplo disso é a *National Broadband Network*, mencionada no capítulo 32, considerada um fator-chave na expansão do acesso à internet, essencial para o crescimento contínuo do podcasting.

Por fim, é possível considerar que o *The Media and Communications in Australia* (2024) é uma obra de referência que documenta a evolução das indústrias de comunicação e analisa criticamente o papel do podcasting como um agente de transformação social. A interconexão entre os capítulos oferece uma visão geral, permitindo aos leitores compreender não apenas o fenômeno do podcasting, mas também suas implicações mais amplas no ecossistema midiático australiano.

O livro destaca a necessidade de regulamentação, a luta pela monetização e o compromisso com a diversidade como temas centrais para assegurar que o podcasting continue sendo um espaço vibrante e inclusivo. Desse modo, a produção serve como um guia para entender as dinâmicas da mídia contemporânea, abrindo portas para futuras pesquisas e discussões, seja elas em âmbito local ou internacional.

Referências

BARRETT. The history of broadcasting in Australia. Barrett, 2024. Disponível em: <https://www.barrettcommunications.com.au/news/the-history-of-broadcasting-in-australia/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BRONIXE, Luís. Potencialidades do Podcasting no Jornalismo de Saúde – Uma Análise a Três Podcasts Sobre a Covid-19 em Portugal. **Comunicação e sociedade** [Online], 40 | 2021, posto online no dia 20 dezembro 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cs/5994>. Acesso em: 02 nov. 2024.

EDISON RESEARCH. The Infinite Dial 2024 Australia. Edison Research, 2024. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-infinite-dial-2024-australia/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

GOGGIN, Gerard. Australian media 2.0. In: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 18-33.

GRIFFEN-FOLEY, Bridget; LINDGREN, Mia. Radio. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 133-145.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast**: reconfiguração do rádio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

LINDGREN, Mia. Podcasting. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 146-155.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Quantos povos indígenas existem no Brasil? National Geographic, junho 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2023/06/quantos-povos-indigenas-existem-no-brasil#:~:text=Atualmente%2C%20no%20entanto%2C%20existem%20266,37%2C4%25%20do%20total>. Acesso em: 03 nov. 2024.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast mamilos**: Uma proposta de análise audioestrutural. 2022. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação/PPGCOM) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

SILVA, Gessiela Nascimento da; ALENCAR, Quezia da Silva; SOUSA, Isabel Maria Lima de; ROCHA, Ariel Santos da. Da aldeia para o mundo: a narrativa indígena no podcast Papo de Parente. **Temática**, [S.l.], v. XVIII, n. 12, dezembro 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>. Acesso em: 02 nov. 24.

YECIES, Brian. Monetisation and digital entrepreneurship. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 310-314.